Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Marcos Davi Duarte da Cunha

A Creta MinóicaO poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

C972 Cunha, Marcos Davi Duarte
A Creta minóica o poder da Talassocracia da realeza palaciana no mar mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.c. \ Marcos Davi Duarte Cunha – 2013.
260 f.

Orientadora: Maria Regina Candido.
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
. Bibliografia.

1. Creta (Grécia) – Antiguidades - Teses. 2. Civilização Grega – Teses I. Candido, Maria Regina. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 938

____________________________ ____________________
Assinatura Data

Marcos Davi Duarte da Cunha

A Creta MinóicaO poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em 25 de março de 2013.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Regina Candido
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Banca Examinadora:

____

Prof. Dr. Edgar Leite
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

____

Prof. Dr. Julio Gralha
Univesidade Federal Fluminense - UFF

Rio de Janeiro
2013

RESUMO

CUNHA, Marcos Davi Duarte da. *A Creta MinóicaO poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.*. 2013. 1 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A ilha de Creta exerceu o domínio das rotas nos mares Egeu e Mediterrâneo Oriental no que se denomina a *Talassocracia minóica*. Sua duração está situada no Período Minoano Médio para o Recente (séculos XVII e XVI a.C. ou MM III/Neopalaciano). A *Talassocracia Minóica* tinha a seu favor não somente as tecnologias de navegação, mas, também o fator geográfico, pois, Creta achava-se numa posição privilegiada para esse domínio das rotas, o que facilitava o escoamento de mercadorias para o reino de maior influência da época: o Egito. Com o domínio das regiões as Ilhas Cíclades no Mar Egeu, Creta obteve considerável mão-de-obra experiente nas artes de marear no que lhe proporcionará um fortalecimento e amplitude de raio de ação de sua frota no Egeu e no Mediterrâneo dominando importantes rotas de mar aberto como o exemplo da rota pelo Mar da Líbia. Com os contatos das realezas-palacianas de Creta e Egito os palácios da ilha experimentarão de um florescimento de sua cultura e conseqüentemente de um enriquecimento de suas dinastias que mantinham sob sua égide as práticas religiosas e a tributação nos locais de cultos dentro do próprio palácio. Tal realeza alicerça seus discursos na vindicação de um poder através do enlace divino de Zeus e a princesa Europa dos quais se originaria a dinastia minóica. Dentre seus rituais que chegaram até nós através das evidências arqueológicas havia as cerimônias sazonais das tauromaquias onde se celebrava a volta do período de navegação entre os equinócios tal como a temporada de colheita. Através do discurso do sagrado pela realeza-palaciana e seus contatos marítimos Creta emerge como uma civilização de aspectos consideráveis que exercerá um poder político com equivalências com seus contatos muito embora estivesse limitada numa estrutura geopolítica na qual sua dependência era visceralmente as rotas marítimas. Suas estruturas de governo aliada aos contatos comerciais com o Egito privilegiaram Creta na formação de uma marinha com considerável presença militar nas rotas afastando a pirataria e cobrando tributo de outros grupos marítimos que utilizavam tais rotas.

Palavras-chave: Talassocracia cretense. Minóicos. Comércio marítimo. Tauromaquia.

ABSTRACT

The Crete's island exercised the route domains at the Aegean and Eastern Mediterranean seas titled the *Minoan Talassocracy*. Its duration is situated in the Minoan Middle Period to the Early one (centuries XVII and XVI b.C. or MM III/ Neopalatial). The *Minoan Thalassocracy* had in its favor not only the navigation technologies, but also the geographic factor, whereas, Crete was in a privileged position to this domain of routes, what facilitates the outflow of goods to the kingdom of major: The Egypt. With the dominance of the regions of the Cicladic Islands at Aegean Sea, Crete acquired considerable experienced labour force in the art of sailing which will provide a strengthening and wideness in a ray of action of its fleets at the Aegean and Mediterranean dominating important routes of open sea, eg the route through the Libian Sea. With the contacts of palatial royalties of Crete and Egypt the palaces of the island will experience a florescence of their culture and consequently of an enrichment of their Dinasties which kept under their aegis religious practices and the taxations at the worship places inside the proper palace. Such royalty lay the foundation its speeches at the vindication of a Power through the divine union of Zeus and the princess Europe which would originate the Minoan dynasty. Among their rituals that came to us through archaeological evidences they had seasonal cerimonies of *tauromachies* where celebrates the return of the navigation period between the equinoxes such as the harvest time. Through the sacred speech by the palatial royalty and its maritime contacts Crete emerge as a civilization of considerable aspects that will carry out a political power with parity with its contacts even though it was limited in a geopolitical structure in which its dependency was viscerally the maritime routes. Their government structures allied to the trade contacts with Egypt favored Crete in the formation of a navy with considerable military presence on the routes standing back piracy and demanding tribute from other groups that used such routes.

Keywords: Cretan talassocracy. Minoics. Sea trade. Tauromachy.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	**CRETA, A SENHORA DO EGEU**	20
1.1	**Os Palácios-Templos de Creta e o Labrÿs**	30
1.2	**A Tauromaquia Cretense**	36
1.3	**O rapto de Europa de Sídon**	45
2	**"AS ILHAS DO GRANDE MAR VERDE"**	52
2.1	**As rotas do comércio entre Creta e o Egito**	52
2.2	**A marinha cretense**	58
2.3	**Os navegadores cicládicos**	64
3	**DISCUSSÃO SOBRE A TALASSOCRACIA MINÓICA (AS TALASSOCRACIAS SOB A ÓTICA DA HISTORIOGRAFIA)**	72
3.1	**Aspectos do poder militar da marinha minóica**	73
4	**CONCLUSÃO**	100
	REFERÊNCIAS	104
	ANEXO - Documentações Textuais e Imagéticas	110

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - A ilha de Creta com seus principais palácios e locais sagrados 20
Quadro 1 - Cronologia proposta por Arthur Evans 21
Planta 1 - Casa no Neolítico em Knossos 24
Planta 2 - Casa no Neolítico Recente em Knossos 24
Planta 3 - Planta do palácio de Knossos 25
Figura 1 - Imagens votivas de Knossos (deusas?) 26
Figura 2 - Representação do duplo machado (labrÿs). 28
Figura 3 - Representação de dimensões do grande solar por Evans 31
Fotografia 1 - Foto da posição onde se encontra o Grande Solar em Knossos. 31
Figura 4 - Anelo de Minos 32
Figura 5 - Anel de Mocklos 32
Figura 6 - Ideograma egípcio "Montanha" 32
Figura 7 - Detalhe do esquife de Giofyakia 32
Figura 8 - Detalhe de um vaso de argila 32
Figura 9 - Comparações de design entre o labrys e a ankh egípcio proposta por Nanno Marinatos 33
Figura 10 - Representações encontradas na Síria e na seqüência em Ugarit de selos onde se vê a cabeça de touro no alto da imagem (representação de céu). 33
Figura 11 - Sinete encontrado em Valphio 34
Figura 12 - Selo encontrado em Argos 35
Figura 13 - Selo escaravelho egípcio 35
Figura 14 - Cabeça emerge de uma flor de lótus no papiro de Nu 35
Figura 15 - Os saltadores do touro 36
Figura 16 - Seqüenciais de salto do touro 37
Figura 17 - Afresco de Knossos da área Oeste XIII 38
Fotografia 2 - Vistas da Grande Corte em Knossos 38
Fotografia 4 - Corredor da entrada Norte 39
Figura 18 - Seqüência do salto proposta por Evans 40
Figura 19 - Exemplos de sinetes com a representação de cenas da tauromaquia 41
Figura 20 - Representação por Johannes Hevelius da constelação de Touro 43
Figura 21 - Constelação de Touro e seu percurso na abóboda celeste 43
Figura 22 - Simulação de travessia da constelação na abóbada celeste 44
Figura 23 - O Rapto de Europa de Noël-Nicolas Coypel (1690-1734) 45
Mapa 2 - A travessia do Touro (Zeus) 47
Figura 24 - Representações do rapto de Europa por Zeus em cerâmicas gregas 48

Figura 25 - Cena dos saltadores de Avaris 53
Mapa 3 - O império egípcio e sua extensão. 55
Figura 26 - Frota de Hatshepsut a Punt 57
Figura 27 - Detalhe do afresco "desfile de barcos de Thera" 58
Figura 28 - Detalhe do afresco da representação do Kubernetes 58
Figura 29 - Sarcófago com representação de uma embarcação 59
Figura 30 - Sarcófago de Hagia Triada 60
Mapa 4 - Rotas marítimas do Mediterrâneo e Egeu 62
Mapa 5 - A ilhas Cíclades 66
Figura 31 - Frigideira votiva de Syros 68
Figura 32 - Frigideira votiva de Syros 68
Figura 33 - Representação de embacações militares 70
Figura 34 - representação de embarcações cicládicas 70
Figura 36 - Afresco dos ?peixes-voadores? localizado no palacete de Phylakopi na ilha de Mélos 75
Figura 37 - Fragmento de um pithos encontrado em Kolonna (Aegina) representando um vaso de guerra 77
Figura 38 - Representações de navios de guerra 77
Figura 39 - Afresco Akrotiri 81
Figura 40 - Espadas cretenses 82
Figura 41 - Pontas de flechas em bronze minóicas 84
Figura 42 - Embarcações cretenses 85
Figura 43 - Os meninos boxeurs de Thera 88
Mapa 6 - Área de influência de Creta no período minóico 89
Fotografia 5 - Sala do Trono em Knossos 95
Fotografia 6 - Exemplares de Pithos de armazenamento encontrados nas escavações de Knossos 96
Fotografia 7 - Baias de recolhimento de tributos do Palácio de Knossos 97

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Marcos Davi Duarte da Cunha

A Creta Minóica
O poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.

Rio de Janeiro
2013

Marcos Davi Duarte da Cunha

A Creta Minóica: O poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profª Drª Maria Regina Candido

Rio de Janeiro

2013

Marcos Davi Duarte da Cunha

A Creta Minóica: O poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política.

Aprovada em25 de Março de 2013.

Orientadora: Profª Drª Maria Regina Candido
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

____
Prof. Dr. Edgar Leite
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

____
Prof. Dr. Júlio Gralha
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2013

AGRADECIMENTOS

Uma obra não se constrói apenas pela ação de um homem. Ela se constitui de vários pedaços da grande colcha de retalhos do conhecimento humano e da troca de experiências entre as pessoas. Na compilação de ciência sempre temos aqueles que mais próximo estiveram acompanhando e percorrendo junto o caminho do nosso ofício.

Minha gratidão à Professora Doutora Maria Regina Candido por me fazer galgar as distâncias e procurar vencer minhas limitações sempre trazendo o desafio e necessidade de não aceitar o superficial para a vida. Mas, se arremeter aos ímpetos do oceano homérico sem temer as intempéries que sussurram esmorecer à vontade ao desbrave da doce arte de Clio.

Ao meu nobre amigo Professor Doutorando Alair Figueiredo e seu auxílio imprescindível para com esta obra. Seus grandes conselhos e sua incansável observação me ensinaram muito. E nas bravatas de todos os momentos difíceis enaltece em sua atitude o antigo ditado castro de que quando o que nos resta no campo de batalha não são mais as bandeiras ou os ideais, mas, sim a confiança no companheiro que está à sua direita e no companheiro que está à sua esquerda.

À professora Danielle Tavares pelas horas inúmeras de revisões e traduções no que também da paciência necessária de tamanhos momentos de concentração e preocupação típicos da necessidade requerida pelo estudo e seu carinho e companheirismo ao meu lado sempre.

Ao NEA-UERJ pela oportunidade de compartilhar e principalmente conhecer mais não só pelas páginas da leitura, mas, pelo convívio arrebatador muito raro no mundo quiçá no ambiente acadêmico. Louvo por todos vocês em minha vida!

Ao meu amigo Sr. Moisés C. Tavares por acompanhar meus passos acadêmicos desde o início, na manutenção desta nobre chama e irrefutável responsabilidade a mim confiada. Sempre acreditou.

Aos meus familiares que com compreensão relevaram aos azedumes de meus humores no tempo de minha odisséia deste curso.

RESUMO

DA CUNHA, Marcos Davi Duarte. **A Creta Minóica - O poder da talassocracia da realeza palaciana no Mar Mediterrâneo entre os séculos XVI e XV a.C.**, 2013. Dissertação (Mestrado em História Antiga na linha de pesquisa política e sociedade) - Instituto de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

De escuras vagas
Circúnflua jaz recunda e linda Creta,
Com cidades noventa e infindos homens
De língua mista: Aqueus, Cídones, Cressos
Indígenas de prol, divos Pelasgos,
Dórios cristados.

Homero – Odisséia Livro XVIII verso CXXXII

INTRODUÇÃO

"*Encontre-me um cretense que jamais viu o mar!*"[1]. Com esta frase o geógrafo Estrabão (63 a 24 a.C.) expressou o que era uma máxima comum entre os gregos de sua época. A inclinação natural da ilha de Creta para os assuntos do mar.

Os cretenses escreveram sua história através das linhas traçadas por suas naus no imenso e temível mar do Mediterrâneo e Egeu no que conquistaram mais do que entreposto pelos costados banhados por águas tão capciosas que só os mais experientes navegadores conseguiam decifrá-las. Conquistaram a posição de ser a primeira civilização a constituir de uma estrutura marítima com capacidade de ligar as linhas egéias de navegação, desbravadas por miríades antes do surgimento de seus palácios pelos marinheiros cicládicos, conhecidos por sua exímia nas artes de marear pelos perigosos arquipélagos de uma infinidade de ilhas e costas rochosas impetuosas contra os cascos de seus frágeis batéis de madeira. Restava a estes homens a capacidade de entender os que seus deuses maquinavam contra sua ventura pelas águas.

É naquela ilha mais perto do Oriente em que a divindade principal da Grécia tem sua mais fabulosa história. É a ilha escolhida para abrigá-lo ante a fúria de seu pai. Onde tem seus filhos com a princesa fenícia que o arrebatou o coração divino. É em Creta, como define Henri van Effenterre que a lenda e a realidade passeiam entre si construindo uma fascinante civilização que governou o mar Egeu e atravessou o Mediterrâneo[2].

Os contatos da Creta minóica com o Egito da XVIII Dinastia foram importante para o enriquecimento e fortalecimento das realezas-palacianas da maior ilha do Mar Egeu. Todavia, tais contatos não se fizeram apenas pelo poderio militar, mas, sua amplitude nos apresenta um grande aparato nas várias manifestações de poder humano naquela sociedade como a política e relacionamentos comerciais com outros grupos e suas práticas de discurso religioso com íntima relação às suas realezas-palacianas. Vemos através das evidências arqueológicas que a sociedade minóica tinha como inclinação comercial os contatos pelo mar no qual se demonstrava sua essencialidade em suas representações da sua nobreza-palaciana em afrescos e sinetes. Os mares Egeu e Mediterrâneos estavam para a Creta de Minos o que as rotas do Levante estavam para o Egito e seus contatos terrestres com as caravanas oriundas de vários rincões distantes trazendo os insumos desejados ao poderoso império no Norte da África.

---

[1] ESTRABÃO. ***Geographica,*** Leipzig: Ed. A. Meineke 1877. Livro X - Capítulo IV – Verso XVII.

[2] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Paris: Armand Colin. 1986.

O poder naval de Creta ecoou pelos tempos permeando os imaginários de outras cidades, reinos, estados, nações perpassando pelas concepções de governos até os dias atuais. Na personificação de um continente inteiro emerge o nome da jovem princesa capturada por um deus no que ocasiona do nascimento de uma dinastia emblemática indo além dos limiares da "poente" Europa. O papel de Creta nessa contemplação de uma origem sagrada remete-a até hoje como palco de uma essência de que é "ser Europa" tanto para o Mundo quanto para si mesma no que Z. Balman entende do "trazer as respostas" de um Mundo que percussivo à espera de algo; à espera de uma voz que aos poucos se perde[3].

Entender o que foi a presença marítima minóica no contexto das navegações do Egeu e Mediterrâneo vai além das estruturas de navios. As bases de uma talassocracia cretense abrangem a amplitude de sua própria sociedade e seus ritos. Seu entendimento com o mar é inclinação natural de seus habitantes no que evidenciam as narrativas míticas e seus diversos artefatos de representação social como os afrescos e os sinetes. O culto de sua religião focada num deus que atravessa o oceano com uma princesa a ser por ele desposada na qual surge às dinastias palacianas nos demonstram da estreita ligação como mar do cretense. Nisso se propõe nosso primeiro capítulo. É onde explanaremos as formações de uma estrutura de sociedade como preâmbulo no poder de suas navegações. Procuramos entender como a sua religião permearia esse discurso de poder da realeza-palaciana uma estrutura onde vigora a pessoa do sagrado do rei, responsável tanto pelo poder marítimo como da administração da ilha e seus habitantes.

Adotamos assim, como orientação dos estudos concernentes ao primeiro capítulo as teorias de Bronislaw Baczko no que concebe das praticas de um imaginário social que abrange as estruturas de uma sociedade no âmbito das mentalidades locais aliado aos preceitos políticos vindicando assim os poderes constituídos de domínio e comando das lideranças, em nosso caso as realezas-palacianas[4].

B. Baczko nos apresenta que a cultura seria um sistema de símbolos que expressam aspectos concernentes de uma realidade não só física, mas, social também. Tais símbolos para o pesquisador se relacionam com os preceitos estipulados pela realidade apresentada pela

---

[3] BAUMAN, Zygmund. ***Europa.*** Rio de Janeiro: Ed. J. Zahar, 2004.

[4] BACZKO, Bronislaw. ***A Imaginação Social.*** In Leach, Edmund Et AL. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Págs: 297 a 298.

sociedade[5]. Serão essas estruturas de imaginário que elaborarão as representações estabelecidas e a distribuição do papel do indivíduo e sua respectiva posição social no grupo[6].

Num período de florescimento da civilização egípcia com as retomadas da XVIIIª dinastia alavancando o comércio entre grupos onde Creta emergirá como palco principal das rotas de navegação entre os entrepostos do Norte no Egeu com as cidades egípcias do Delta do Nilo e suas possessões do costado levantino.

Demonstramos ali as explanações sobre os rituais como a tauromaquia em sua representação com o salto pelo touro de ritos a favor de suas colheitas como também do período onde era possível a travessia pelo Mar da Líbia, rota essencial para Creta a fim de comercializar com o Egito, rota também exclusiva à ilha tendo em vista de sua posição geográfica, o que a remetia às cobranças de tributos de outros grupos que necessitavam passar por ela.

Nesse ínterim, o capítulo apresenta a narrativa mítica do rapto da princesa fenícia Europa por Zeus, uma peça âmago de nossa pesquisa, pois é constituída de valores discursivos essenciais para a formação de identidade o que posteriormente seria absorvida no continente europeu pelas sociedades gregas como a exemplo da aristocracia ateniense num imaginário de origem divina vindicando seus centros de poder. Para o melhor entendimento da pesquisa, selecionamos algumas cerâmicas do período ateniense dos séculos V e início do IV a.C. onde podemos observar a apropriação da imagem do Rapto de Europa para o que entendemos como um discurso de origem de grupos sociais numa Atenas inclinada aos preceitos de mar, como identificamos nas falas de Tucídides enaltecendo as figuras de uma Creta já distante, mítica, como um elemento fomentador de uma necessidade em se dominar o mar por parte de Atenas.

Para análise dessas imagens em vasos, aplicamos o conceito metodológico proposto por Claude Bérard de Unidades Formais Mínimas. Segundo Bérard, as imagens possuem uma representação não só de uma história ou um conto local, mas, preconizam de toda uma estrutura de conceituação para seus usuários, ou seja, a imagem carrega todo um aparato discursivo sobre o que intenta passar como representação naquela sociedade que se identifica com a mesma. Dentre os mitos, particularmente os com ligação com Creta, vemos que a narrativa mítica de Europa e seu enlace sagrado são proficuamente representados nas cerâmicas atenienses do período analisado e não somente se restringindo à Atenas arcaica este mito perpassará diversos estágios de um continente que levará o nome dessa princesa cujos pés nunca pisaram em solo

---

[5] BACZKO, Bronislaw. ***A Imaginação Social.*** In Leach, Edmund Et AL. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Págs: 307 a 308.

[6] Ibidem: 309.

autenticamente europeu. Uma princesa oriunda do Oriente em uma região de efervescências históricas enraizadas nos diversos povos que por ali passaram até os dias de hoje.

Ao passo que chegamos ao segundo capítulo, veremos as estruturas de navegação e os contatos marítimos de Creta com seu principal negociante: o Egito. Que com a expansão de seu território ocasionará de um florescimento de suas cidades tal como o anseio de novos insumos diversos os quais as rotas marítimas poderiam suprir um Egito tentando afastar o fantasma da ocupação hicsa anos antes. Vemos que entre as práticas entre grupos como a realeza-palaciana cretense e a egípcia não vigoraria a relação periférica com Creta, mas, o Egito agiria com equivalências aos seus contratados de mar, os cretenses.

Neste capítulo sobre os contatos marítimos com o Egito, entendemos que as práticas de "*equivalências"* apresentadas pelo pesquisador Karl Polanyi emergem como sistema de intercâmbio de bens e insumos entre as duas realezas palacianas cretenses e egípcias.

Segundo este pesquisador, a *práxis* econômica estava no cerne estrutural das sociedades (*embedded*), ou seja, era parte importante nas relações sociais entre os membros do grupo entre si e para com outros grupos[7]. Em nossa pesquisa, entendemos que a *reciprocidade*[8] pode ser considerada nas relações de comércio entre Creta e Egito, pois, tais interações abrangeram além das práticas comerciais e seus contatos no que podemos ver em papiros medicinais da coleção do Museu Britânico onde há referências à Creta (*Kephtyu)* e receitas de encantamentos e preparos para tratamento de "doenças asiáticas" [9]. As trocas culturais também se manifestariam através de suas práticas e ritos (*tauromaquia* cretense, por exemplo), representados em afrescos encontrados no palácio de Knossos e perceptível semelhança de representações destes rituais também em Avaris cidade situada no Delta do Nilo onde existiam habitações de comerciantes minóicos[10].

---

[7] MACHADO, Nuno. **"Karl Polanyi e a Nova Sociologia Económica: Notas sobre o conceito de *(dis)embeddedness*"**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 90: 2010. Págs. 71 a 94.

[8] POLANYI, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

[9] Na coleção de papiros do Museu Britânico encontra-se o "Papiro Médico de Londres" onde há a citação sobre Creta. Embora seu começo e fim estejam danificados foi possível datá-lo num tempo próximo do reinado de Tutâncamon (1333 a 1223 a.C.). Tais registros consistem em uma coleção de receitas médicas e encantamentos com diversos nomes estrangeiros dentre eles Kaphtyu/Creta (*K3ftjw*). Cf. HAIDER, Peter. ***Minoan Deities in an Egyptian Medical Text***", em LAFFINEUR, R. Hägg, ***POTNIA. "Deities and Religion in the Aegean Bronze Age",*** (Aegaeum, 22) Liège: 2001.Págs. 479 a 482.

[10]MARINATOS, Nanno. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Cf. também: ESPINOSA, Manuel Serrano. ***Acerca de los Orígenes de la Tauromaquia Cretense.*** Em Gérion n°16, Madrid: 1998. Págs. 39 a 48.

Sobre a *reciprocidade*, K. Polanyi define como um princípio sócio-econômico próprio das relações interpessoais e também se apresenta em pequenos grupos na manifestação de compartilhamento de trabalho e do intercâmbio de presentes[11]. Neste caso, vê-se a predominância de práticas em torno de um prestígio social baseado na generosidade surgido no princípio da simetria.

O Egito obteve artefatos diversos mediante intercâmbios com outros reis de Assíria, Babilônia, Hatti, Chipre e Creta. Tal ação não é somente para aquisição de bens e insumos, mas, está ligada a um conceito de prestígio e demonstração de poder entre os mesmos. Este intercâmbio, baseado na simetria entre ambos os lados da ação agiria com a dedicação da sua dádiva ao outro no que esta parte responderia com uma "*contra-dádiva*".

O intercâmbio de presentes está intimamente ligado ao fator econômico e não econômicos segundo Mario Liverani[12]. Neste caso podemos entender das ações de troca entre o Egito no período de Amenófis III no que se refere aos contatos com Chipre em trocas de "marfim por marfim" no que expressa uma atividade de materiais iguais no que aponta de uma "irracionalidade econômica", possuindo assim caráter de trocas de presentes em cunho diplomático entre estes reis.

As observações de M. Liverani perpassam pelas traduções de cartas oriundas de Tell El-Amarna onde se evidenciam a relação de intercâmbio de materiais iguais como o marfim já citado (EA-40), de acordo com o pesquisador isso denota de uma negociação em equivalências, já que junto do carregamento de marfim tinha madeira e cobre; bens baseados numa economia racional com o Egito.

Quando mantinham contatos com outros reinos através da atividade mercantil externa, este se manifestava através das trocas de mercadorias de cunho não perecível e que estariam fora da capacidade do pequeno mercado local, onde produtos eram de consumo de subsistência e geralmente de difícil condicionamento e armazenamento por determinado tempo de viagem limitando assim o acesso às atividades mercantis externas do pequeno mercado voltado estritamente à sua comunidade[13].

---

[11] Ibidem, pág. 66.

[12] LIVERANI, Mario*.* ***Irrational elements in the Amarna trade*** Malibu: Mane 1. 1979, pág. 22

[13] POLANYI, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Págs. 78 a 79

De acordo com uma ideologia egípcia[14] os bens recebidos desta forma estavam ligados a materialização da vida como alimento com o qual o faraó deveria congraçar com a sociedade. Tal prática encontra-se no conceito de uma vida terrena do faraó, mas, ligada ao sagrado no que se refere a sua representação divina. No que se referem ao fator político, os presentes estão como prova de prestígio e também de lealdade para com os compromissos firmados com o Egito que previamente seria acordado em cada caso.

Por ser uma estrutura dispendiosa, a atividade mercantil exterior exigia de rotas de transporte eficazes, locais apropriados para o transbordo de suas mercadorias (portos), silos para armazenamento, guarnições em terra e mar o que desprendia grande manutenção deste sistema. No caso de Creta, esta manteria uma frota que protegesse as navegações afastando a pirataria[15].

No que se referem à relação dos contatos entre as realezas palacianas cretenses e egípcias entendemos que se manifestou o tratamento com "*trocas em reciprocidade*" no que atestam as *dádivas* entre os reinos como as trocas de marfim por marfim[16] através dos contatos de comércio marítimo como vemos nas representações dos barcos minóico-micênicos desembarcando mercadorias e oferendas ao faraó nas tumbas de Rekhmire (TT100)[17] e Kénamon (TT93) [18].

Assim, de acordo com Richard Thurnwald, sobre a reciprocidade comercial entre indivíduos "*simétricos*" [19], podemos entender Creta e o Egito como elementos atuantes desta prática de trocas o que reforçava seus poderes como reis. Tal contato, segundo o pesquisador estaria ligado não numa visão de lucro ou competição entre os reinos, mas, numa prática estritamente de condição de relação social. Embora os centros de poder (sejam eles os palácios ou templos) usufruíssem do câmbio de metais, segundo o autor, os mesmos ainda dependiam do

---

[14] LIVERANI, Mario. ***Prestige and Interest. International Relations in the Near East,*** Padua: Hanes, 1990.

[15] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967. Cap.3.

[16] SINGER, Graciela Gestoso. ***El Intercambio de Bienes entre Egipto y Asia Anterior (desde el reinado de Tuthmosis III hasta el de Akhenaton).*** Society of Biblical Literature – Centro de Estudios de Historia del Antiguo Oriente UCA, Buenos Aires: 2008. Págs. 22 a 25.

[17] Rekhmire atuou como governador da cidade de Tebas durante o reinado de Tutmés III e Amenhotep II. Cf. ADAMS, Klaus (2001). ***Rech-mi-rê (Wesir, 18°Dyn, TT100).*** Ägyptologie Forum www.aegyptologie.com/ Página visitada em 19 de Julho de 2012.

[18] Kénamon foi um dos egípcios mais influentes na corte de Amenhotep II, dentre os cerca de oitenta títulos que angariou em sua vida está o de "supervisor dos assuntos das terras estrangeiras do Norte, ou seja, da região levantina e de outras localidades como Chipre e Creta. Cf. ADAMS, Klaus (2001). ***Ken-Amun (Haushofmeister, 18°Dyn, TT93).*** Ägyptologie Forum www.aegyptologie.com/ Página visitada em 19 de Julho de 2012.

[19] THURNWALD, Richard. *Die Gemeinde der Bánaro: Ehe, Verwandschaft und Gesellschaftsbau eines Stammes im Innern von Neu-Guinea: Aus den Ergebnissen einer Forschungsreise 1913-15: Ein Beitrag zur Entstehungsgeschichte von Familie und Staat.* Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke; 1921.Pág. 378.

recebimento dos insumos a fim de preencher os armazéns dos palácios responsáveis pela distribuição entre os membros da realeza palaciana, que por sua vez redistribuía a população em forma de dádiva[20].

A aplicabilidade da *teoria de equivalências* de Karl Polanyi associado aos estudos de Marcel Mauss sobre as *trocas e dádivas*[21] torna-se profícua quando aliada aos relatórios das escavações arqueológicas nos sítios da ilha de Creta, Egito e região levantina onde evidenciaram uma linha de comércio. Entre Egito e Creta no período da XVIII° Dinastia, se manteve interações culturais tal como nos demonstra a pesquisadora N. Marinatos em suas pesquisas referentes às práticas e atributos aos palácios como centros de culto e poder político[22].

Para K. Polanyi os impulsos condicionantes da atividade mercantil externa estariam baseados na aventura, no desbravar dos mares onde a pirataria tomaria um papel importante no impulsionamento das rotas[23]. Seus intentos, segundo o autor, não estariam ligados diretamente ao fator de lucro no comércio das mercadorias apresadas de outros portos ou navios, mas, da posição social precedida entre relações de uma sociedade de economia praticadas pelos centros de poder, tentando galgar espaço nas *trocas*.

À Observação de Polanyi, a atividade mercantil externa não surgiu de uma ação individual, mas, entre coletividades[24], ou seja, seus contatos não estavam na esfera individualista, mas, coletivista na qual o rei (*chefe)* era o máximo representante e responsável pela redistribuição de coletas de tributos. É justamente por essa limitação do mercado externo às esferas dos centros de poder (palácios) que a pirataria irá tomar forma[25].

Tais interações abrangem além das práticas comerciais e seus contatos no que podemos ver em papiros medicinais da coleção do Museu Britânico onde há referências à Creta (*Kephtyu)* e receitas de encantamentos e preparos para tratamento de "doenças asiáticas" [26]. As trocas

---

[20] THURNWALD, Richard. ***Economics in Primitive Communities***. Oxford: Oxford University Press; 1932.

[21] MAUSS, Marcel – ***Ensaio sobre a Dádiva.*** Lisboa: Ed. 70, 2011.

[22] As pesquisas da arqueóloga Nanno Marinatos, no que se refere às práticas de interações dos grupos que atuavam nos Mares Mediterrâneo Leste e Egeu, são de suma importância para entendermos sobre as relações de Creta como uma talassocracia e o Egito como império nas regiões levantinas e Norte da África. MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010.

[23] Ibidem pág. 80

[24] Ibidem pág. 315(g)

[25] VINHA, Valéria. ***Polanyi e a Nova Sociologia Econômica: Uma aplicação contemporânea do conceito de enraizamento social.*** Em Revista do instituto de Economia da UFRJ Vol. III. Rio de Janeiro: 2003 págs. 207 a 203.

[26] Na coleção de papiros do Museu Britânico encontra-se o "Papiro Médico de Londres" onde há a citação sobre Creta. Embora seu começo e fim estejam danificados foi possível datá-lo num tempo próximo do reinado de Tutâncamon (1333 a 1223 a.C.).

culturais também se manifestam através de suas práticas e ritos, a exemplo da *tauromaquia* cretense, representada em afrescos encontrados no palácio de Cnossos. É possível perceber a existência de práticas semelhantes em *Avaris*, cidade situada no Delta do Nilo onde existia uma colônia de comerciantes minóicos[27].

Nas sociedades antigas os processamentos da economia não estavam baseados num sistema auto-regulável de mercado e sim na regulação do poder do líder, afirma Polanyi[28]. Este possuía atribuições de ligação com os antepassados deificados numa linhagem sagrada que detinha pra si a capacidade de arrecadação dos tributos e sua distribuição entre sua sociedade. O *Wanax,* de acordo com R.F.Willets figurava numa linhagem direta com suas divindades[29] figurando como um rei com atributos políticos e religiosos[30].

Para o K. Polanyi as práticas de relação dos centros de poder com os membros de sua respectiva sociedade estão baseadas na "*redistribuição*"[31] como fundamentos da ordem social[32]. Entre os centros detentores de poder e a sociedade por ele governada. O papel do rei surge então como censor das trocas[33]. No que tange às edificações na ilha de Creta, considerando as arquiteturas dos palácios, como nos descreve Sinclair Hood, podemos perceber a presença de um

---

Tais registros consistem em uma coleção de receitas médicas e encantamentos com diversos nomes estrangeiros dentre eles Kaphtyu/Creta (*K3ftjw*). Cf. HAIDER, Peter. ***Minoan Deities in an Egyptian Medical Text***", em LAFFINEUR, R. Hägg, ***POTNIA. "Deities and Religion in the Aegean Bronze Age",*** (Aegaeum, 22) Liège: 2001.Págs. 479 a 482

[27]MARINATOS, Nanno. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Cf. também: ESPINOSA, Manuel Serrano. ***Acerca de los Orígenes de la Tauromaquia Cretense.*** Em Gérion n°16, Madrid: 1998. Págs. 39 a 48.

[28] Segundo K. Polanyi a *redistribuição* pressupõe da necessidade de um "poder central", ou seja, de um líder ou rei que detenha o recebimento daquilo que a população oferta ao palácio. Este mesmo líder redistribuirá de acordo com o a posição social do grupo excedente (realeza palaciana, nobreza, sacerdotes) É papel do líder a distribuição cerimonial nos festivais e cerimoniais. Para o autor não importa a diferença entre parentescos ou mesmo de uma situação social ou política, os resultados sempre voltam ao armazenamento seguido de redistribuição. Cf. POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Pág. 75.

[29]MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. 3.

[30]WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. New York: Barnes & Noble books, 1995 pág. 68.

[31]POLANYII, K. ***"The economy as an instituted process"***. In: GRANOVETTER, M.S., SWEDBERG, R.(Eds.). The sociology of economic life. Boulder, CO: Westview Press, 1992.

[32] POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Pág. 66.

[33] Para Karl Polanyi, diferentemente da visão moderna de capitalismo, os reinos antigos não estavam baseados num comércio livre e sim relacionados diretamente com a figura máxima daquele grupo, como um rei por exemplo. POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ou mais depósitos no que sugere de uma coleta tributária do palácio local com os habitantes que moravam ao redor ou próximos do palácio[34].

Assim, no caso de Creta entendemos que a posição do *Wanax* como responsável pela coleta dos armazéns a redistribuição entre os membros da realeza dos tributos recolhidos pelo palácio e o domínio de festivais como os ritos da *tauromaquia* são prerrogativas de uma estrutura de poder baseada no comportamento de "*reciprocidade e redistribuição*" [35].

Ao terceiro capitulo constituímos de um debate entre as vertentes historiográficas que contemplam as relações de Creta com o mar e sua influência no que denominaria o período da *talassocracia minóica* no Mediterrâneo e Egeu[36]. Grandes questionamentos surgem ao que se entende como o que Fernand Braudel afirma ter sido um "império do mar". Pois as evidências arqueológicas seriam escassas ou insuficientes se compreendermos que das águas pouco se encontra das embarcações e da dificuldade de se entender uma Creta com perfis de uma estrutura talassocrática com raros registros de escrita referentes às rotas de tamanho poderio naval.

Neste caso a linha de pesquisadores onde destacamos além de F. Braudel[37], Jean-Nicolas Corvisier[38] como também R.F. Willett's[39] consideram que o mito da *talassocracia* cretense não foi além de uma construção de Atenas no período posterior entre os séculos VI e V a.C. onde esta *polis* procurou buscar uma hegemonia marítima[40]. Por este viés, também conclui A. Bernard Knapp, Creta não possuiria estruturas suficientemente militares a ponto de manter a presença de uma marinha capaz de manter um sistema de rotas pelo Egeu e Mediterrâneo com maior abrangência[41].

Embora saibamos das dificuldades presentes em se evidenciar do período das navegações cretense, vemos que outra vertente na História onde apresentamos os estudos de

---

[34] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. VI.

[35] POLANYII, K. ***"The economy as an instituted process"***. In: GRANOVETTER, M.S., SWEDBERG, R. (Eds.). The sociology of economic life. Boulder, CO: Westview Press, 1992.

[36] As notas a seguir se referem às principais obras destes pesquisadores relacionadas.

[37] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001.

[38] CORVISIER, Jean-Nicolas – ***Les Grecs et la Mer*** Paris: Les Belles Lettres, 2008.

[39] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy.*** New York: Barnes & Noble books, 1995.

[40] CARTAULT, A. ***La Trière Athénienne – Étude d'Archéologie Navale***. Paris: Claude Tchou pour la Bibliothèque dês Introuvables; 2001.

[41] KNAPP, A. Bernard. ***Thalassocracies in Bronze Age Eastern Mediterranean Trade: Making and Breaking a Myth.*** In World Archaeology Vol. 24 – Nº 3, Ancient Trade: New Perspectives. Oxfordshire: Taylor & Francis Ltd. 1993. Pág. 334 e 335.

Lionel Casson pelo qual entendemos da importância para Creta dos contatos egípcios o que reforçaria seu poder na região do Egeu[42]. Aliando-se às evidências da Arqueologia em vários casos, Henri van Effenterre procura nos apresentar uma nova visão referente ao domínio de Creta no mar[43]. No que se refere às narrativas míticas, a pesquisadora Nanno Marinatos nos demonstra que estas corroboraram para os discursos de poder da realeza-palaciana cretense que também evidenciam de casamentos entre as casas principalmente à realeza-palaciana fenícia da região do Levante[44]. Tais práticas de enlaces destes grupos demonstraram através dos estudos de Margalit Filkenberg os contatos comerciais na região referida[45]. Com intuito de manter essas linhas de navegação, Sinclair Hood considera que Creta com seu poderio naval pôde manter uma influência sobre os mares afastando grupos piratas e procedendo com as tributações das rotas sob égide do elemento sagrado da pessoa do rei cretense[46].

Encontramos assim uma presença dos discursos míticos de origem cretense perpassando pela sociedade ateniense onde a apropriação de narrativas míticas como a de Europa, a princesa fenícia raptada por Zeus em forma de touro branco surgem como imaginário de origem não somente desta sociedade, mas, permeando as histórias de outros grupos no decorrer dos séculos. Seriam tais narrativas míticas vestígios que permearam o imaginário relativo a um sistema que manteve uma presença considerável nos mares impelindo suas ações através de seus contatos políticos e sua marinha de guerra eliminando ameaças como a pirataria?

Para nosso estudo no que se refere às imagens da representação particularmente do mito do rapto de Europa por Zeus, aplicamos a metodologia proposta por Claude Berard de Unidades Formais Mínimas[47], método este aplicado nas análises de imagens pelo Núcleo de Estudos da Antigüidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro[48]. Para a pesquisadora C. Berard, a representação de um personagem seja um herói mítico ou mesmo uma divindade em imagens como a cerâmica é um modo de perpetuar a manutenção de suas histórias pelas gerações onde

---

[42] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967

[43] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Paris: Armand Colin. 1986**.**

[44] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010.

[45] FINKELBERG, Margalit. Greeks and Pre-Greeks – Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition. New York: Cambridge University Press, 2005.

[46] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973

[47] BERARD, Claude. ***Iconographie-Iconologie-Iconologique***. Paris: Études de Lettres. Nº IV, 1983. Pág.5

[48] ROSA, Claudia Beltrão da. ET AL. ***Em busca do Antigo***. Rio de Janeiro: Ed. NAU 2011. Págs. 18 e 19.

este personagem constrói uma essência social, um motivo ou explicação para a sociedade. Neste caso, utilizamos das representações mais próximas de acordo com as escavações da Arqueologia de cerâmicas oriundas de Atenas do Século V a.C. aprox. Embora o período seja extenso, entre a realeza- palaciana cretense, contemplada no estudo e a sociedade ateniense do período citado, entendemos que a transmissão desta narrativa nos aponta uma presença marítima cretense que permeou o imaginário através dos séculos posteriores.

Como podemos perceber a talassocracia minóica ainda é palco de grandes discussões que talvez ainda percorram infindas laudas de acirrados embates acadêmicos no que a torna tão fabulosa ao passo de suas lendas quanto fascinante ao instante que lançamos o batel ao vante como um touro que atravessa veloz as águas.

1 CRETA, A SENHORA DO EGEU

A ilha de Creta localiza-se entre o Mar Egeu ao Norte e o Mar Mediterrâneo ao Sul. De acordo com Sinclair Hood, Creta possui uma extensão de 8336 km² onde seu comprimento atinge 240 km (Oeste - Leste). Seu terreno acidentado possui variações de larguras numa silhueta esguia entre 56 km na posição central até estreitos 13 km a Leste da ilha. A região montanhosa da ilha é constituída por um calcário acinzentado.

Mapa 1 - A ilha de Creta com seus principais palácios e locais sagrados[49].

Entre as três cadeias de montanhas o Monte Ida figura, ao centro da ilha, como o pico mais alto com cerca de 2460 metros acima do nível do mar. Logo um pouco menor estão os Montes Brancos a Oeste da ilha com uma diferença pequena, embora em diversas localidades apresente composições de xistos esverdeados, amarronzados como também quartzitos e argilas xistosas.[50] Nas cercanias dos palácios de Knossos e Phaestos ainda se encontra a *kouskouras* espécie de argila mole e branca usada até hoje na confecção de túmulos e, segundo R.W. Hutchinson, usada também nas paredes dos palácios.[51]

---

[49] Para efeitos de visões geográficas e de nossas edições explicativas em relação à posição global da ilha de Creta e regiões do Mediterrâneo contempladas pela pesquisa, adotamos os mapas de fotos de satélite extraídos do sistema de software Google Earth/Tele Atlas North America, inc. datas de acessos: Julho de 2012. Embora entendamos que sejam fotografias espaciais recentes consideramos que o relevo geográfico pouco tenha se alterado no que não trará prejuízos para o observador.

[50] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos***, Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 18

[51] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica***, México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs 34 e 35.

Quadro 1 - Cronologia proposta por Arthur Evans[52].

A.C.	Egipto	Creta	Cíclades	Continente	A.C.
1000	XXI	Subminóico		Proto- -Geométrico	1000
1100	XX	MR III C			1100
1200	XIX	MR III B		MICÉNIO III C	1200
1300	Amarna	MR III A 2 1		III B	1300
1400	XVIII	MR II		III A 1 2 / II B	1400
1500		MR I B / MR I A	ERUPÇÃO DE TERA	II A / I / TÚMULOS DE POÇOS	1500
1600	Hicsos	MM III B / MM III A	PALÁCIOS		1600
1700	XIII	MM II B	Cicládico Médio / FILACOPI II	Heládico Médio	1700
1800		MM II A			1800
1900	XII	MM I B	?	(LERNA V)	1900
2000	XI	RODA DE OLEIRO / MM I A	FORTE DE CHALANDRIANI	RODA DE OLEIRO	2000
2100			CA III	HA III (LERNA IV)	2100
2200	F. I. P. VIII-X	MA III	CEMITÉRIO E «POVOADO ABERTO» DE CHALANDRIANI	CASA DE TELHA	2200
2300	VI		FILACOPI I	HA II (LERNA III)	2300
2400		MA II C / B	CA II		2400
2500	V	A			2500
2600	IV			HA I	2600
2700	III	B	CA I (PELOS)		2700
2800	II	MA I		(LERNA II)	2800
2900	I	A		Neo	2900
3000	Pre-Din	Neo	Neo	(LERNA I)	3000

Segundo S. Hood a ilha pode ter sido povoada desde períodos do Paleolítico e nos apresenta cerca de oito datações obtidas pelo Carbono14 que atravessam o período do Neolítico em Knossos com datações de 6.100 a.C. (nível 10 não cerâmico). Fernand Braudel estabelece em Knossos, de acordo com os níveis de prospecção de solo da Arqueologia, a presença humana no VII milênio (início do Neolítico)[53].

A civilização cretense do período da Idade do Bronze veio ao conhecimento da Ciência pelas mãos dos exploradores e arqueólogos Arthur Evans e Nicolaos Platon no início do Século

---

[52] Dentre as datações preferimos utilizar as compiladas por Arthur Evans para melhor entendimento e uniformidade ao estudo. HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos***, Lisboa: Editorial Verbo, 1973. pág. 12

[53] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001, pág.34.

XX. Suas escavações foram de suma importância para o conhecimento dos grupos que habitavam a ilha num período obscuro da história conhecido como *"Idade das Trevas"*[54] muito antes dos gregos e suas *poleis*, ou mesmo de Atenas ou Esparta existirem como potenciais *políades*.

Estes povos ficaram conhecidos por "*minóicos*", atribuição dada por A. Evans na ausência plausível de uma denominação própria destas civilizações do período da Idade do Bronze que se perdeu no tempo[55]. Tal denominação por A. Evans é em alusão à pessoa de Minos, rei de Creta e detentor de uma origem divina do enlace entre a divindade Zeus e a mortal Europa, uma princesa de Sídon, cidade-porto localizada na Costa do Levante. De acordo com a lenda, Minos também possuía o poder em toda ilha e as rotas do mar e o domínio da fera híbrida conhecida como "*Minotauro*", ou seja, touro de Minos, morto por Teseu, herói ateniense[56].

Recentemente novas escavações arqueológicas nas proximidades da cidade de Plakias em Creta comandadas pelos arqueólogos Thomas Strasser e Eleni Panagopoulou[57] trouxeram ao nosso conhecimento mais de dois mil artefatos e ferramentas em pedra usuais nas fabricações de embarcações. Segundo estes pesquisadores, as datações oscilam em mais de cem mil anos indicando da presença de grupos na ilha em períodos muito anteriores do que se acreditava.

Estas datações se aproximam das obtidas em sítios arqueológicos como de Çatal Hüyük, cidade de tamanho considerável do período neolítico localizada na Anatólia Central[58].

De acordo com Sinclair Hood os primeiros habitantes da ilha podem ter iniciado seus assentamentos em cabanas de madeira. Entretanto, no nível nove (não-cerâmico) das escavações

---

[54] Ou denominado pela Arqueologia como "Período geométrico na Antiguidade Egéia" (ou também como séculos obscuros para alguns historiadores) é datado aproximadamente entre 1200 a 800 a.C. pela Arqueologia onde tem o declínio das realezas palacianas minóico-micênicas como seu início e ascensão das cidades-estados gregas marcando o final deste período obscuro. É caracterizado pelo fato da cerâmica adquirir perfis mais geométricos e o desaparecimento da escrita no Egeu e conseqüentemente o declínio dos sistemas de rotas marítimas com o Levante e Egito. Embora seja conhecido como um período de redução cultural torna-se a cada dia mais conhecido graças às escavações da Arqueologia sobre o período. Moses Finley, em 1954 com sua obra *O Mundo de Ulisses* questiona o termo dado ao período onde a produção Homérica de textos foi baseada. Para mais informações confira verbete "*Primórdios da Grécia*" em: MOSSÉ, Claude. ***Dicionário da Civilização Grega***. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 2004. Pág. 182.

[55] MACGILLIVRAY, Joseph Alexander. ***Minotauro,*** Ed Record. Rio de Janeiro: 2002. Pág. 168.

[56] Ibidem: Págs. 36 a 38 e 233 a 243.

[57]É possível, afirmam estes pesquisadores que, devido aos estilos das ferramentas aparentarem com grupos continentais e tendo em vista que Creta é uma ilha há pelo menos cinco milhões de anos que a chegada de hominídeos só se faria através da travessia por mar. Cf. artigo: WILFORD, John N. ***On Crete, new evidence of very ancient mariners***, The New York Times Journal. Nova Iorque: 15 de Fevereiro de 2010. www.nytimes.com/2010/02/16/science/16archeo.html Data de acesso 22 de Fevereiro de 2012.

[58] As escavações em Çatal Hüyük são de suma importância para o entendimento das relações de comércio e interação cultural que se demonstram nos artefatos encontrados em Creta nos vestígios arqueológicos como também suas práticas humanas (culto, enterramentos, artes e ofícios etc.) cf. HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973 pag.33.

surgem edificações de adobe enrijecido com auxílio de fogo, porém, no nível dez (não-cerâmico) o adobe é seco ao sol. Para o pesquisador isso pode ser indício de que os adobes queimados ao fogo do nível anterior foram importados por outra cultura, depois abandonada pelos habitantes[59].

As casas em Knossos já apresentavam divisões retangulares cobertas com reboco em argila. Embora no início as casas fossem mais simples, no nível dez (não-cerâmico) há uma melhora com adições de cômodos e a presença de artefatos que já denunciam da prática de contatos mercantis e/ou culturais com o Egito.[60] A partir dessas construções podemos entender um pouco da estrutura social na ilha, no que fica mais latente quando nos referimos em relação aos palácios. Porém, casas mais abastadas como as ruínas da "casa de campo" encontradas em Vatipetro evidenciam de que houve uma parte da sociedade cretense que experimentou a opulência enquanto nas cidades e vilas também se manifestavam as diferenças com casas mais amplas e outras diminutas onde os grupos menos afortunados que se apinhavam em cômodos pequenos[61].

A partir da Idade do Bronze por volta de 2000 a.C. segundo R.F.Willetts a ilha de Creta experimentará um crescimento que duraria cerca de seiscentos anos[62]. Durante este período o surgimento dos palácios evidencia a estruturação de um poder central político e também religioso no que demonstra suas arquiteturas[63]. Neste caso, os palácios figuravam como receptores dos tributos, condicionados em diversos armazéns espalhados pela edificação palaciana. Os armazéns e baias de coleta são, de acordo com as edificações encontradas em escavações arqueológicas, exclusividade do palácio onde vigora o poder do chefe, no caso de Creta do *wanax*[64].

---

[59] Ibidem pág. 31

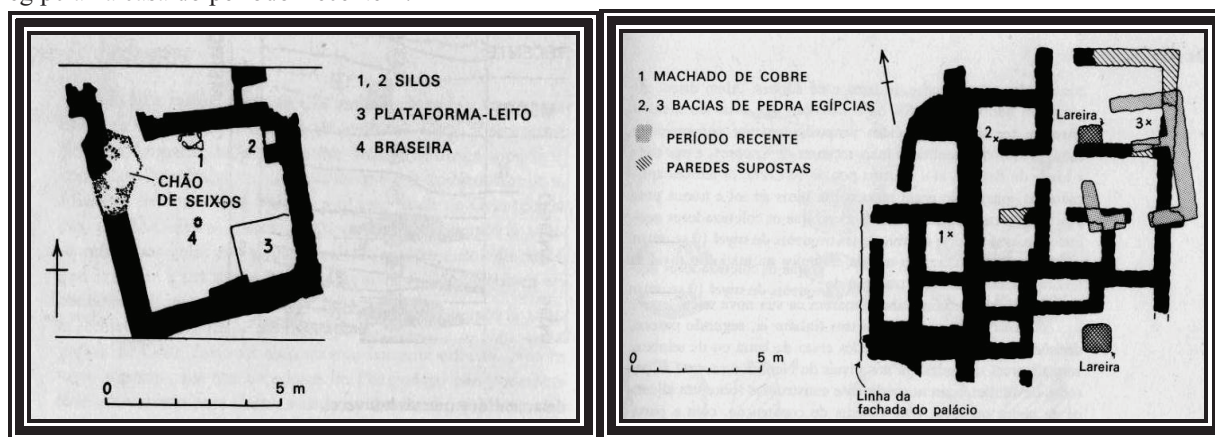
[60] vide plantas 1 e 2 na página 28.

[61] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 141.

[62] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. New York: Barnes & Noble books, 1995 pág. 57.

[63] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. 3.

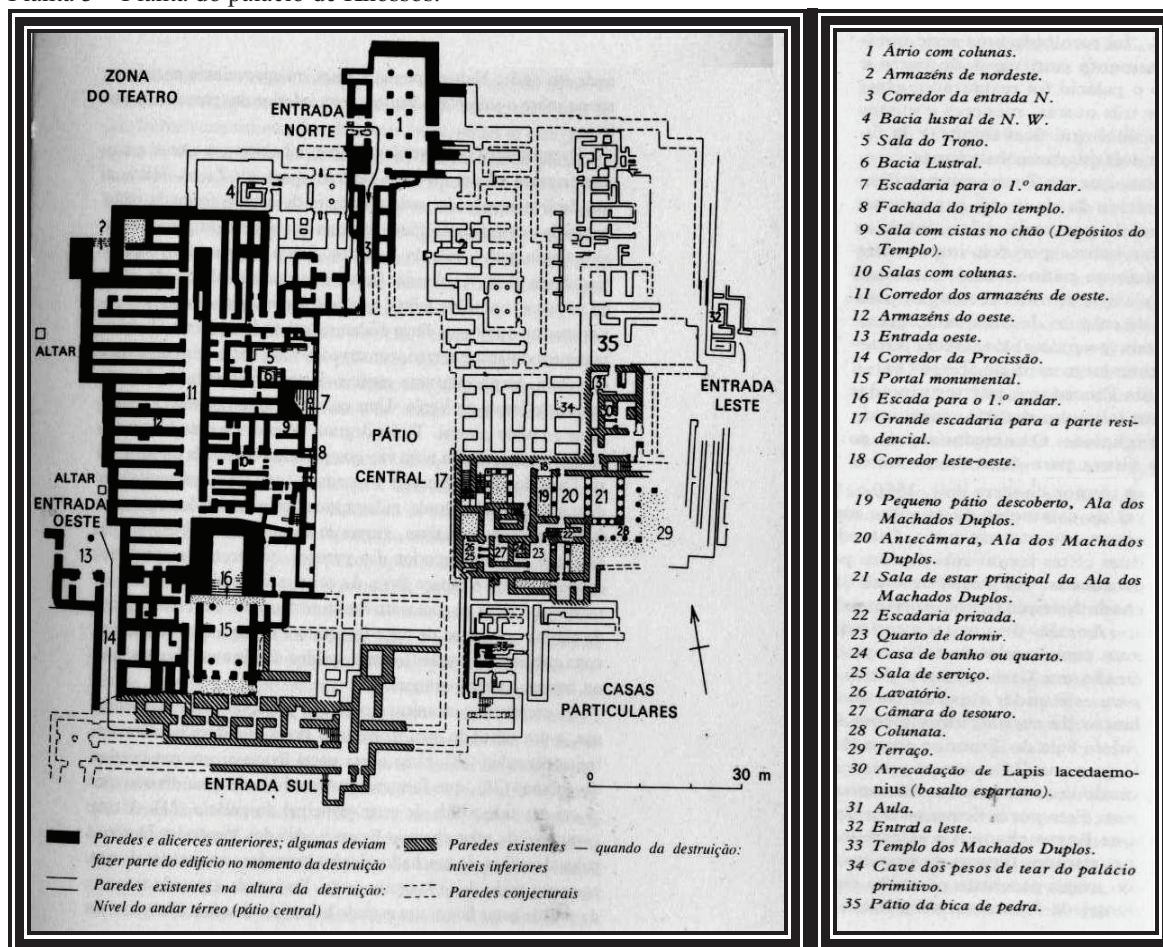
[64] O *Wanax* na civilização minóica seria um rei com atribuições sagradas e de domínio do culto local. Um dos exemplos mais fortes era o de Minos que dominava o labirinto e a besta híbrida conhecida como "Minotauro". O termo parece posteriormente na cultura micênica, porém, apenas como um superior aos *basileus* locais que caracterizariam como "vassalos". Na *Ilíada*, Agamenon e Príamo aparecem com o título de *Wanax,* embora figurativo. Desta maneira, o termo *Wanax* para os micênicos encarnaria a pessoa econômica, política, social e às vezes como um sacerdote, porém não se tornando um líder teocrático como o fora para os minóicos ou mesmo um rei com atributos divinos como fora Minos. Cf. BALCER, Jack Martin e STOCKHAUSEN, John Matthew. ***Myceneanm Society and its Collapse.*** Cap. 3 páginas 59, 60. Em custom.cengage.com/static_content/OLC/053427000X/etep_ch03.pdf. Data de acesso: 02 de Novembro de 2011.

Plantas 1 e 2 – casas do período Neolítico em Knossos. A primeira mais simples encontra-se datada do período Médio enquanto a outra edificação acha-se no período Recente[65]. Note-se que foram encontradas bacias de origem egípcia na casa do período Recente[66].

Segundo as decifrações e traduções dos tabletes de Linear B por John Chadwick foram encontradas várias listagens de oferendas que eram recolhidas pelo palácio para a "senhora do labirinto"[67] relativas aos locais de culto fora do palácio. De acordo com o autor isso evidenciaria que o centro de poder e de culto estava figurado no próprio palácio em si em detrimento aos outros locais de culto nas regiões próximas ou nas montanhas e cavernas. A distribuição de elementos votivos e tributos a estes locais religiosos ficariam a cargo do palácio.

[65] Ibidem. Págs. 28 e 29.

[66] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. VI.

[67] CHADWICK, John. ***A Decifração do Linear B.*** Lisboa: Edições Cotovia, 1996. Pág 169.

Planta 3 – Planta do palácio de Knossos.[68]

Nas sociedades antigas os processamentos da economia não estavam baseados num sistema auto-regulável de mercado e sim na regulação do poder do líder[69] que possuía atribuições de ligação com os antepassados deificados numa linhagem sagrada que detinha pra si a capacidade de arrecadação dos tributos e sua distribuição entre sua sociedade. O *wanax,* de acordo com R.F.Willets figurava numa linhagem direta com suas divindades[70] apresentando-se assim como um rei com atributos políticos e religiosos[71].

---

[68] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. VI.

[69] Segundo K. Polanyii a *redistribuição* pressupõe da necessidade de um "poder central", ou seja, de um líder ou rei que detenha o recebimento daquilo que a população oferta ao palácio. Este mesmo líder redistribuirá de acordo com a posição social do grupo excedente (realeza palaciana, nobreza, sacerdotes) É papel do líder a distribuição cerimonial nos festivais e cerimoniais. Para o autor não importa a diferença entre parentescos ou mesmo de uma situação social ou política, os resultados sempre voltam ao armazenamento seguido de redistribuição. Cf. POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Pág. 75.

[70]MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Págs. 34 a 36.

[71]WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. New York: Barnes & Noble books, 1995 pág. 68.

Figura 1 – Imagens votivas (deusas?) encontradas no palácio de Knossos por Evans[72]. Nota-se à figura central os braços posicionados no que Evans interpretou como representação do grande solar nas práticas rituais da religião minóica.

As práticas de relação dos centros de poder com os membros de sua respectiva sociedade estão baseadas na "*redistribuição*" [73] como fundamentos da ordem social[74]. Entre os centros detentores de poder e a sociedade por ele governada. O papel do rei surge como censor das trocas[75]. Será a casa patriarcal aqui reproduzida em ampla escala nas práticas dos palácios com seus grandes armazéns para coleta de tributos[76]. No que tange às edificações na ilha de Creta, considerando as arquiteturas dos palácios, como nos descreve Sinclair Hood, podemos perceber a presença de um ou mais depósitos no que sugere de uma coleta tributária do palácio local com os habitantes que moravam ao redor ou próximos do palácio[77].

Para que todo aparato funcionasse era de extrema importância que o chefe possuísse o poder de armazenamento, tal como a responsabilidade com os festivais e a distribuição de

---

[72] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. X.

[73]POLANYII, K. ***"The economy as an instituted process"***. In: GRANOVETTER, M.S., SWEDBERG, R.(Eds.). The sociology of economic life. Boulder, CO: Westview Press, 1992.

[74] POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Pág. 66.

[75] Para Karl Polanyi, diferentemente da visão moderna de capitalismo, os reinos antigos não estavam baseados num comércio livre e sim relacionados diretamente com a figura máxima daquele grupo, como um rei por exemplo. POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

[76] POLANYII, Karl. ***A Grande Transformação***. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

[77] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. VI.

presentes de acordo com suas regras específicas que variam de grupo para grupo[78]. No caso de Creta a posição do *wanax* como responsável pela coleta dos armazéns a redistribuição entre os membros da realeza dos tributos recolhidos pelo palácio e o domínio de festivais emerge como personagem principal de uma estrutura de poder baseada no comportamento de "*reciprocidade e redistribuição"*.

A religião em Creta fazia parte da estrutura política onde os ritos se ligavam a pessoa sagrada do governante junto com os séquitos de sacerdotes e sacerdotisas do que Evans denominaria de *palácio-templo*[79]. De acordo com S. Hood a divindade principal dos minóicos era uma concepção feminina com várias manifestações ou mesmo um panteão de deusas que permeavam a teogonia dos cultos locais. Para S. Hood as diversas faces da deusa (ou deusas) cretense voltavam-se praticamente para uma mesma figura, a deusa de um culto de fertilidade[80]. Seus aspectos poderiam denotar de uma influência das divindades orientais. Tais divindades femininas surgem em Creta por muitas vezes atribuídas a elementos masculinos (marido ou filho?) e aspectos da ressurreição presentes em representações vegetais como o exemplo do açafrão que pode estar ligado a propriedades curativas e assim seria considerada uma planta sagrada e de dispendiosa aquisição[81].

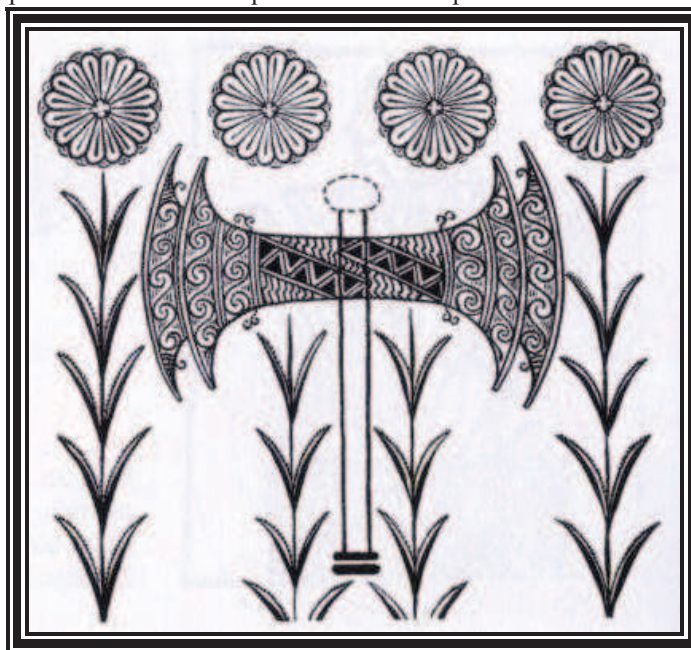
---

[78] POLANYII, K. ***"The economy as an instituted process"***. In: GRANOVETTER, M.S., SWEDBERG, R. (Eds.). The sociology of economic life. Boulder, CO: Westview Press, 1992.

[79] MACGUILLIVRAY, Joseph Alexander. ***Minotauro****, Sir Arthur Evans e a Arqueologia de um Mito,* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002. Pág. 234.

[80] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos****,* Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág: 160.

[81] O açafrão (*crocus sativus L.*) era amplamente utilizado como erva com propriedades medicinais e aplicações terapêuticas na farmacopéia da Antigüidade. Dentre elas: assepsia, antidepressivo e cicatrização de ferimentos. Acredita-se que os sumérios já a utilizavam cerca de 5000 a.C. como apliques medicinais. Seu óleo era extraído para composição de substâncias aromáticas e também é utilizado como especiaria culinária muito apreciada até hoje e considerada a especiaria mais cara do Mundo, pois, para obter uma quantidade equivalente a um quilo de açafrão seco é necessário processar cerca de 150.000 flores. Está presente em diversos tratados medicinais. Cf. NEGBI, Moshe. ***Saffron: crocus Sativus L in Medicinal and Aromatic Plants V.8***. Amsterdam: Taylor & Francis, 2006. Pág: 73.

Figura 2 – representação do duplo machado (*labrÿs).* A palavra "labirinto" deriva deste termo e tem como significado "a casa dos duplos machados" numa possível alusão ao palácio de Minos em Knossos.[82]

A relação de vida e morte na religião cretense emerge nas narrativas de Zeus e seu nascimento e epopéia pra protegê-lo de seu pai Kronos. De acordo com Hesíodo, sobre o nascimento de Zeus em Creta, antes dos tempos olimpianos, Uranos e Gaia (representações de Céu e Terra) dão origem aos Titãs que ocuparam uma posição de grande importância no domínio entre os deuses. Kronos, o mais jovens dentre os Titãs casou-se com Rhea, sua irmã Titânide, assassinando o pai e tornando-se senhor do Mundo. Porém, uma revelação de seus pais o advertia da perda de seu trono para um de seus filhos. Temeroso pela usurpação, Kronos decide então devorar os filhos logo ao nascerem a fim de que profecia de seus pais não se cumprisse.

Rhea, admoestada pelo fato da privação de mãe, quando à gestação do menino Zeus (neste caso o *Zeus Kretagenes*), foge para Creta, ilha na qual vai dar a luz à criança pondo-a aos cuidados dos *kouretes*. De acordo com R. W. Hutchinson, a narrativa mítica mais familiar, está na epopéia de se proteger o bebê Zeus de seu pai Kronos pelos *Kouretes* (ou *Korybantes*, mais tarde identificados com eles) que dançassem ao redor do bebê, batendo tambores e chocando seus escudos e lanças para impedir que o choro da criança fosse ouvido pelo pai. Tais *Kouretes* têm associações com a Deusa-Mãe e com ritos tribais antigos da ilha de Creta absorvidos pelo culto promovido pela realeza palaciana cretense[83].

---

[82] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. CAP. 9.

[83] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs 282 a 284.

Rhea, após o nascimento, envolve uma pedra em panos e oferece-a ao marido que a devora pensando ser o filho recém-nascido. Como Rhea não poderia amamentá-lo deixa a cargo das filhas do rei de Creta Melisseu (nome também de um dos *kouretes*). Cabia então à Melissa (a "abelha") oferecer o mel e à sua irmã Amalteia o leite para a criança de sua cabra Aíx, temida pelos titãs[84].

Ao crescer, Zeus com a ajuda de Tétis embriaga o pai e o obriga a expelir todos os seus irmãos retidos em seu estômago. Um por um os irmãos de Zeus conseguem ser libertos formam uma aliança com o irmão mais novo para lutar contra os titãs e constituir um novo panteão na Terra[85].

De acordo com Willetts, as narrativas míticas do nascimento de Zeus em Creta e sua ocultação enquanto infante ao pai dentro de cavernas (*Diktaios*, na montanha Dikte e epíteto da deusa Diktynna; *Ida*, no Monte Ida) sua proteção pelos *kouretes* e a presença de animais como pombas, abelhas e cabras e a árvore onde o menino Zeus ficou abrigado estão ligados aos aspectos de uma religião primeva local com elementos totêmicos em que a fauna e a flora da ilha perpassariam para os rituais palacianos nos quais as posturas corporais dos participantes surgem com os braços estendidos (árvore, ave etc)[86].

Nas narrativas míticas sobre Zeus em Creta, havia também a de sua morte e de que sua tumba estaria em Creta no Monte Ida. Tal afirmação legou aos cretenses a fama de "mentirosos" pelos gregos que partiam do pressuposto que um deus (o próprio Zeus, senhor do Olimpo) jamais morreria[87].

De acordo com R. Willetts, o uso de cavernas e abrigos rochosos como centros de culto era uma combinação da religião Cretense dos primórdios até a Antiguidade tardia[88]. A religião Cretense, como parte do complexo da religião grega em geral, se tornou pelo Período Clássico

---

[84] GRIMAL, Pierre. ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana***. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2011.

[85] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. **– *Climax and Transition.*** New York: Barnes & Noble books, 1995. Pág: 125.

[86] MORRIS, Christine and Alan Peatfield. ***Experiencing ritual: Shamanic elements in Minoan religion.*** Athens: Papers of the Norwegian Institute at Athens; Celebrations: Sanctuaries and the Vestiges of Cult Activity n° VI 2004.

[87] A fama de mentecaptos aos cretenses é citada por Paulo em carta ao seu amigo Tito, advertindo-o sobre os comportamentos dos habitantes da ilha. Na advertência, Paulo utiliza das palavras de um "profeta" local que dizia: "os cretenses são mentirosos". Aparentemente referia-se a Epiménides (Knosso ou segundo Estrabão Phaestos, século VI a.C.) poeta cretense conhecido pela fama de "contar causos". Cf. PAULO. ***Epístola de Paulo a Tito***, Cap. I, verso XII. Cf. também: ESTRABÃO. ***Geographia***. Livro X, Cap. IV, Seção XIV in Perseus Project (perseus.tufts.edu) Data de acesso: 14 de Janeiro de 2012.

[88] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. **– *Climax and Transition.*** Barnes & Noble books, New York: 1995. Pag. 116.

um amálgama dos nativos. Elementos Egeus, especialmente cultos de fertilidade, e as características crescentemente invasivas “Indo-Européias”, diretamente associados com povos cujo idioma era o grego, como parte da família Indo Européia de idiomas.

O Zeus Cretense adorado em sua forma adulta (*Labrandeus* – ou Deus do Labirinto), que morre e renasce é diferente do Zeus do tradicional panteão grego, que não obstante, também adorado em Creta sobre variados epítetos[89]. Segundo Garcia Lopez o Zeus cretense possui muito mais semelhança ao familiar grego Dionísio, também um deus-touro e moribundo[90].

1.1 Os palácios-Templos de Creta e o *Labrÿs*

Os palácios não seriam somente os centros administrativos e de poder político da ilha. Durante as escavações arqueológicas em Knossos, Arthur Evans descobriu um cômodo onde se depositavam oferendas votivas. Ele a denominou de “pequeno santuário dos Machados Duplos”. As oferendas eram em forma geralmente de chifres de touro e foram encontrados pequenos machados (*labrÿs*) votivos (figura 2), que são associados ao próprio culto em Knossos, ou este como centro de celebração principal[91]. Arthur Evans considerou que o palácio de Knossos, devido aos afrescos que denotavam motivos religiosos, fosse um “*palácio-templo*”[92].

Porém, embora os palácios fossem centros de culto, S. Hood nos apresenta que havia santuários espalhados pela ilha como o exemplo da “casa de Gournia” [93]. S. Hood relata que a escavação arqueológica na localidade evidenciou-se grande quantidade de artefatos oriundos de práticas de culto. Dentre as alfaias encontradas observaram-se imagens femininas votivas com os braços estendidos na mesma posição dos encontrados em Knossos por Evans em suas escavações[94]; pequenas pombas em argila dentre outras peças que denotavam não só um local depositário de oferendas, mas, que funcionaria como um templo também.

---

[89] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Pág. 284.

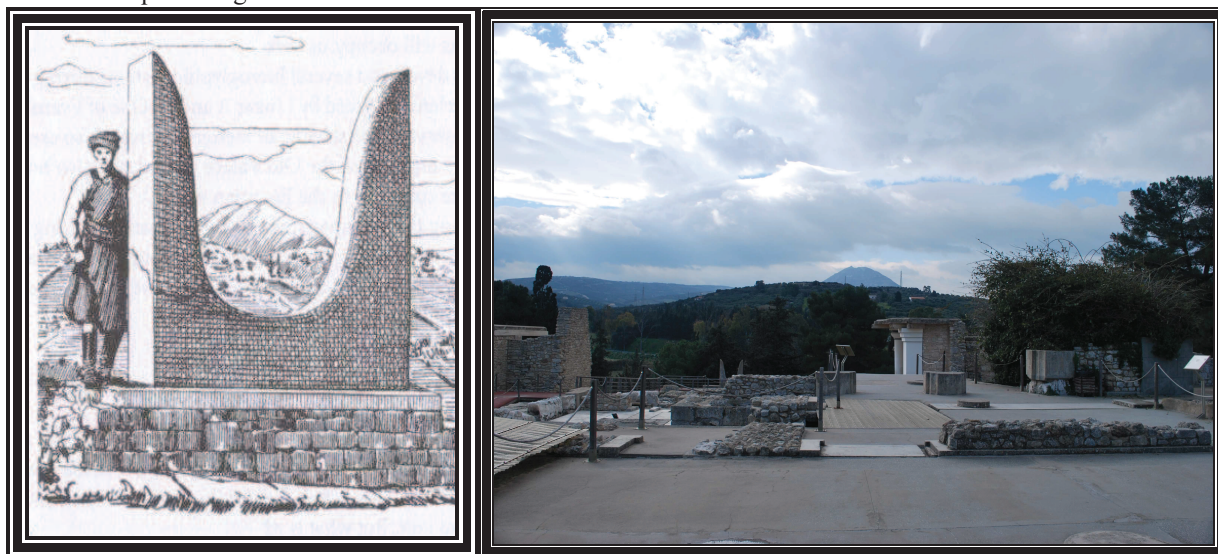
[90] LÓPEZ, García José. ***La religión griega,*** Madrid: Ed. Istmo. 1975. Págs. 29 a 40.

[91] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág. 212.

[92] MACGUILLIVRAY, Joseph Alexander. ***Minotauro***, *Sir Arthur Evans e a Arqueologia de um Mito,* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002. Págs. 230 a 235.

[93] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Págs: 162 a 164.

[94] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. X

Figura 3; Foto 1 – Durante as escavações em Knossos Evans retratou um de seus empregados junto ao grande solar no que ao fundo vê-se o Monte Juktas, local de culto sagrado da ilha[95]. Na foto ao lado vê-se o monte ao fundo e à esquerda o grande solar[96].

Também foram encontradas outras edificações que possuíam características de um templo pequeno como a casa-santuário datada do Minóico Recente no palácio de Mália o que corroboraria com a hipótese de Evans[97]. Segundo A. Evans, o *labrÿs* minóico seria o símbolo da presença divina na personificação do rei (*wanax*), uma identidade de culto com paralelos na história como o "Crescente" para o Islamismo ou a "Cruz" para o Cristianismo.

Em suas pesquisas sobre as funções religiosas do duplo machado, inicialmente, Arthur Evans acreditava que este seria a representação apenas do deus minóico masculino, porém, posteriormente ao notar a grande quantidade de representações femininas nos cultos minóicos e a constante presença nas iconografias e sinetes da figura da mulher nas cenas, A. Evans reconheceria que o *labrÿs* estava ligado a dualidade entre a divindade feminina (a Grande Deusa) e um consorte ou a celebração do filho desta divindade.[98]

---

[95] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. 8.

[96] Foto do autor - Palácio de Knossos/Creta; Grande Corte em posicionamento SE – Fevereiro de 2012.

[97] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Págs. 43 a 49.

[98] EVANS, Arthur J. ***The "Tomb of the Double Axes" and associated group, and the Pillar Rooms and ritual Vessels of the "Little Palace" at Knossos.*** London: *Archaeologia* n°65, 1914. Págs. 1 a 94.

Figura 4 e 5 – O anel de Minos e Mocklos respectivamente. A epifania registrada em suas imagens nos demonstra a riqueza de detalhes da religião minóica onde percebemos elementos como a árvore sagrada e a montanha onde sacerdotisas (ou deusas) celebram uma criança, possivelmente a representação de Zeus Kretagenes[99].

Figuras 6, 7 e 8 - Ideograma egípcio para "montanha"; desenho (detalhe) de um esquife encontrado em Giofyakia e detalhe de uma pintura de um vaso de argila.[100]

Uma peculiaridade do machado duplo é o fato de, às vezes, combinar com o Ankh Egípcio – símbolo da vida. O Ankh possui diversas variantes, tais como a do nó de Ísis[101]. A escrita hieroglífica Minóica inclui uma Ankh como seu próprio símbolo. Evans percebeu a similaridade

---

[99] DIMOPOULOU, Nota e Yorgos Rethemiotakis. ***The Ring of Minos and Gold Minoan Rings – the Epiphany cycle.*** Athens: Ministry of Culture and Archaeological Receipts Fund, 2004.

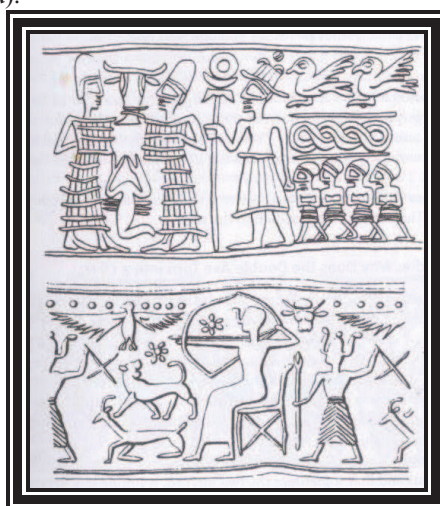
[100] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine.*** Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. 8.

[101] Ibidem. Págs 122 a 124.

de ambos os hieróglifos tanto como sua relação com o machado duplo o qual ele chamou de “nó sagrado”, chegando à conclusão de seu significado: vida e divindade. A solução é de fato simples se adotarmos a *koine* do Oriente Próximo. No Egito, Síria, Levante e Anatólia, o símbolo da Ankh significa “*vida*”.

Figura 9 – Comparações de design entre o labrys e a ankh egípcio proposta por Nanno Marinatos. [102]

De acordo com a pesquisadora Nanno Marinatos o duplo machado pode estar ligado também aos ritos de nascimento e morte com sua representação aparente com o nascer do Sol entre duas montanhas[103]. Segundo a pesquisadora, numa visão sintática, o duplo machado emergindo entre as montanhas pode ser comparado às narrativas de *Shamash* emergindo das montanhas presentes em selos acadianos datados do terceiro milênio a.C. como também encontra paralelo na pictografia egípcia do “disco-solar”.[104]

Figura 10 – Representações encontradas na Síria e na seqüência em Ugarit de selos onde se vê a cabeça de touro no alto da imagem (representação de céu). [105]

[102] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág. 122.

[103] Ibidem. Cap. 9.

[104] Ibidem. Pág. 115.

[105] Ibidem Cap. 10

Segundo N. Marinatos, as representações do *labrÿs* na iconografia minóica abrangem também os sinetes onde comumente aparecem encimados em uma cabeça de touro (ou vaca)[106]. Para a pesquisadora tais representações são evidências cabais de que a cabeça é referência ao Sol, um "portador do Sol" como ela descreve[107]. Segundo a pesquisadora a cabeça de touro nas culturas hititas está associada ao firmamento[108] como também na Síria e Ugarit aparece comumente na parte de cima dos desenhos de sinetes e selos reais.

Figura 11– o sinete encontrado em Valphio possui a representação de mulheres em danças (sacerdotisas ou rainhas) onde se vê elementos sagrados da religião minóica como a árvore sagrada o duplo machado e a cabeça de touro (detalhe).[109]

Assim para a pesquisadora o duplo machado representaria a manifestação do "Disco Solar" enquanto a cabeça bovina seria o firmamento nas civilizações do Oriente Próximo assim como Creta também, o duplo machado estaria na representação do Sol e possivelmente em alguns casos da Lua.

---

[106] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág. 116.

[107] Ibidem. Pág. 117.

[108] Ibidem. Pág. 118.

[109] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Sacrificial Ritual – Cult Pratice and Symbolism***. Stockholm: Svenska Institute I Athen, 1986. Pág. 55.

Figuras 12 e 13 – cabeça bovina encimada por um machado duplo (selo encontrado em Argos e um "selo escaravelho" egípcio (Novo Império) encimado pelo disco solar.[110]

Em outras atribuições, Arthur Evans entendeu que o duplo machado estava ligado a um design que lembrava ao lírio entre os cretenses como ao papiro ou a lótus, ambas também reproduzidas na iconografia egípcia.[111] A lótus tem por características a capacidade regenerativa. Os egípcios faziam alusão a ela quando se referiam à morte como passagem ou renascimento, de acordo com o Livro dos Mortos egípcio onde o texto do papiro de Nu[112] descreve o renascimento da pessoa através da flor de lótus à qual surge na vinheta do texto como vemos abaixo:

Figura 14 – Cabeça emerge de uma flor de lótus no papiro de Nu.[113]

---

[110] Fig. 7: MARINATOS, Nanno. ***Minoan Sacrificial Ritual – Cult Pratice and Symbolism***. Stockholm: Svenska Institute I Athen, 1986. Pág. 55; Fig. 8: MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág. 117.

[111] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. ***– Climax and Transition.*** Barnes & Noble books, New York: 1995. Págs. 115 a 127.

[112] BUDGE, Wallis E. A. ***O livro Egípcio dos Mortos***. São Paulo: 1999. Ed.Pensamento. Pág. 273.

[113] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág. 121.

1.2 A Tauromaquia Cretense[114]

Dentre os festivais promovidos pelos palácios o mais conhecido é a *tauromaquia*[115]. De acordo com o professor James G. Thompson, as tauromaquias minóicas foram demandadas de extraordinária habilidade e coragem. Um dos mais distintos aspectos, e talvez o mais debatido desses jogos consistisse em saltar sobre a espalda de um touro. Não há, entretanto, nenhuma opinião concludente sobre onde essas exibições eram realizadas.

Figura 15 - "Os saltadores do touro". Esta é a representação mais conhecida da tauromaquia dos afrescos do palácio de Knossos compilada por Guiléron e Evans através de fragmentos em 1930. Nota-se uma adição errônea de seios na figura à esquerda. As estruturas da pintura representariam uma seqüência do salto e suas margens possivelmente um calendário lunar codificado em seus acabamentos e molduras[116].

[114] Tauromaquia (do grego *taurós* – touro; *makhía* – luta, confronto) também conhecida por "*taurokathapsia"* (salto no touro, termo mais usado na região de Tessália) consiste na prática de saltar um touro em movimento. As cerimônias de tauromaquias perpassam por sociedades desde a Antiguidade chegando pelos dias de hoje representadas nas tradicionais touradas principalmente em povos de ascendência hispânica e portuguesa onde se diferem em alguns aspectos de ritual, mas, sempre com a conotação do embate do homem com a alimária enfurecida. No Brasil houve manifestações de tauromaquia em vários estados onde as "praças de touros" eram famosos locais de eventos freqüentados inclusive pela aristocracia. Em Porto Alegre além das touradas situadas no Campo da Redenção, havia as "pantomimas tauromáquicas" onde se apresentavam saltadores e corrida de touros pelas ruas. No Rio de Janeiro, nas celebrações da então capital do país do Centenário da Independência em Setembro de 1922, foram promovidas touradas e filmadas para exibições em salas de cinema da época. Em 1934 o então presidente Getúlio Vargas proíbe os festivais de touradas (Decreto nº 24.645 10/06/1934). Ainda hoje há algumas manifestações como a "farra do boi", porém, organizadas clandestinamente em locais da região Sul do País. Cf. ESPINOSA, Manuel Serrano. ***Acerca de los Orígenes de la Tauromaquia Cretense.*** Em Gérion n°16, Madrid: 1998. Cf. também: BERNARDET, Jean-Claude. ***Filmografia do Cinema Brasileiro (1900 a 1935)***. São Paulo: Comissão Estadual de Cinema, jornal O Estado de São Paulo, 1979. N°500 pág: 2. E também: CASIMIRO, José, et al. ***As Grandes Touradas do Centenário (documentário).*** Rio de Janeiro: Botelho Filme 1922. Site: cinemateca.gov.br. ID de arquivo: 002362. Data de acesso: 02 de Novembro de 2012.

[115] THOMPSON, James G. ***The Location of Minoan Bull-Sports: A Consideration of the Problem.*** Pennsylvania: Journal of Sport History – Pennsylvania State University, vol 13, n° 1, 1986.

[116] TZORAKIS, George. Knossos. ***A New Guide to the Palace of Knossos***. Athens: Hesperos Editions, 2008. Pág. 89. Cf. Também: DEMPSEY, Jack. ***Calendar House: Clues to Minoan Time from Knossos Labyrinth.*** New York: 2010.

No afresco mais conhecido dos saltadores de touro (figura 15) encontrado em Knossos, em primeira visão observamos a figura central de um homem (pele queimada) no percurso de um salto sobre a espalda do animal. Nas duas extremidades vêem-se duas figuras que segundo Arthur Evans e E. Gilliéron eram femininas e diferenciadas pela tez branca[117], em que uma delas segura os chifres do touro enquanto a outra estende os braços em direção do saltador. Certamente tal cerimônia, um ritual perigoso para os saltadores teria um significado de equivalente tamanho em detrimento da representação.

Figura 16 – fragmentos de outros afrescos encontrados em Knossos que descrevem as seqüências dos saltadores[118].

As objeções às Cortes Centrais, como uma área para a prática deste esporte apresentam-se em considerações de praticidade e movimentação dos personagens deste ritual. Neste caso, afirma James G. Thompson, pode-se facilmente imaginar a dificuldade e o perigo envolvidos no domínio de um touro ensandecido dentro do palácio. Seria complicado conduzir o animal por

[117] EVANS, Arthur. ***The Palace of Minos at Knossos III.*** London: 1930.

[118] BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Pág: 81.

dentro dos corredores estreitos e salas ornamentadas até o grande pátio que fica localizado dentro da própria construção sem nenhum acesso disposto para a área externa[119].

Foto 2 – vista em perspectiva do pátio denominado "grande corte" onde as realizações das cerimônias da tauromaquia aconteciam. Ao fundo vê-se a sala do trono e o átrio do touro[120]. Foto 3 – vista do pátio da sala do trono[121].

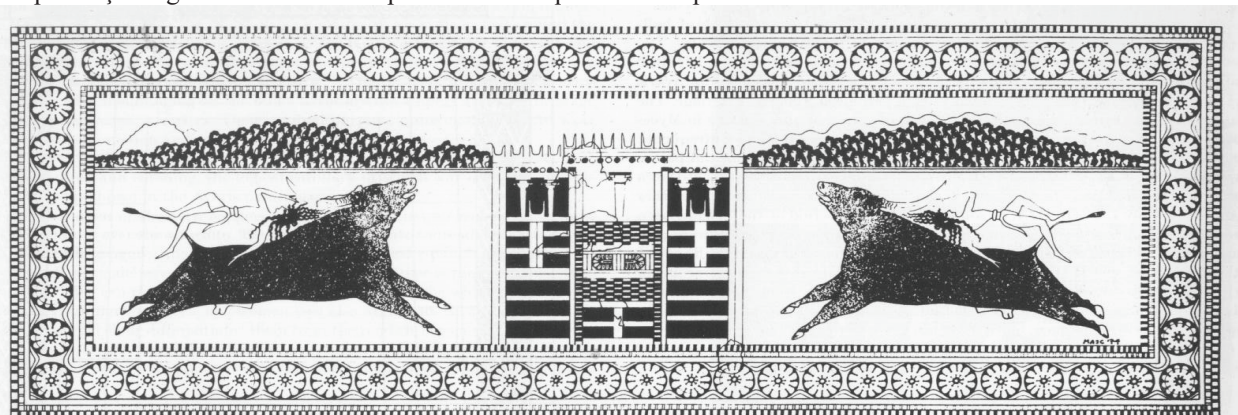
Para Thompson seria mais fácil a manifestação do ritual fora do palácio nas cercanias. Isso acarretaria a cerimônia como de aspecto público e não privado aos convivas do palácio, ou seja, poderia ser visto pelos que não pertenciam à realeza-palaciana[122].

[119] THOMPSON, James G. ***The Location of Minoan Bull-Sports: A Consideration of the Problem.*** Pennsylvania: Journal of Sport History – Pennsylvania State University, vol 13, n° 1, 1986. Pág. 1 a 3.

[120] Foto do autor - Palácio de Knossos/Creta; Grande Corte e sala do trono ao fundo em posicionamento NNE 12º 40" – Fevereiro de 2012.

[121] Foto do autor - Palácio de Knossos/Creta; Grande Corte em posicionamento NO 54º – Fevereiro de 2012.

[122] THOMPSON, James G. ***The Location of Minoan Bull-Sports: A Consideration of the Problem.*** Pennsylvania: Journal of Sport History – Pennsylvania State University, vol 13, n° 1, 1986. Pág. 2.

Figura 17 – Afresco de Knossos. Seus fragmentos foram encontrados na área Oeste XIII (armazéns) onde vemos a presença de grande número de espectadores e arquiteturas do palácio [123]

Embora Thompson esteja se referindo mais com base a evidências encontradas nas cercanias do palácio de Phaestos que denotam da cerimônia ser procedida também ou somente na parte externa deste, pois, segundo J.W. Graham na grande corte de Phaestos há degraus num setor que seriam referentes à subida ao animal pelo acrobata que corroboram com a possibilidade das apresentações neste local do palácio[124]. J.W. Graham afirma que as áreas da grande corte seriam o único lugar em Knossos onde poderiam ser acomodados os espectadores da cerimônia em uma posição segura devido aos assentos comuns neste tipo de construção e da possível colocação de uma espécie de "alambrado"[125].

[123] BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Pág: 81.

[124] GRAHAM, J.W. ***"Egyptian Features at Phaestos".*** Princenton: American Jornal of Archaeology 1970. pág. 232.

[125] GRAHAM, J.W. ***The Central Court.*** Princenton: American Journal of Archaeology; 1957 pág: 258.

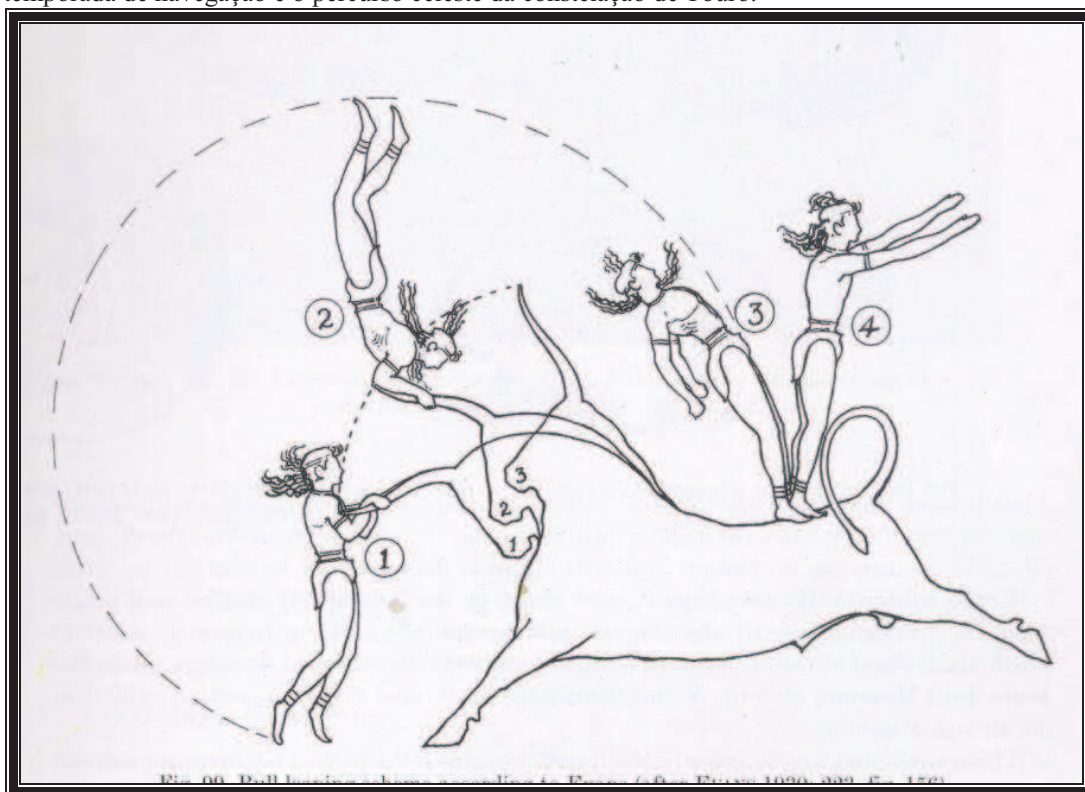
Foto 4 – corredor da entrada Norte. De acordo com A. MacGillivary seria por esta passagem que os touros chegavam à Praça da Grande Corte para os festivais. Ao fundo, vê-se o que seriam as estruturas de um curral[126].

Para Manuel S. Espinosa, um dos exemplos mais antigos em Creta sobre a representação do salto dos touros data do Minóico Antigo a proximidade de Mokhlos e a prática deste ritual e o interior do palácio estão relacionadas ao culto[127]. Além da representação mais conhecida a qual vimos acima do afresco dos saltadores de touro o rito tauromaquia surge em outros artefatos constituintes de indivíduos mais abastados da ilha, possivelmente de grupos ligados às práticas de navegação. Seriam estes proprietários de frotas a serviço do *wanax* cretense? Um dos caminhos da resposta pode estar nas evidências nos sinetes encontrados nas escavações arqueológicas.

---

[126] MACGILLIVRAY, A. ***Labyrinths and Bull Leapers.*** Princeton: American Journal of Archaeology, 2000 págs. 53 a 55. Foto do autor - Palácio de Knossos/Creta; Corredor da Entrada Norte. Posicionamento do observador: N– Fevereiro de 2012.

[127] ESPINOSA, Manuel Serrano. ***Acerca de los Orígenes de la Tauromaquia Cretense.*** Em Gérion n°16, Madrid: 1998. Págs. 39 e 40.

Figura 18 – Seqüência do salto proposta por Evans baseada no afresco principal dos saltadores de touro encontrado em Knossos (1930)[128]. Tal movimentação poderia estar ligada também ao início da temporada de navegação e o percurso celeste da constelação de Touro.

Barry Molloy analisando o ritual através do afresco dos "saltadores de touro" (Figura 15) junto das imagens de sinetes onde o entalhe possui a representação tauromáquica questiona sobre a posição social do indivíduo saltador. Percebe, o pesquisador, que há realmente certa dificuldade de identificá-los com exatidão como membros da realeza-palaciana, guerreiros ou mesmo malabares ou apresados[129]. Porém, B. Molloy considera também que a possibilidade destes saltadores (homens e/ou mulheres jovens) pode estar ligada aos ritos de iniciação destes jovens na sociedade minóica através deste festival como representação máxima e de suma importância da realeza-palaciana no que podemos perceber pelo grande número de iconografias do ritual[130]. Desta forma, podemos entender a tauromaquia minóica como um rito ligado a uma

---

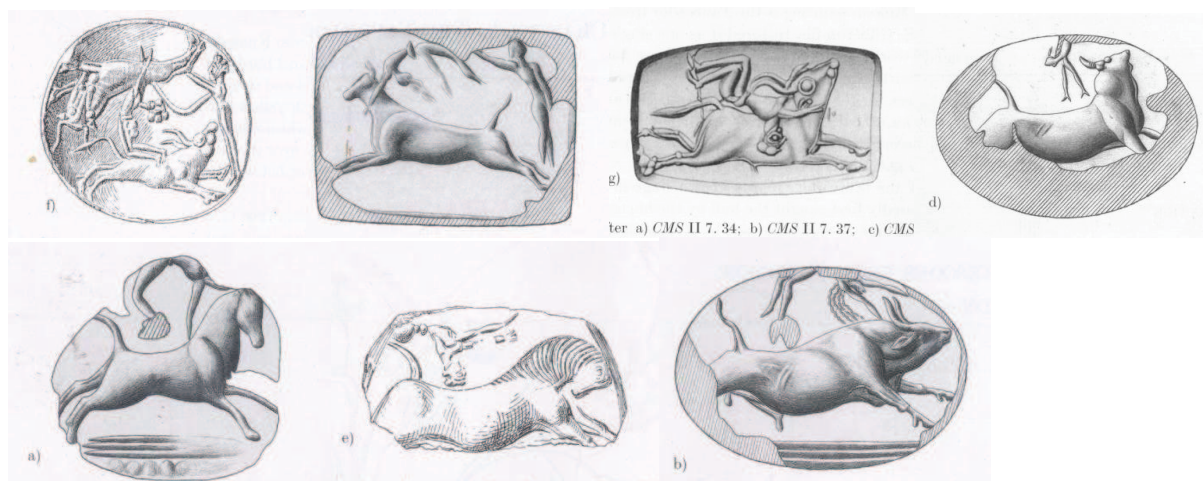
[128]BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Pág: 115. Cf. também: EVANS, Arthur. ***The Palace of Minos at Knossos III.*** London: 1930. Pág: 223.

[129] MOLLOY, Barry P.C. ***Martial Minoans? War as Social Process, Practice and Event in Bronze Age Crete.*** The Annual of the British School at Athens, 107, 2012 pág. 89.

[130] Ibidem págs. 90 a 92.

disciplina física dos participantes, tal como um evento com aspirações de um elemento de poder da realeza.

A presença de um discurso de poder nas festividades da tauromaquia pode ser percebida no caráter da amplitude que esta emerge nas representações desta sociedade. De acordo com N. Marinatos, os rituais se apresentados na grande corte do palácio envoltos de uma platéia, certamente seleta, manifestam o poder local do governante tal como seu poder sagrado, tendo em vista que as festividades se iniciavam com os períodos de navegação e colheitas[131]. Em relação ao período de navegação, este estava ligado visceralmente ao poder das realezas-palacianas e seus séquitos de uma nobreza voltada aos trâmites marítimos com suas frotas a serviço do senhor do Labirinto[132].

Figura 19 – Exemplos de sinetes com a representação de cenas da tauromaquia[133].

Através dos sinetes podemos entender que estes grupos da nobreza estariam voltados para os assuntos de mar. Segundo C. Walker os sinetes eram amplamente utilizados na Mesopotâmia, Egito e possessões levantinas onde preconizava de um selador de encomendas, jarros de especiarias, correspondências, tratados governamentais etc no qual estava a marca do nobre responsável ou de um encarregado importante das despensas reais, validando da carga selada[134].

[131] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Sacrificial Ritual – Cult Pratice and Symbolism.*** Stockolm: Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae N° XVIII, IX, 1986. Parte I.

[132] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967.

[133] BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Pág: 116.

[134] HOOKER, J. T.Et al. ***Lendo o Passado***. São Paulo: Ed. Melhoramentos / Ed. USP, 1996. Págs: 4 a 54.

Quando vemos evidenciada a presença em vários sinetes da representação da tauromaquia como elemento signatário junto com outros sinetes com alusões referentes à navegação, podemos entender que a difusão desta cerimônia estava num patamar de grande importância para os membros da realeza e seus apoiadores, ou seja, sua nobreza marítima[135]. Representaria o imaginário de poder da realeza-palaciana constituída por elementos de origem divina no que vindicava seu poder para com os súditos locais[136].

De acordo com B. Baczko os rituais e cerimônias que manifestavam o simbolismo através das narrativas míticas que se encontravam com os centros de poder no que tange ao domínio destes grupos para com os que estão sobre este sistema[137]. Neste caso, como nos mostra N. Marinatos, os cerimoniais do palácio em representação do *wanax* e da rainha-sacerdotisa mesclam-se com o ritualismo religioso colocando a figura do *wanax* no status também de domínio da religião local onde personifica a presença sagrada em sua própria pessoa através de sua descendência humano-divina[138].

Considerando que tais membros estabelecidos numa hierarquia social como militares ou uma aristocracia marítima que junto à realeza-palaciana governava a ilha de Creta e suas possessões de mar gozavam de algum nível de poder, de acordo com MacGuillivray os ritos da tauromaquia podem estar atribuídos não somente a um período de colheitas, mas, principalmente ao início da temporada das navegações com o Egito e Levante[139], época na qual as movimentações dos insumos dos armazéns dos palácios funcionariam a pleno mantendo assim a continuidade da realeza em seu status de poder.

---

[135] FAURE, P. ***La vie quotidienne en Crète au temps de Minos (1500 av.J.-C.)*** The Journal of Hellenic Studies, Vol. 94 (1974), pag. 226-227 http://www.jstor.org/stable/630481 data de acesso 28 de Janeiro de 2012.

[136] BACZKO, Bronislaw. ***A Imaginação Social.*** In Leach, Edmund Et AL. Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. Págs: 297 a 298.

[137] Ibidem pág: 300.

[138] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. 3.

[139] MACGILLIVRAY, A. ***Labyrinths and Bull Leapers.*** Princeton: American Journal of Archaeology, 2000 págs. 53 a 55.

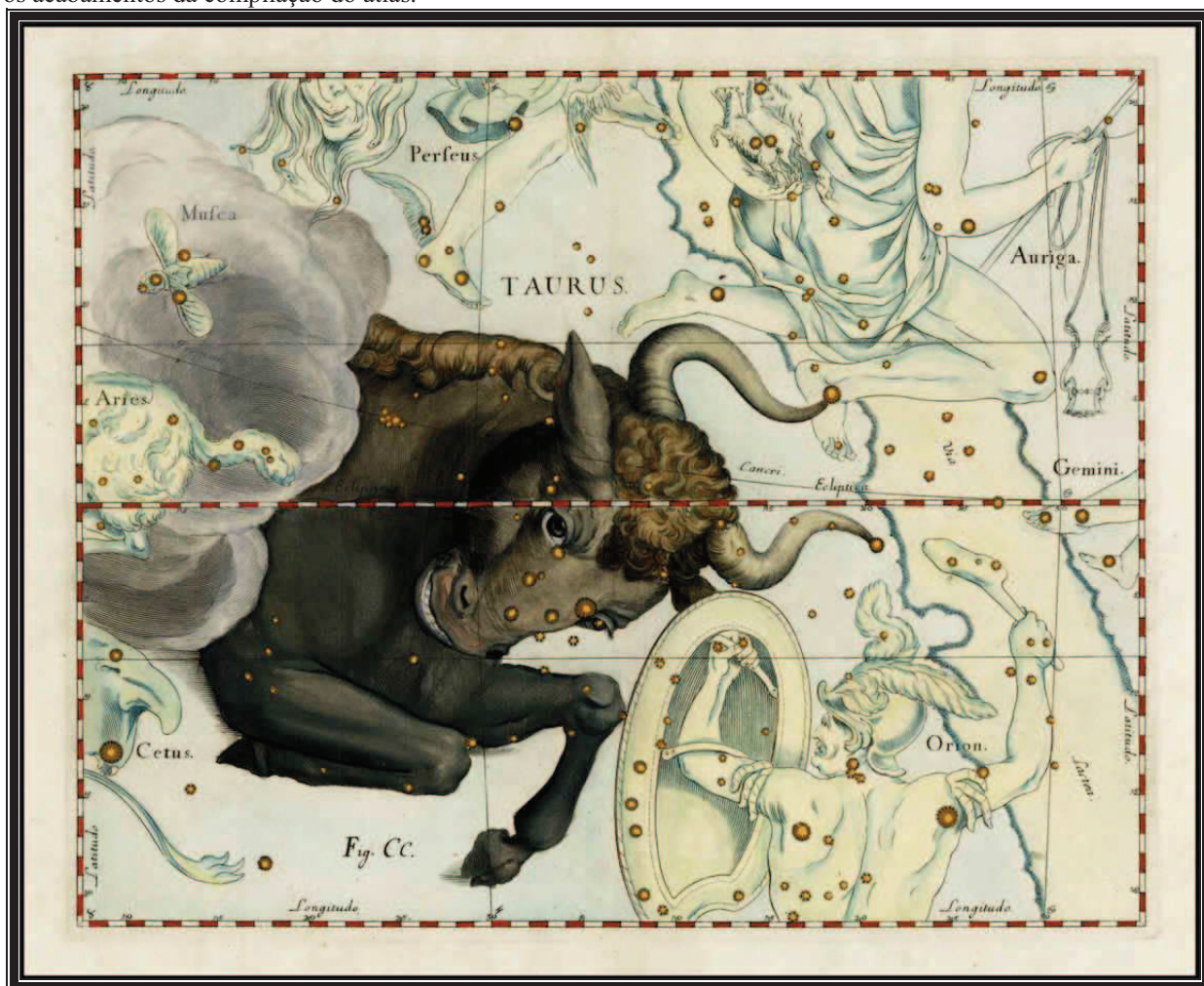
Figura 20 – Representação por Johannes Hevelius da constelação de Touro em seu atlas *Uranographia* sobre as estrelas em 1690. Adiciona 11 novas constelações ao firmamento. Em seus desenhos Hevelius se utiliza das narrativas míticas onde o touro emerge das águas no que somente representa-o pela metade[140]. A coloração escura do animal pode estar relacionada à morte de Hevelius antes do término de sua obra restando à sua esposa completar os acabamentos da compilação do atlas.

[140] Johannes Hevelius ou Jan Hewelusz (1611 – 1687) apresentou em sua distribuição estelar as 1564 estrelas ptolomaicas e suas constelações. Ainda hoje grande parte de suas delineações de constelações e posicionamentos estelares são usados pela Astronomia e suas descrições alegóricas como base de orientação celeste em cartas celestiais. Cf. HEVELII, Johannis. ***Firmamentum Sobiescianum, sive Uranographia.*** Gedani: types Johannis-Zachariae Stollii, 1640.

Figura 21– Constelação de Touro no fim de seu percurso na abóboda celeste. Através da referência de Aldebaran, sua mais brilhante estrela, os navegadores cretenses se orientavam a fim de alcançar o costado líbio numa viagem de cerca de quatro dias[141].

Neste caso, segundo o pesquisador, o salto pelo touro pode estar ligado à narrativa de um drama celestial. De acordo com a Astronomia, Orion, o caçador, enfrentaria o Touro composto pelas Híades[142] e Plêiades (aglomerados estelares das "sete irmãs")[143]. Durante sua passagem pela circunferência celeste num ciclo direcional Leste – Oeste culminando seu ápice celeste ao Sul (rota em direção ao Egito). Assim de acordo com o autor as celebrações da Tauromaquia eram epifanias relativas à prática da orientação astronômica voltada principalmente para as

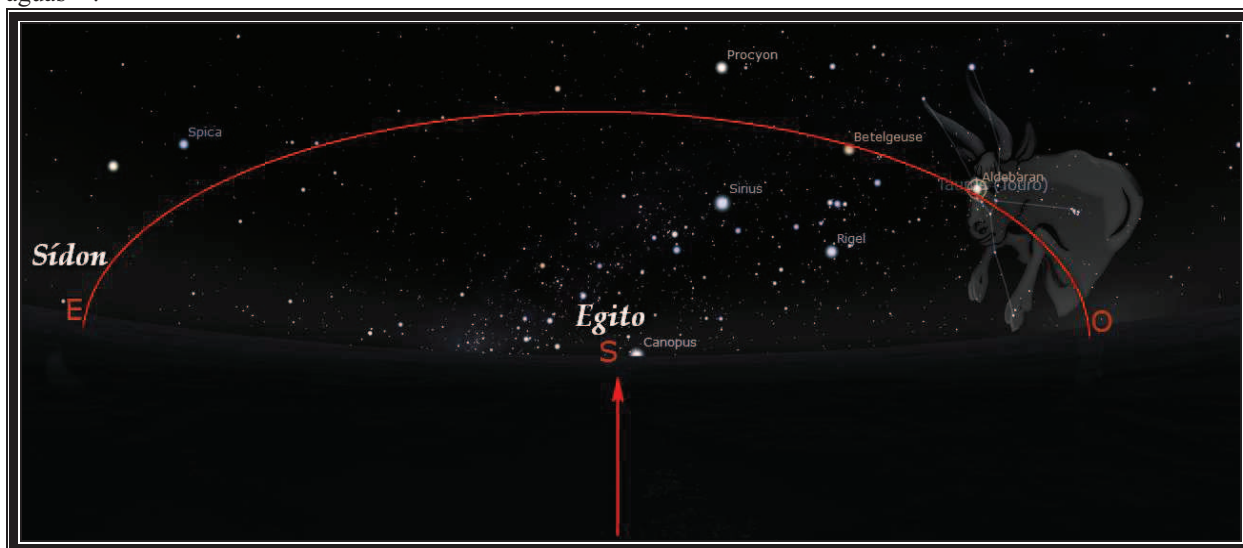
---

[141] ESTRABÃO. ***Geographica**,* Leipzig: Ed. A. Meineke 1877. Livro X - Capítulo IV – Verso V. Imagem capturada através do software de orientação astronômica Stellarium 0.11.3. Edições pelo autor. 2013.

[142] As Híades são um agrupamento estelar em que sua aparição coincidia como período de chuvas da Primavera em Creta. Em uma das suas narrativas míticas referentes a elas, está de que Zeus apiedou-se do longo pranto em virtude da morte de seu irmão Hías colocando-as na fronte de touro em forma de um "V" oblíquo no céu junto às suas sete meias-irmãs Plêiades. Cf. MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas; ***Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica***; Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995. Cf. também: GRIMAL, Pierre; ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana;*** Rio de janeiro: Ed. Bertrand 2011.

[143] MCINERNEY, Jeremy. ***Bulls and Bull-Leaping in the Minoan World.*** Pennsylvania: Expedition Magazine by Penn Museum of the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology. Vol. LIII nº III. Págs: 6 a 13.

navegações e conseqüentemente com as ligações de comércio com o Egito e grupos levantinos como Sídon[144].

Figura 22– a representação simula a travessia da constelação no período em torno equinocial de Março do século XV a.C. onde se inicia as navegações pelo Mar da Líbia em direção de Creta ao Egito. À esquerda podemos perceber a posição geográfica de Sídon à Leste de Creta no que corrobora com a narrativa mítica do touro sobre as águas[145].

As orientações celestes eram de suma importância aos povos antigos que praticavam as observações astronômicas para várias funções de suas sociedades. Entender o firmamento e suas épocas sazonais era vital para suas colheitas e épocas de deslocamento de caravanas etc. De acordo com Robert Koehl era vital que as cerimônias fossem nas épocas exatas dos períodos equinociais assim representando a epopéia divina a fim de que tudo estivesse em equilíbrio entre as divindades e os homens[146]. Particularmente, a constelação de Touro é observada pelo homem desde o quinto milênio a.C. pelos povos das regiões da Mesopotâmia[147].

1.3 O rapto de Europa de Sídon

Juan Truhán afirma que a prática da tauromaquia e seu festival estão ligados ao culto da fertilidade no período do início de colheitas como também o de navegação, época na qual são as

[144] MACGILLIVRAY, A. ***Labyrinths and Bull Leapers.*** Princeton: American Journal of Archaeology, 2000 págs. 53 a 55.

[145] Imagem capturada através do software de orientação astronômica Stellarium 0.11.3. Edições pelo autor. 2013.

[146] KOEHL, Robert B. ***The Sacred Marriage in Minoan Religion and Ritual***. Liège: Université de Liège, revista Aegaeum nº22. 2001. págs: 237 a 243.

[147] THIEL, Rudolph. ***Und es Ward Licht.*** Berlim: Darmstadt, 1958. Págs: 27 a 35.

variantes dos Equinócios da Primavera, início das navegações e Outono, término das navegações[148]. O ritual também pode estar ligado à representação de Zeus (*Krategenes* ou *Labrandeus*) quando se transformou em um touro a fim de raptar a princesa fenícia Europa[149].

Figura 23– O Rapto de Europa. Óleo sobre tela de Noël-Nicolas Coypel (1690-1734) [150]. As inúmeras representações por artistas durante séculos da cena permeiam um imaginário de origem num discurso de identidade europeu até os dias de hoje[151].

De acordo com a narrativa mítica, Zeus ao contemplar a beleza da princesa fenícia Europa[152], filha de Agenor rei de Sídon, importante cidade-porto na região levantina sob o domínio egípcio, Apaixona-se pela jovem perdidamente. Destarte, Zeus se transforma em um touro branco e reluzente a fim de se aproximar da jovem princesa a qual estava à praia de Sídon

[148] Os Equinócios (do latim: *aequus* – igual e nox – noite; "noites iguais") são marcados pelas interseções do círculo das eclípticas com o círculo do Equador Celeste. Neste caso o Equinócio de Primavera é considerado pela astronomia como "ponto vernal" onde o Sol passa do Hemisfério Sul para o Norte marcando o início da Primavera ao Norte (20 ou 21 de Março, raramente 19) enquanto o Equinócio de Outono é conhecido como "ponto de Libra" onde o Sol percorre o inverso Norte-Sul encerrando o período das navegações no Mediterrâneo Antigo (22 ou 23 de Setembro). Cf. MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas; ***Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica***; Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995.

[149] TRUHÁN, Juan Carlos Fernández. ***Orígenes de la Tauromaquia.*** Sevilha: X Congreso Internacional de Historia Del Deporte. Universidad Pablo de Olavide, 2005.

[150] COYPEL, Noël-Nicolas. ***Enlèvement d'Europe (1726-1727).*** Philadelphia: Galeria: 283, European art 1500-1850. Philadelphia Museum of Art.

[151] BAUMAN, Zygmunt. ***Europa***. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006. Cáp. I.

[152] A etimologia do nome Europa é oriunda do fenício "*erebh*" (cair da tarde) denota "Ocidente" ao passo que Cadmos irmão da princesa que sai em seu resgate e no percurso funda cidades tem significação de "Oriente".

junto com suas aias. Encantada com a criatura que se destacava na manada de touros de seu pai[153], Europa se aproxima acariciando-o e por fim montando à sua espalda. Imediatamente o touro salta sobre as águas velozmente atravessando o Mediterrâneo onde nenhum navio se aventuraria. Uma rota direta levando-a até a ilha de Creta. Zeus então lhe aparece na forma humana enamorando-se da jovem sob a sombra de uma árvore (bananeira?). Após o enlace Europa dá à luz a três filhos: Minos, Sárpedon e Radamantis. Como Zeus não podia continuar na presença de Europa deixou-a aos cuidados de Astério rei de Creta que se casa com a princesa e adota os seus três filhos[154]. Minos, Sárpedon e Radamantis dominariam a ilha seriam fundadores de uma realeza palaciana[155].

Dentre os filhos de Europa, Minos governaria o palácio de Knossos como um *wanax* que posteriormente afastaria os irmãos e dominaria toda a ilha de Creta após um voto com Poseidon pedindo que vindicasse seu poder através da representação de um touro branco emergindo sobre as águas. Poseidon atende seu pedido com a condição de que se sacrificasse o touro assim que firmasse o reconhecimento de Minos como senhor de toda Creta. Porém, Minos, encantado com a beleza do animal junta aos de sua manada e sacrifica outro touro para o deus. Ao saber do ardil de Minos, Poseidon enfurecido pede Afrodite que faça a esposa de Minos Pasífae apaixonar-se perdidamente pelo animal. Assim, A rainha solicita a Dédalos, construir uma vaca de madeira a fim de que ela pudesse copular com o animal. Deste enlace nasce a fera híbrida conhecida por Minotauro (touro de Minos) meio homem, meio touro[156]. A narrativa do rapto da princesa encontra-se representada em vasos e nas poesias como as de Anacreonte de Teos[157] que descreve em um de seus poemas o rapto desta princesa fenícia[158].

[153] OVÍDIO. ***Metamorfosis.*** Livro II versos 840 a 875. Cf. também: APOLODORO. ***Biblioteca.*** Livro III versos 3.1 a 3.11.

[154] LÓPEZ, García José. ***La religión griega***, Madrid: Ed. Istmo. 1975.

[155] ANDRADE, Maria Soares de Et Al. ***Dicionário de Mitologia Greco-Romana***, Ed. Abril Cultural. São Paulo:1973.

[156] GRIMAL, Pierre; ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana;*** Rio de janeiro: Ed. Bertrand 2011.

[157] Anacreonte nasceu em Teos, cidade na região da Ásia Menor por volta de 575 a.C. poeta, esteve em vários lugares como também a corte de Polícrates em Samos no período de seu apogeu marítimo (532 a.C.). Ao tirano de Samos dedicou vários poemas em referência a seu poder e magnitude como também fez referências aos mitos de Europa e o touro branco. Morreu aproximadamente em 490 a.C.

[158] ANACREONTE, ***Anacreontea –Poemas à maneira de Anacreonte,*** Trad. Carlos A.M. de Jesus, Edições Fluir Perene. Coimbra: 2009. Livro I verso LVI.

Mapa 2 – De acordo com a narrativa mítica, o touro atravessou pelo mar numa região onde nenhum homem se aventuraria com um navio devido às águas profundas e bravias. O traçado da rota coincide com a projeção celeste da constelação de Touro em seu percurso e direção.

Seriam então as alegorias míticas representações históricas de acontecimentos passados?

De acordo com os estudos de Margalit Finkelberg a narrativa mítica do rapto de Europa sugere as práticas de casamentos entre as realezas palacianas (*exogamia*), a fim de acordos militares ou comerciais estribados na união das casas pelo matrimônio de seus pares. A relação das realezas palacianas cretenses (Knossos) e as fenícias (Sídon) através da narrativa mítica do Rapto de Europa estão voltadas aos acordos marítimos tendo em vista da necessidade cretense de uma rota de retorno pela costa do Levante onde Sídon vigora como principal entreposto da região[159].

Assim, para M. Finkelberg a prática da *exogamia* entre as realezas palacianas de grupos reforçaria a presença cretense como um importante participante das relações de comércio no âmbito das navegações do Mediterrâneo[160]. Tais ligações entre as casas estavam representadas pela narrativa mítica do casamento sagrado[161].

---

[159] FINKELBERG, Margalit. ***Greeks and Pre-Greeks – Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition.*** New York: Cambridge University Press, 2005. Págs. 55 a 60.

[160] FINKELBERG, Margalit. ***Greeks and Pre-Greeks – Aegean Prehistory and Greek Heroic Tradition***. New York: Cambridge University Press, 2005.

[161] KOEHL, Robert B. ***The Sacred Marriage in Minoan Religion and Ritual***. Liège: Université de Liège, revista Aegaeum nº22. 2001. págs: 237 a 243.

Figura 24 – Representações do rapto de Europa por Zeus em cerâmicas gregas do período entre os séculos VI e V a.C. A representação do mito pelos atenienses era bastante presente na aristocracia no que poderia se referir a um imaginário de origem com a Creta, outrora senhora dos mares [162].

Tal importância da marinha minóica e sua influência podem ser observadas ainda nos poemas de Anacreonte de Teos. O poeta descreve o trajeto do touro sobre o mar no que possivelmente relaciona-se a uma comitiva cretense à Sídon onde a descrição sugere da marinha cretense como também a alusão do domínio das práticas de marear por parte dos cretenses[163]. Neste caso, a utilização poética de "epítetos" pode estar presentes no que o poeta faz alusão aos cascos de embarcação na analogia "touro" (representação "chifres") e da cor branca do animal estar ligada às velas das naus cretenses[164].

Referente à prática da *exogamia* entre as realezas-palacianas como também ao poderio da marinha cretense a poesia de Anacreonte de Teos pode nos evidenciar também de uma diferenciação entre cascos que poderiam ser os das embarcações cretenses:

---

[162] *Corpus Vasorum Antiquorum*: ZURICH, *OFFENTLICHE SAMMLUNGEN*, 33, PL.(66) 24.21-22. E Corpus Vasorum Antiquorum: SYRACUSE, MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE 1, III.H.6, PL.(813) 8.5.

[163] ANACREONTE, ***Anacreontea –Poemas à maneira de Anacreonte,*** Trad. Carlos A.M. de Jesus, Edições Fluir Perene. Coimbra: 2009. Livro I verso LVI.

[164] SANTORO, Fernando. ***Raptos de Europa: para uma percepção imagética da passagem do mito ao logos***. São Paulo: para Classica, Revista Brasileira de Estudos Clássicos Vol. 13/14 págs. 109 a 121.

> "Este touro aí, meu rapaz, parece-me que é um Zeus, já que leva sobre as costas, a mulher de Sídon. Cruza a imensidão do mar e corta as ondas com os cascos. É como nenhum outro touro, assim afastado da manada, navegaria pelo oceano, nenhum outro que não esse."[165]

Na análise de F. Santoro do texto poético acima, o pesquisador nos apresenta palavras com atribuições diversas que podem denotar de sentidos ambíguos como o caso da palavra "*manada*" (**αγέλαι**) que tanto pode se referir a um grupo de bovinos como também é o mesmo termo usual em Creta para uma "turma de jovens" com idades de instrução militar os quais compunham também as tripulações da frota cretense[166].

Todavia, o poema de Anacreonte além de descrever tais contatos nos revela sobre as observações astronômicas onde a constelação de Touro proporciona uma orientação de rota na qual o observador em travessia no Mar da Líbia manteria a proa da embarcação apontada ao Sul, se baseando no percurso desta constelação[167] pela sua estrela principal "*Aldebaran"*[168] que sua trajetória pela abóboda celeste projetando-se numa linha onde o observador posicionado ao través[169] da embarcação teria a estrela em bombordo-estibordo (da esquerda para a direita que neste caso a travessia celeste seria de Leste para Oeste), ou seja, Na mesma direção de Sídon para Creta.

A análise das imagens de cerâmicas atenienses em que a representação do rapto do deus à princesa nos demonstra uma apropriação deste discurso entre a aristocracia grega. Remete a um imaginário de origem constituinte de um grupo em relação ao outro no que tange ao seu objetivo[170]. Conseqüentemente, será como um vindicador de uma Atenas também presente nas

---

[165] ANACREONTE, ***Anacreontea –Poemas à maneira de Anacreonte,*** Trad. Carlos A.M. de Jesus, Edições Fluir Perene. Coimbra: 2009.Pág. 145.

[166] SANTORO, Fernando. ***Raptos de Europa: para uma percepção imagética da passagem do mito ao logos***. São Paulo: para Classica, Revista Brasileira de Estudos Clássicos Vol. 13/14 pág. 118.

[167] A constelação de touro é a mais antiga observada pelo homem. Na Mesopotâmia registram-se seus movimentos por volta de 4000 a.C. Entre os egípcios, a constelação está ligada a Osíris e ligada ao Rio Nilo. Sua posição coincide com o planeta Júpiter que fica logo abaixo do conglomerado das *hyades.* MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas; ***Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica***; Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995. Pág.813.

[168] Aldebaran (do árabe *al-dabaran*, "aquela que segue") é a estrela mais brilhante da constelação de Touro e a décima segunda de acordo com as cartas celestes estelares. Sua posição na constelação de Touro representa o olho esquerdo do animal mítico. Por ser de fácil observação em face de seu brilho intenso e de sua posição celestial contribuir com as geografias do Mundo Antigo Oriental, tal estrela foi referência de navegação tanto marítima quanto terrestre, pois seu percurso Leste-Oeste permite ao observador o entendimento direcional em lugares áridos como o deserto ou grandes planícies e para o marinheiro era vital em meio ao mar aberto com poucos ou raros elementos de referência acima da superfície (ilhas, costas continentais etc.). Cf. HOFFMANN, Linneu. ***Astronomia - Nova Carta Celeste.*** Rio de Janeiro: AGGS, 1978. Cf. Também: MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas; ***Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica***; Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1995.

[169] Parte relacionada à traseira da embarcação. O mesmo que popa.

[170] MOLINA, Bancalari A. ***El Mito de Europa em los Textos Literários Clásicos.*** Conceptción: in Acta Literaria nº 43, 2011. Págs: 95 a 109.

posições de marinha, fortemente defendidas no período das cerâmicas citadas. Estaria Atenas em busca de um elemento base para uma *talassocracia*[171]?

Tucídides enaltece o poder de Minos em seus escritos como um grande e poderoso rei ao qual todo o Egeu se rendia através de tributos[172]. Foi o primeiro a constituir de uma frota considerável que aplacasse a pirataria e instaurasse uma ordem naval assim denominada de "*talassocracia*". De acordo com Pierre Vidal-Naquet é saudável se entender da posição onde se encontra Tucídides, numa Atenas em pelo anseio de expansão na qual o caminho do mar se mostra presente e em suas aristocracias emerge grupos voltados aos preceitos do comércio marítimo na sociedade aos quais se apropriarão do discurso de origem cretense de Zeus e Europa pra si como vimos nas cerâmicas domésticas em busca do lugar de fala em seu meio político-social[173]:

> "Minos foi o mais antigo de todos os personagens tradicionalmente conhecidos a ter uma frota e a conquistar grande parte do, hoje chamado, Mar Helênico, tornando-se o senhor das ilhas Cíclades..."

Certamente não só a Atenas de Temístocles (524 a 459 a.C.) e Pisístrato (600 a 527 a.C.) anelava o mar como um domínio próprio; vemos em Heródoto que o discurso em relação a Minos o define com um mito, ou seja, destituindo-lhe de uma posição que agora o primeiro vivente galgava. Referia-se ao senhor de Samos, Policrates (570 a 522 a.C.), seu anfitrião[174]:

> Acredita-se que Polícrates foi o primeiro dos helenos dos quais temos qualquer conhecimento que direcionou sua mente a fim de obter o domínio do mar, com exceção de Minos de Cnossos e qualquer outro que possa ter tido o domínio do mar antes de seu tempo. Daquilo que chamamos de raça mortal, Polícrates foi o pioneiro e tinha grande expectativa de se tornar governador das Jônias e das ilhas.

De acordo com M. Finley, estes relatos não estão somente ligados ao viés político, mas, em virtude de se ter nas narrativas míticas atenienses como a de Teseu e o Minotauro principalmente, uma Creta mítica enaltecida por Tucídides que se remete profundamente aos preceitos religiosos no que também vemos com as narrativas do nascimento de Zeus na ilha[175].

---

[171] Talassocracia (do grego, *θαλασσα* - Mar *χρατια* - Domínio, soberania) é o regime de governo que preconiza o domínio dos mares seja no âmbito estratégico militar e comercial como soberania principal de seu poder.

[172] TUCÍDIDES, ***História da Guerra do Peloponeso.*** Brasília:Trad. Mário da Gama Kury Ed. UNB Coleções Ipri, 1987. Pag. 50.

[173] VIDAL-NAQUET, Pierre. ***O Mundo de Homero.*** São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002.

[174] HERÓDOTO, ***Historia,*** Trad. J. Brito Broca, Ed. Ediouro. Rio de Janeiro: 2001.Livro III versos 122

[175] FINLEY, Moses. ***Grecia Primitiva: la Edad de Bronce y la Era Arcaica,*** Bueno Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires; 2005. Págs: 67 a 70.

Todavia, se pelos escritos posteriores dos gregos, Creta emerge como uma ilha permeada de lendas e mitos, os contatos comerciais do Egito podem nos auxiliar no que se referem às “ilhas do Grande Mar Verde”.

2 AS ILHAS DO GRANDE MAR VERDE"

2.1 As rotas de comércio entre Creta minóica e o Egito

Os contatos marítimos entre o Egito e os grupos que habitavam as regiões do Egeu e Mediterrâneo levantino podem ser datados de um período muito anterior ao da *talassocracia minóica.* Tal comércio com o exterior praticado pelo Egito possui evidências ulteriores ao tempo da XVIIIª Dinastia. De acordo com L. Casson as navegações procediam desde os idos de 3000 a.C.[176] A travessia de quarenta naus carregadas com troncos de cedro (ou feitos desta madeira), registrada por um escriba no período do reinado do faraó Senefru (2613 a 2589 a.C.) da IVª Dinastia, aproximadamente em 2650 a.C. nos mostra que as rotas marítimas tinham grande intensidade de traslado de insumos. Pela relação do conteúdo das embarcações há informações de várias paradas, sendo da citada frota oriunda de Biblos:

> [reinado de]Senefru. Ano(?)
> [Sobre] a construção de navios de madeira "*mer*" com uma capacidade de cem a sessenta barcos reais com dezesseis de capacidade (sem informação sobre o que)... Trago quarenta navios de madeira de cedro. [177]

De acordo com D. Mackenzie as expedições empreendidas pelo faraó Senefru para além-mar usufruíram da mão-de-obra de navegadores fenícios e cretenses a fim de abastecer os templos e palácios com os incensos e madeiras[178]. O cedro vindo do Líbano em embarcações fenícias registrado pelo escriba era apreciado não só pelos construtores de navios, mas, também na confecção de esquifes pelas funerárias egípcias[179].

Tal registro nos apresenta que a região era permeada de comércio marítimo intenso onde para um bom funcionamento o Egito mantinha uma estrutura abrangente capaz de manter seus contatos com outros portos e que a presença de navegação era grande, de acordo com a informação do escriba.

---

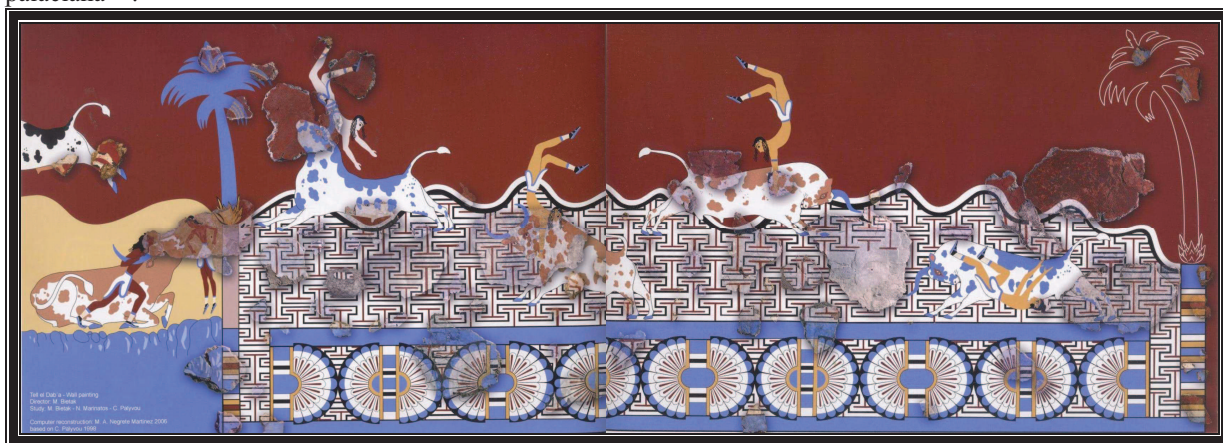
[176] Ibidem pág. 14

[177] BUDGE, Wallis E.A. ***The Literature of the Egyptians***. Londres: J.M.Dent & Sons Limited, 1914. Págs. 101 e 102.

[178]MACKENZIE, Donald. ***Egyptian Myth and Legend***. Londres: The Gresham Publishing Company Limited, 1900. Cap. X pág 73.

[179] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967. Pág. 18.

Segundo L. Casson este intenso comércio que permeou as rotas do Mediterrâneo cessou após 1750 a.C.[180]. Uma das possibilidades seria da pouca informação que nos é oferecida por evidências da ocupação hicsa no Egito[181], muito embora os minóicos ainda permanecessem no Egito durante a ocupação dos "governantes estrangeiros" [182] como é o caso das regiões de Avaris, capital hicsa onde a presença de vestígios de habitação de cretenses corrobora com o período[183].

Figura 25– Reconstrução proposto por M. Bietak e N. Marinatos da cena dos saltadores de touro de Avaris. As semelhanças com o rito em Creta corroboram para que ali houvesse a presença de um grupo da realeza-palaciana[184].

Nesta localidade do Delta do Nilo as escavações da arqueologia trouxeram ao nosso conhecimento a existência de rituais de tauromaquia que denotam da presença minóica de habitantes oriundos da nobreza cretense nesta cidade. R. David sugere que o palácio encontrado em Avaris seria de uma princesa minóica que por casamento entre as realezas-palacianas cretense e hicsa bem antes do processo de reconquista pela XVIIIª dinastia egípcia. Tal palácio

---

[180] Ibidem: Págs. 19 e 20.

[181] Nome deriva do Grego "*Hicsos"* que é oriundo do egípcio "*Hik-Khoswet"* que aproximadamente significa "governantes estrangeiros". Há pouquíssimas informações precisas sobre a época das XVª e XVIª dinastias hicsas. Um dos raros escritos sobre este grupo encontra-se nos registros muito posteriores do cronista egípcio Maneto (305-285 a.C.). De acordo com Waddell, traduz a etimologia do nome por "reis pastores" (do egípcio: *hyk* – rei; *sos*- pastor) Flávio Josefo denomina-os também como "reis pastores", no que segundo o autor certamente usufruiu dos escritos de Maneto. Todavia, segundo Emanuel Araújo, o termo esteja ligado à etimologia da expressão egípcia *"heqa'u" (hk3w)* e *"khesut" (h3swt)* que se traduzem por "chefes ou governantes das terras estrangeiras" particularmente se referindo aos grupos originários da Ásia Menor cf. ARAÚJO, Emanuel; ***Escrito para a Eternidade- A literatura no Egito Faraônico***; Brasília: Ed. UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo 2000; Pág. 395. Cf. Também: DAVID, Rosalie; ***Religião e Magia no Egito Antigo***; Rio de Janeiro: Ed. DIFEL 2011; págs. 242 e 243.

[182] Cf. nota 3.

[183] DAVID, Rosalie. ***Religion and Magic in Ancient Egypt*** London: Penguin books ltd, 2002. Págs. 242 a 245.

[184] BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Págs: 58 e 59.

minóico se instalou na região já habitada por outros estrangeiros no Delta do Nilo[185]. Para M. Bietak os rituais encontrado nos afrescos de Avaris reforçam que não era apenas um local onde havia grupos minóicos, mas, de uma presença de membros da realeza-palaciana responsáveis pelo contato naval com Creta[186].

Todavia, não sabemos ao certo o motivo da ausência de informações e evidências sobre os contatos marítimos neste período. O que sabemos é que este retornou após as campanhas militares promovidas por Ahmés, primeiro faraó da XVIIIª Dinastia (reinou entre 1580 a 1525 a.C. aproximadamente) promovendo um intenso comércio de grandes proporções colocando em contato as regiões levantinas e os grupos navegantes do Egeu onde Creta figurava como principal centro de poder, época a qual a realeza palaciana emerge com o enriquecimento através das suas naus[187].

Com as campanhas de Ahmés e de seus sucessores, o Egito experimentará um florescimento como um império soberano com domínio sobre as regiões levantinas, região de importantes cidades-porto como Sídon e Biblos o que permitirá o retorno dos contatos com o comércio marítimo com Chipre, Creta vigorando as intensas trocas dos mais variados bens voltados para o consumo dos palácios bem como as iguarias trazidas de longe como o vinho das regiões armênias que de acordo com H. Johnson era bem mais palatável aos membros da realeza e nobreza egípcia do que o produzido no Egito[188].

No período de 1550 a.C. Amósis I (ou Ahmés "A Lua Nasceu") concluiu o que foi um sangrento processo de reconquista das regiões do Egito sob ocupação dos hicsos. Não se tem muita informação sobre o período de reconquista, pois os egípcios procuraram esquecer esse período, limitando-se a poucas citações. De acordo com Emanuel Araújo as campanhas de retomada pelos egípcios já vinham sucessivamente enfraquecendo o poderio hicso, mas por um alto custo nas quais, seu pai, Tao II morrera violentamente em busca da reintegração dos territórios ocupados pelos invasores[189].

---

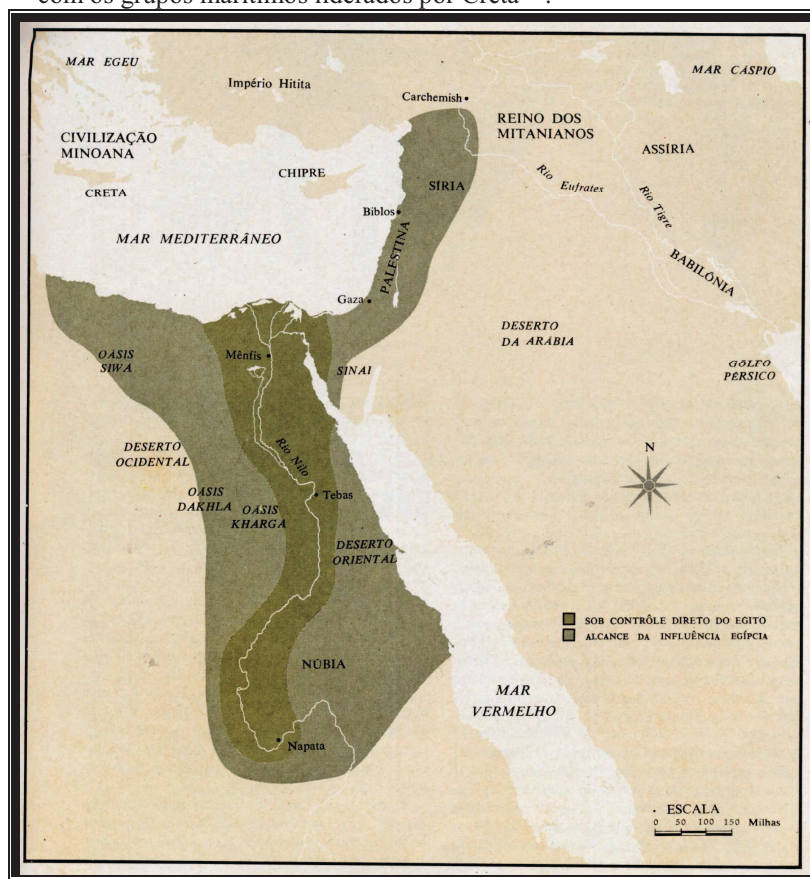
[185] Ibidem: Cap: 5

[186] BIETAK, Manfred e Nanno Marinatos. ***Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.*** Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007. Págs: 20 a 28.

[187] SPALINGER, Anthony J. ***War in Ancient Egypt***. Malden: Ed. Blackwell Publishing, 2005. Págs. 25 a 30.

[188] JOHNSON, Hugh. ***A História do Vinho***. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1999. Cap. 3.

[189] Alguns trechos de textos comentam sobre a presença "invasora" de grupos oriundos das regiões levantinas e interior cananeu. No papiro de São Petersburgo 1116B datado da XVIIIª Dinastia apresenta as profecias de Neférti, um "sacerdote-leitor" que em suas revelações descreve a invasão dos "asiáticos" e as conseqüências e situações que levaram ao domínio hicso e a reconquista pelo faraó Amósis I. Embora vejamos a citação referente a estes grupos aqui e em outros papiros, as limitações de descrição não

Mapa 3 – Representação da expansão máxima dos territórios sob domínio egípcio adquiridos pelas campanhas militares dos faraós da XVIIIª dinastia. Acima vemos a região do Levante onde o controle dos entrepostos do costado cananeu proporcionou maiores contatos com os grupos marítimos liderados por Creta[190].

Após sua vitória, Amósis I funda a XVIIIª Dinastia (1550 -1295 a.C.) que expandiu os territórios além do Sinai abrangendo as regiões do Levante, Canaã na parte Leste do império e até o costado líbio a Oeste. Desta forma o Egito experimentou um grande crescimento e conseqüentemente um enriquecimento que o tornaria o maior império da sua atualidade[191].

Uma das conseqüências da reconquista e dos processos de expansão pelas regiões do Levante foi a necessidade de uma malha de transporte estável para o comércio. De acordo com Lionel Casson com a reconquista do império e o estabelecimento de suas estruturas pelos faraós da XVIIIª dinastia, o apego à religiosidade durante este período apresentou um considerável

ultrapassam maiores detalhes. Cf. ARAÚJO, Emanuel; ***Escrito para a Eternidade – A literatura Egípcia no Egito Faraônico***. Brasília: Ed. UnB; 2000. Pág.191.

[190] Mapa de David Greenspan para ***Ancient Egypt***, New York: Ed. Life, 1969.

[191] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967;.cap. 2.

crescimento e uma recorrência aos templos que cada vez mais queimavam os incensos importados de diversas partes para suas cerimônias[192].

Embora os egípcios tenham reconquistado seus territórios dos hicsos, alguns legados da administração dos “estrangeiros” ficaram e foram absorvidos. A adição de equipamentos bélicos de tecnologia asiática usados pelos hicsos como o arco recurvo de chifres de antílope (1600 a.C. aprox.) e o carro de guerra (entre 1370 a.C. aprox.) estão entre as demais adições que os egípcios se apropriaram o que proporcionou às tropas egípcias um grande aparato capaz de manter seus territórios além dos limítrofes do Nilo[193].

Os contatos de comércio com o Egito foram de grande importância para o estabelecimento das rotas marítimas nas quais Creta vigorava com uma frota que pudesse manter a organização do sistema mercantil exterior dirimindo a capacidade dos ataques piratas que segundo L. Casson era visto pelo Egito como elemento desestabilizador das práticas de trocas e conseqüentemente um empecilho para as relações com os outros reinos[194].

De acordo com L. Casson, o Egito necessitava que a marinha cretense atuasse com alguma soberania sobre as rotas de mar aberto tendo em vista a inclinação do Egito em dirimir a pirataria nos contatos comerciais[195]. Segundo o autor isso se devia por que os navios egípcios em sua grande parte eram de tecnologia voltada para a navegação fluvial onde vigorava a vantagem de águas com pouco ou nenhuma tormenta e de um percurso praticamente estável e em uma direção, bastava apenas seguir o curso do rio.

A frota de grandes barcos, maiores até que as embarcações de alto-mar cretenses e fenícias, construídas a mando de Hatshepsut para os contatos com o reino de Punt eram bastante eficientes nas travessias do Mar Vermelho, porém nas águas bravias do Mediterrâneo seu tamanho se mostrava totalmente fora de uso[196]. Os egípcios se especializaram em cascos de baixo calado, ou seja, suas embarcações não resistiam às ondas impetuosas da travessia do Grande Mar Verde como era chamado pelos egípcios.

Porém, de acordo com Hutchinson a tecnologia egípcia poderia proporcionar sim grandes viagens pelo Mediterrâneo, talvez seu problema estivesse em suas crenças de rituais fúnebres

---

[192] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967;.pág. 22.

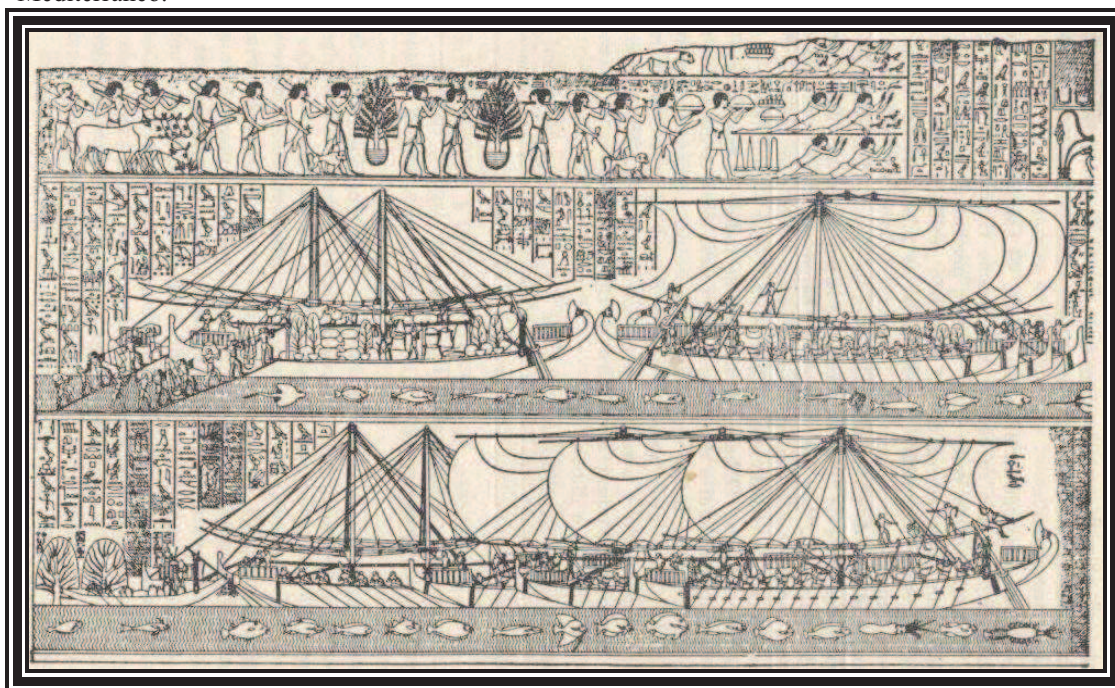
[193] DAVID, Rosalie. ***Religion and Magic in Ancient Egypt*** London: Penguin books ltd, 2002. Cap. 5.

[194] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967 Cap. 3.

[195] Ibidem cap. 2.

[196] Ibidem. Pág. 25.

onde o egípcio temia não tê-los de forma adequada com sua cultura, ocasionando com essa mentalidade uma aversão ao mar aberto deixando tal aventura aos seus contratados cretenses e fenícios[197].

Figura 26– Detalhe da cena "Frota de Hatshepsut a Punt". Embora os egípcios no período da XVIII Dinastia possuíssem grandes embarcações hábeis para navegar o Mar Vermelho, preferiam os serviços de outros grupos navegantes como fenícios e minóicos quando se tratava de travessias no Mar Mediterrâneo.[198]

Dentre os afrescos e intenções aplicadas nas representações de artefatos, cotidiano ou epifanias, a presença de embarcações é veementemente uma constante nos desenhos. Desta forma, a inclinação pelos ofícios do mar por Creta não só multiplicou sua posição nas rotas marítimas como também permeou o imaginário e a criatividade de seus artistas, ourives oleiros etc. São inúmeros os achados que nos evidenciam da prática de navegação o que nos denota que a ilha experimentou uma intensa navegação durante um longo período da civilização minóica.

Um dos mais importantes relatos sobre o design das embarcações utilizadas pelos minóicos nos Mares Egeu e Mediterrâneo está nos afrescos localizados na ilha de Thera denominado "*Desfile de Barcos de Thera*" onde vemos uma variedade de tipos de naus como o exemplo abaixo:

---

[197] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica***, México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Cap: 4.
[198] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos***. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967. Pág. 18

Figuras 27 e 28 – Detalhe da cena "Desfile de barcos de Thera". Nota-se a posição da cabine de comando à popa da embarcação e o *Kubernetes* no comando do leme.[199]

Em face da deterioração, artefatos ou construções de madeira dificilmente conseguem perdurar muito tempo no mar (como é o caso da tanoaria) no que apenas vão se reduzindo aos vestígios do que as compunha de suas estruturas como peças de metal. No que se refere às embarcações de madeira as evidências ficam por conta de sua carga e em muitos casos sua âncora também pode nos trazer informações sobre o navio que ali naufragou. Deste modo, Creta não nos deixou um exemplar de navio algum, porém, suas representações de embarcações são importantes relatos e nos proporcionam um entendimento em relação à construção de suas naus e de suas funções como belonaves ou naus mercantes.

Com o contato restaurado entre o Egito e Creta, a ilha experimentará um período de riquezas culturais e materiais junto com uma supremacia da marinha cretense nos mares Egeu e Mediterrâneo levantino. Tal período ficaria conhecido pela História como a *Talassocracia Minóica*.

Para a continuidade deste comércio com o Egito foram de grande importância o estabelecimento das rotas marítimas onde Creta vigorou com uma frota que pudesse manter a organização do sistema mercantil exterior dirimindo a capacidade dos ataques piratas que segundo L. Casson era visto pelo Egito como elemento desestabilizador das práticas de trocas e conseqüentemente um empecilho para as relações com os outros reinos[200].

---

[199] As imagens de embarcações do afresco "Desfile de Barcos de Thera" foram extraídas do site de pesquisas www.salimbeti.com/micenei/ships.htm data de acesso 08 de Março de 2012.

[200] CASSON, Lionel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967 Cap. 3.

2.2 A Marinha Cretense

As causas que ocasionaram de um crescimento das cidades cretenses no período do segundo milênio a.C. ainda são palco de dúvidas, afirma R.W. Hutchinson no que seriam apenas especulações sobre como Creta floresceu a ponto de uma soberania nos mares[201]. Embora se por uma visão superficial sobre a ilha de Creta seja difícil que possamos entender como chegou a surgir uma civilização com estruturas consideráveis e arquiteturas indubitavelmente de porte opulento, como os palácios e principalmente a ausência de muros ou sequer fortificações mesmo que avançadas. Talvez a resposta esteja mais nas rotas de comércio nas águas do que em terra.

Figura 29– O sarcófago com representação de uma embarcação (detalhe).[202]

Sem sombra de dúvida, a marca da navegação para a civilização minóica esteve latente em todos seus aspectos culturais desde as ilustrações de seus palácios de afrescos alusivos com temas marítimos, sejam golfinhos, polvos e embarcações, passando aos ritos de oferenda a exemplo do sarcófago de Hágia Triada[203](figura 30). É considerável que a ilha fosse voltada para o contato com grupos exteriores através do comércio. Também vemos nos sinetes encontrados em diversas partes da ilha que a temática da navegação está sempre presente[204]

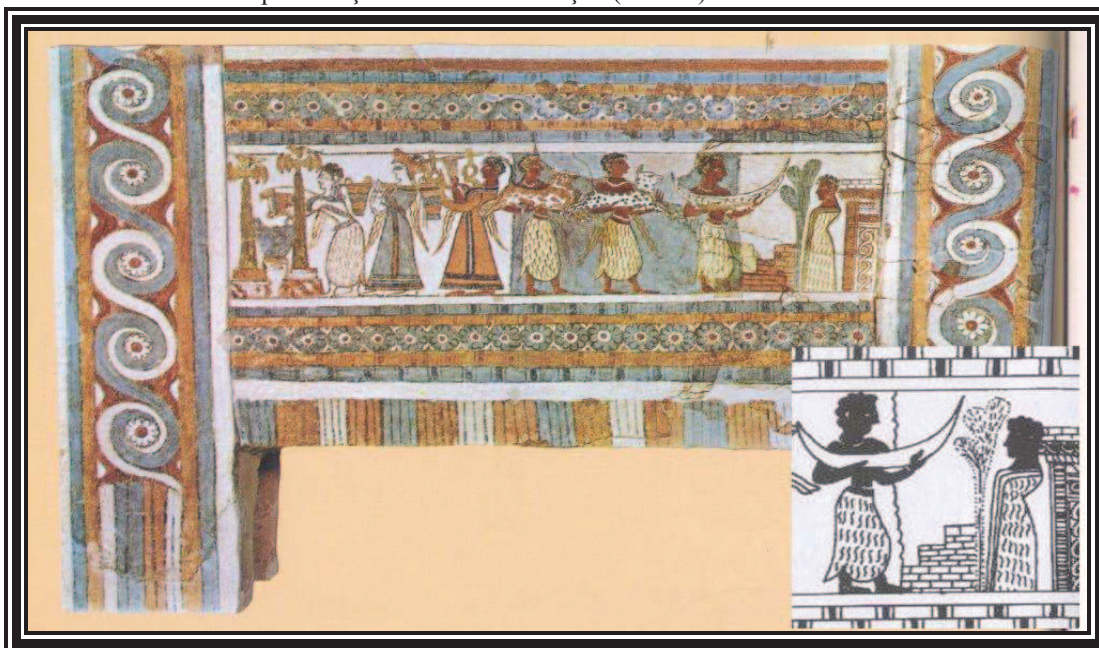
---

[201] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica***, México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs. 222 a 223.

[202] Acervo do Herakleion Archaeological Museum. http://odysseus.culture.gr data de acesso 14 de abril de 2011.

[203] DAVARAS, Costis**. *Phaistos. Brief Illustrated Archeological Guide***. Athens: Hannibal Publishing House, 2011. Pág. 35.

[204] Figuras 33 e 34 na página 81.

Figura 30 – O sarcófago de Hagia Triada e sua representação de um cortejo ao morto. Dentre as oferendas nota-se a representação de uma embarcação (detalhe).[205]

Com tais dimensões, Creta se projeta como a maior ilha do Egeu e a segunda em tamanho no Mediterrâneo Levantino ficando atrás de Chipre[206]. Sua extensão de comprimento lhe permite uma considerável proximidade com as Costas do Peloponeso a Noroeste e as Costas da Anatólia a Nordeste da ilha constituindo assim uma "ponte de acesso" [207] para a navegação entre continentes na Idade do Bronze com privilégios de rotas por mar aberto[208] para o Egito o que requeria mais experiência e embarcações mais resistentes ante as intempéries do mar tal como o auxílio das orientações celestes.

Segundo Lionel Casson, o Egito utilizava dos serviços das frotas fenícias e minóicas para o transporte de uma infinidade de produtos, desde incensos cada vez mais exigidos com o aumento das práticas de cultos nos templos até madeira para seus caixões funerários, embarcações, andaimes das construções palacianas etc[209]. Comumente, as rotas mais usuais entre os fenícios estavam na região da Líbia até aos costados levantinos onde cidades-porto como Sídon se

---

[205] Acervo do Herakleion Archaeological Museum. http://odysseus.culture.gr data de acesso 14 de abril de 2011.

[206] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 18.

[207] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Pág. 31

[208] WATROUS, L. Vance. Kommos III: ***The Late Bronze Age Pottery***, Princeton: 1992 Ed. Princeton, Pág. 177.

[209] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967, pag. 21.

destacava como um dos entrepostos principais e ponto certo de parada dos navios com suas mercadorias[210].

Contudo, não seria difícil para os grupos habitantes de Creta desde primórdios de sua ocupação usufruir de sua localização estratégica à entrada, ao Norte da ilha, de um dos mais complexos e importantes mares quando nos referimos à Antigüidade. O Egeu possui um conglomerado de ilhas divididas em grupos[211] que permeiam principalmente as regiões Norte – Noroeste (Eubéia e Cíclades) e Nordeste – Leste (Dodecaneso e Sarônicas) [212].

Na Antiguidade o Egeu esteve permeado de rotas marítimas muito mais abrangentes em relação ao próprio Mediterrâneo no sentido de ocupação de espaço por quilometro quadrado navegado. Isso se apresenta tendo em vista das profundidades locais. As maiores profundidades no Egeu não alcançam mais de mil metros. Isto facilitava a navegação no período minóico-micênico com suas embarcações de baixo-calado em detrimento aos níveis abismais no Mar Mediterrâneo logo à Costa Noroeste Cretense que beira à Fossa de Matapan que abrange a Grécia Mediterrânea onde fica seu mais profundo ponto com cerca de 5.200 metros de profundidade, Mar da Líbia ao Sul da ilha e Costa Levantina, o que impossibilitava travessias junto com os fortes ventos em determinadas estações.

Sobre essa imensa malha de rotas marítimas utilizadas pelos cretenses, Vance Watrous[213] observou que uma estrutura de rotas rápidas de comércio no Mediterrâneo com o Egito proporcionou a Creta o seu domínio pelo Egeu tendo em vista da obrigatoriedade de se passar pela ilha a fim de transpor o Mar da Líbia numa travessia que durava cerca de quatro dias ou três com bons ventos como descreveu Estrabão em sua obra *Geographicae*:

> "Do promontório Samonium[214] ao Egito, um navio navega em quatro dias e noites, ou três como relata outros escritores." [215]

---

[210] Sídon fica localizada na Costa do Levante (Canaã). Durante a Antiguidade foi o mais importante porto da região com posição geopolítica estratégica. Além de seu privilégio como cidade-portuária era rota das caravanas de mercadores por terra o que também corroborou para um intenso comércio na cidade. Sua estreita ligação com Creta está presente na narrativa mítica do rapto de Europa, princesa local por Zeus personificado em touro.

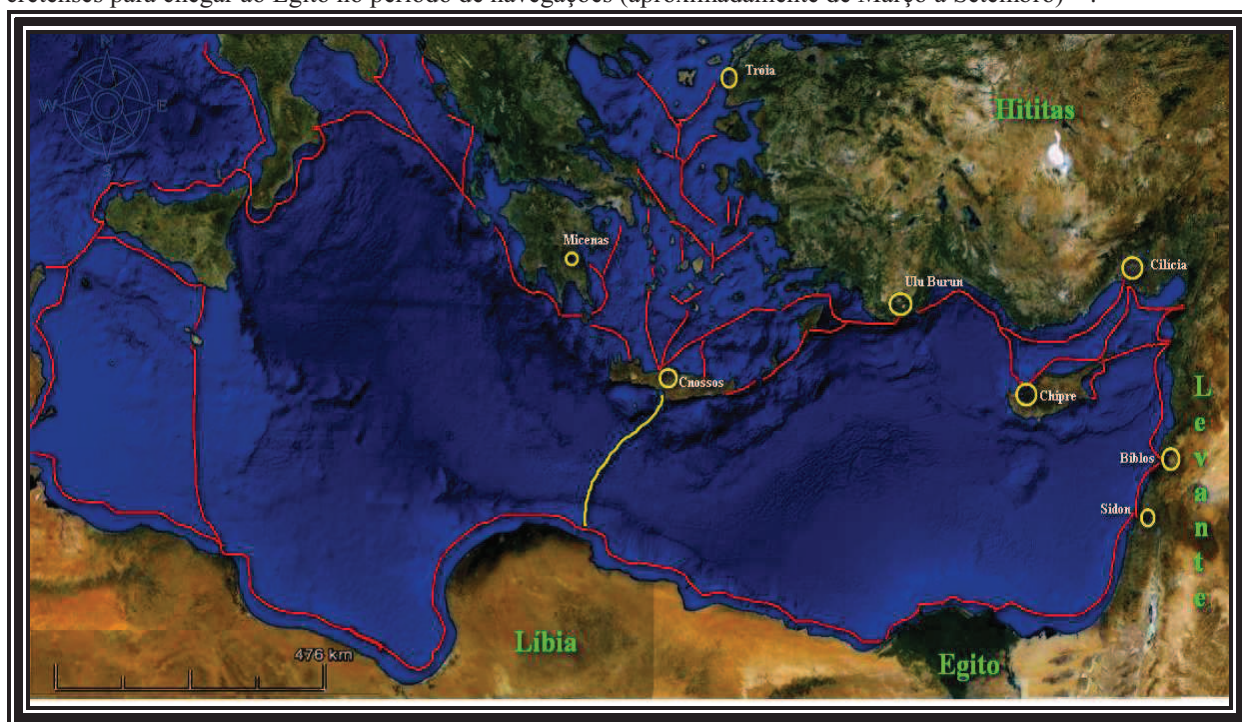
[211] As cerca de 1420 ilhas do Egeu são divididas em sete grupos, a saber: Eubéia (*Εύβοια*), a Nordeste; Espórades Setentrionais e Espórades Meridionais (ou Dodecaneso - *Δωδεκάνησος*); Sarônicas; Cíclades (*Κυκλάδες*) e por fim Creta.

[212] Para efeitos de orientação cartográfica ao Egeu nossa posição em Rosa dos Ventos baseia-se na ilha de Creta para melhores entendimentos deste estudo.

[213] Cf. WATROUS, L. Vance. Kommos III: ***The Late Bronze Age Pottery***, Princeton: 1992 Ed. Princeton, Pág. 177.

[214] O promontório Samonium descrito por Estrabão era a extremidade oriental de Creta ao passo que a ocidental recebia o nome de Criu-Metopon também citada pelo autor. Cf. GIRALDES, Joachim Pedro Cardozo Casado. ***Tratado Completo de Cosmographia e Geographia-Historica, Physica e Commercial, Antiga e Moderna,*** Paris: 1825, Fantin & Rey et Gravier Libraries, Volume I, Pág. 296.

[215] ESTRABÃO. ***Geographica,*** Leipzig: Ed. A. Meineke 1877. Livro X - Capítulo IV – Verso V.

Mapa 4 – Mapa com as rotas marítimas no Egeu e no Mediterrâneo. A rota em amarelo seria a utilizada pelos cretenses para chegar ao Egito no período de navegações (aproximadamente de Março a Setembro)[216].

Todavia, a hipótese de que as navegações entre Creta e Egito se faziam durante o Verão num sentido "horário" com ventos favoráveis para uma linha Sul- Norte (ou seja, saindo do Egito/Líbia rumo a Creta) e depois cumprindo o ciclo de rotas com *invernadas*[217] em Chipre, Cilícia, Levante e finalmente retornando ao Egito esbarra no problema climático. Um vento favorável seguindo do Egito (vento Sul-Sudeste) para Creta só ocorreria no inverno, de acordo com Connie Lambrou-Phillipson[218], uma época impraticável para uma travessia em alto-mar em face das condições marítimas naturais de mar bravio. Assim essa rota só seria possível em sentido "anti-horário" no verão cumprindo a rota Creta-Egito por alto-mar devido aos ventos propícios impelirem no sentido Norte-Sul colocando assim Creta como um ponto importante de acesso das rotas de mercadorias do Egeu para o Egito.

---

[216] Mapa de foto de satélite extraído do sistema de software Google Earth/Tele Atlas North America, inc. datas de acessos: Julho de 2012. Marcações de rotas do autor.

[217] "*invernada*" é o termo náutico para o tempo de estadia de uma embarcação em portos que não possuem deques para "atracamento". Os desembarques e amarrações dos navios no Egeu e Mediterrâneo do período das navegações minóicas eram feitos nas praias. Cf. LEAL, Abinael Morais. ***Dicionário de Termos Náuticos, Marítimos e Portuários,*** Rio de Janeiro: Ed. Aduaneiras, 1992.

[218] LAMBROU-PHILLIPSON, Connie. ***"Seafaring in the Bronze Age Mediterranean: The Parameters Involved in Maritime Travel",*** en LAFFINEUR, R. Basch***, Thalassa: L'Egee Prehistorique et la Mer,*** (Aegaeum, 7) Liège: 1991. Págs 11-19***.***

Após a travessia por alto-mar o restante da viagem era feita em cabotagem, método que consiste da navegação margeando a costa sem perdê-la de vista de porto a porto[219]. A navegação de cabotagem não só seria a mais segura às embarcações como também mais lucrativa tendo em vista a possibilidade de se comercializar com os portos no meio da viagem e visando também poupar os esforços da tripulação aos remos que nos navios mercantes eram em menor número como afirma C. Lambrou-Phillipson [220].

Os principais grupos navegantes que utilizavam essas rotas eram formados por egípcios, fenícios, cipriotas e minóicos. Segundo R. W. Hutchinson[221], tais rotas abrangiam toda extensão do Egeu desde Illium (Tróia), ilhas Cíclades, Peloponeso às Costas da Cilícia (Anatólia) e Levantina, abrangendo o Delta e a Líbia[222] durante o período da XVIII dinastia no Egito ou Idade do Bronze Tardio no Egeu (cerca de 2000 a 1500 a.C.).

Assim, no contexto naval cretense da Idade do Bronze mais pontualmente, o Mediterrâneo se tornava uma imensa barreira ao Sul da ilha. As dificuldades e os riscos requeriam dos *nautés*[223] enorme experiência e habilidades, principalmente ao comandante da embarcação, denominado de ”*kübernetes”*[224]. Mesmo em temporadas de navegação, certamente houveram inúmeros naufrágios ou mesmo grandes dificuldades nas travessias como relata a narrativa sobre o navio onde Paulo de Tarso embarcou em Sídon rumo à cidade de Roma por volta do ano 60 d.C. que por um descuido de seu capitão, quase foi arrastada a sua embarcação pelos ventos para o Mar da Líbia. [225]

Com a conquista e manutenção de poder pelo Egito, tanto com a expulsão dos hicsos do poder por Ahmés (1550 a.C.), faraó fundador da XVIIIª dinastia ocasionando de uma unificação

---

[219] LEAL, Abinael Morais. ***Dicionário de Termos Náuticos, Marítimos e Portuários,*** Rio de Janeiro: Ed. Aduaneiras, 1992.

[220] LAMBROU-PHILLIPSON, Connie. ***“Seafaring in the Bronze Age Mediterranean: The Parameters Involved in Maritime Travel”,*** en LAFFINEUR, R. Basch***, Thalassa: L’Egee Prehistorique et la Mer,*** (Aegaeum, 7) Liège: 1991. Pág. 18.

[221] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs 149 a 156.

[222]Confira também Watrous, L. Vance. Kommos III: ***The Late Bronze Age Pottery***, Princeton: 1992 Ed. Princeton, Pág. 178.

[223] O mesmo que marinheiro.

[224] Comandante ou chefe de proa da embarcação, este geralmente era marinheiro mais antigo e conhecedor dos percalços do mar.

[225] A narrativa de uma viagem a Roma no livro dos Atos dos Apóstolos, nos evidencia das dificuldades de navegação na Antiguidade. Embora sua viagem tenha sido por volta do ano 60 d.C. as situações mais anteriores não diferiam muito na tradição de marear. Através deste relato é possível traçar a rota e perceber que se trata de uma rota de cabotagem com passagem por Creta. O percalço se dá tendo em vista da embarcação apear prumo para o lado Sul da ilha onde o personagem Paulo de Tarso admoesta o capitão dos riscos da travessia por este lado que quase por fim não foi a pique a nau nas proximidades da ilha Clauda após violentas rajadas de vento norte denominado “*Euroaquilão*” (Εὐρακύλων), vento de Nordeste que impelia a embarcação para o alto-mar em direção a Líbia. Cf. ***Livro dos Atos dos Apóstolos***, capítulo XXVII. Versão consultada: The Greek New Testament – 4th. Revised Edition, Ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart: 1994. Pág. 511.

administrativa de suas cidades principais às margens e no Delta do Nilo e as expansões promovidas nas regiões do Levante até Carquemish na fronteira com o Império Hitita pelo faraó Tutmés III (1472 a.C.)[226] proporcionou um considerável crescimento do comércio agora sob a vista egípcia e de seus funcionários aduaneiros nos diversos entrepostos da região.

Com a navegação já por gerações e as rotas marítimas cada vez mais intensas, os grupos que habitavam Creta iniciam uma organização institucional no que ocasionará em cidades-palácios com suas realezas ligadas diretamente a navegação e ao contato com outros grupos como egípcios e hititas promovendo assim uma rede de comércio no Egeu que com o apogeu de Creta como dominante se tornariam possessões marítimas da ilha por volta dos anos 1800 a 1500 a.C.[227]

É neste espaço de tempo que a civilização minóica aflora, num momento onde alcança os grupos cicládicos adquirindo a mão-de-obra importante de marinheiros conhecedores da arte de navegação entre as ilhas (interinsular), bolsões de insumos e mercadorias que seriam espalhados abundantemente pelas cidades consumidoras deste grande mercado por mar e por terra.

2.3 Os Navegadores Cicládicos

As observações de navegação[228] pelo arquipélago conhecido por Cíclades[229] nas Instruções Náuticas editadas em 1895 e publicadas na obra de Henri van Effenterre sobre o Egeu manifestam da cautela ainda presente nas rotas entre as mais de duzentas ilhas que compõem o que as instruções denominam de um "verdadeiro labirinto de ilhas". Segundo o pesquisador o Egito relatava as ilhas com a denominação:

---

[226] A décima oitava dinastia no Egito foi responsável por uma das épocas de maior apogeu no Egito Antigo tal como das grandes agitações políticas e religiosas. Estabeleceu fronteiras de influência direta e diplomáticas jamais vistas desde então abrangendo desde a Líbia a Oeste, Levante a Nordeste e a sexta catarata ao Sul no Nilo em Cush. Seu período no poder oscila em datas entre 1550/1570 a 1295 a.C. Sua reconquista do poder aos hicsos e a ocupação de Canaã permitirá uma relação de contatos com os grupos marítimos oriundos do Norte onde Creta tinha grande influência perdurando até os meados da décima nona dinastia.

[227] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. ***– Climax and Transition.*** Barnes & Noble books, New York: 1995.

[228] "A navegação pelo arquipélago, embora relativamente fácil, demanda de uma atenção constante..." (trad. do autor) EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Armand Colin. Paris: 1986**.** Pág. 80.

[229] As Cíclades (κυκλάδες – "as circulares" de signo etimológico do grego oriundo de "cercar" *kyklos – κυκλως*, em alusão a cercarem Délos) são um grupo de duzentas ilhas sendo dezoito (tradicionalmente relata-se doze) principais, a saber: Amorgos, Andros, Kéa, Tinos, Kythnos, Syros, Mykonos, Délos, Rhénée, Sériphos, Siphnos, Paros, Naxos, Kimôlos, Mélos, Pholégandros, Sikinos, Thera (Santorini). Sua navegação sempre foi complexa e perigosa até os dias presentes. O risco da noite com variantes bruscas de temperatura com ascensões que extremam desde torrenciais de granizo até neve são verdadeiros desafios principalmente para barcos à vela ou apenas de remos, caso comum nas Cíclades.

"As ilhas que ficam no meio do Grande Mar Verde"[230]

É possível que o comércio com as Cíclades fosse já há muito tempo presente no Egeu. Geograficamente as ilhas do arquipélago não possuíam muitas terras cultiváveis com sérias limitações de agricultura senão a de próprio sustento. Porém, eram ricas em matérias-primas desejadas nos grandes centros de ocupação humana como o império Egito e o Hitita. Estas grandes cidades, cada vez mais exigiam produtos decorrentes de seus crescimentos e do enriquecimento de seus grupos abastados.

Os resultados da expansão egípcia no Levante, ao que parece, alavancaram as solicitações das frotas pela rota Norte do Mediterrâneo (Sídon-Cilícia-Chipre-Creta) o que acarretou de maior arregimentação de marinheiros e de avanços no casco das embarcações.

Creta assim, por volta de 2000 a.C. já apresenta uma presença mais sólida entre as ilhas Cíclades como o entreposto minóico de Thera como o mais próspero e possivelmente um ponto importante de administração de Creta no conglomerado cicládico[231].

O que Creta adquiriu com a conquista das ilhas não foram apenas seus hábeis marinheiros, mas, uma gama enorme de matérias-primas e linhas de navegação que ligavam a outras matérias-primas e insumos em outros portos acima como Tróia na costa da Anatólia.

---

[230] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Armand Colin. Paris: 1986**.** Pág. 80.

[231] DAVIS, J.L. ***Minoans and Minoanization at Ayia Irini, Keos. "Thera and the Aegean World II"*** Papers Presented at the Second International Scientific Congress, Santorini, Greece,1978. Pag. 257-260. Cf. Também: BUCHHOLZ, H.G. ***Some Observations Concerning Thera's Contacts Overseas During the Bronze Age***. "Thera and the Aegean World II" Papers Presented at the Second International Scientific Congress, Santorini, Greece,1978. Pag. 227-240.

Mapa 5 - As ilhas Cíclades é um arquipélago com mais de 200 ilhas onde sua navegação é perigosa até aos dias de hoje. Somente os mais experientes marinheiros se habilitavam às travessias, no caso dos cicládicos, estes eram exímios navegantes que contribuíram consideravelmente para a expansão minóica no período que ocasionou seu apogeu entre os séculos XVII e XV a.C.[232].

A lista de materiais é grande e com abundância de suprimentos o que proporcionou uma estrutura de transporte mais eficaz exigindo barcos condizentes não só para atravessar o Egeu, mas, enfrentar constantemente as linhas do Grande Mar, o Mediterrâneo.

Havia grande extração de colorantes como o ocre de Samos, o cinabrino de Kéa ou a azurita em Kythnos. Estas eram muito usadas também em pinturas corporais, como a desejada púrpura extraída de um molusco[233] esta, por sua vez, abundante nas regiões do Levante.

---

[232] mapa de foto de satélite extraído do sistema de software Google Earth/Tele Atlas North America, inc. datas de acessos: Julho de 2012.

[233] A púrpura era extraída de um molusco denominado múrice (*Murex-Muricis*, família dos muricídios) que tinha por habitat a região costeira oriental do Mediterrâneo. Consistia em um pigmento obtido através da secreção de uma glândula localizada nas imediações do estômago do molusco. Outras versões do processo de obtenção da púrpura nos falam de exposição do casco deste molusco à luz solar alterando sua coloração ficando com a tonalidade tão desejada pelos tintureiros. Após a devida quara, seu casco vai para a moenda e o pó adquirido seria utilizado para a tintura. A região costeira de Canaã era rica de tal molusco. Escavações nos sítios de Tiro e Sidon revelam enormes espécies de sambaquis dos restos destes, deduzindo de uma produção de grande porte sistemático de extração da púrpura. Segundo Speiser o significado etimológico de Canaã seria "Terra de púrpura" no hebraico k'na'an-**כנען**, como também o nome Fenícia seria proveniente do grego *phoiniks*-**φοῖνιξ** que significa púrpura. A Fenícia era um forte centro de produção têxtil do mundo antigo e possuía naquele momento a hegemonia deste mercado como de outros de cunho marítimo. Albright e Maisler ratificam tal hipótese interpretando o termo como "mercador de púrpura". No entanto, outra visão observada por Millard em concordância a Landsberger, afirma uma impossibilidade da etimologia do termo estar ligada com a púrpura. Porém, tal observação não apresenta uma consistência que a torne defensável. Cf. HARRIS, Laird et

Adquiria-se obsidiana das ricas fontes de Mélos e Antiparos. Este vidro vulcânico resultado de grandes pressões de resfriamento do magma em contato com a água era muito requerido nas cortes egípcias junto da prata de Kimôlos e Siphnos (que também possuía minas de ouro), Syros; em Kythnos e Sériphos havia ricas fontes de arsênio e cobre como também o chumbo em vários pontos do arquipélago essenciais para a fundição do metal em voga como o que mais se tinha de avanço em tecnologia para o fabrico de armas e equipamentos. Havia uma produção mediana em Creta de cobre embora este metal possa ter sido adquirido em parte aos cipriotas.[234]

Certamente a navegação pelas Cíclades exigia muito em suas rotas. Aos incautos que se aventurassem em marear por entre as passagens ora estreitas, ora largas com as intempéries por vezes contra seu favor seja no toldar do horizonte em nevoeiros perigosos, impossibilitando a orientação, seja celeste ou por pontos fixos além dos ventos impetuosos de várias direções em diferentes estações que podiam confundir ou mesmo dar cabo de qualquer desavisado marinheiro estrangeiro por aquelas águas.

Porém, Creta apresenta uma posição estratégica privilegiada na entrada do mar Egeu e uma distância segura da costa que em relação à sua época contribui para uma liderança no mar[235] interligando várias rotas facilmente no Mediterrâneo Leste.

Parte do Oeste e ao Norte pelo Egeu, como também as linhas de cabotagem pelo Levante no Périplo Cananeu, proporcionavam uma eficaz vigilância das rotas em direção ao Egeu pelo Mediterrâneo. Tal era essa vantagem geográfica, permitindo a possibilidade de interceptar embarcações piratas pelas suas rotas. Diante dessa adversidade natural, não seria de pouco respeito às considerações da capacidade de navegação dos grupos que habitavam as ilhas. Sua fama certamente atinge locais distante até mesmo os escribas egípcios registraram da existência da região formadora de exímios navegadores[236].

Através de suas representações iconográficas encontradas em vários vestígios pela Arqueologia desde sinetes e abundantemente em cerâmicas podemos perceber que inicialmente a

---

al. ***Theological Wordbook of the Old Testament.*** Illinois: The Moody Biblie Institute, 1980. Cf. também: CUNHA, Marcos D. D. ***Saul e a Pitonisa de En-Dor – Os últimos dias do monarca (a instituição da monarquia e o monoteísmo em Israel).*** Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2006. Pág. 23.

[234] As extrações de cobre na ilha de Creta estavam localizadas na região dos montes Asterousi ao Sul da planície de Mesara. HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973 pag.128.

[235] MACGILLIVRAY, J. A. ***Minotauro*** –. Rio de Janeiro: Record,2002.

[236] "os habitantes das ilhas que estão no Grande Verde" EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Armand Colin. Paris: 1986**.** Pág. 81.

navegação das Cíclades era fortemente voltada para as práticas interinsular com um comércio da ilhas. São através dos desenhos de sinetes que podemos perceber o design de proa rebaixado que proporciona maior velocidade em curtas distâncias aliado à propulsão de remos o que para sua localização era suficientemente hábil e versátil. Em diversos casos se percebe também das ausências de velames de propulsão e uma popa levantada o que proporcionaria melhor equilíbrio fazendo com que o barco não picasse a proa (afundar de frente) em um caso de navegar a bolina.[237]

Outra curiosidade está no "peixe de popa" o que Sinclair Hood denomina como um "galhardete em forma de peixe" (figuras 29, 30 e 31) pode ser a representação de uma biruta indicando a posição dos ventos, se considerarmos que a região tem variantes constantes de ventos[238] é o instrumento importante, embora rudimentar que pode auxiliar na percepção da direção poupando esforços desnecessários aos remadores[239]. As denominadas pelo formato (pois não há conclusão de sua real função), frigideiras (*fry-pan*) de terracota (figuras 31 e 32) nos demonstram a direção do vento no que concorre à mesma direção que aponta o peixe.

---

[237] Na terminologia náutica é a prática de navegação contra o vento.

[238] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973 págs.152 e 153.

[239] BUCHHOLZ, H.G. Some Observations Concerning Thera's Contacts Overseas During the Bronze Age. "Thera and the Aegean World II" Papers Presented at the Second International Scientific Congress, Santorini, Greece,1978. Pag. 227-240.

Figuras 31 e 32 – Conhecidas por “frigideiras votivas” tais cerâmicas de Syros (Chalandriani) uma ilha das Cíclades (2800-2300 a.C.) ainda são uma incógnita. Sua real função social ainda é palco de estudos inconclusivos, mas, suas representações de embarcações nos demonstram em sua maioria navios de guerra onde na representação vemos as fileiras de remos o “peixe de popa” e a figuração do vento além da ornamentação vulvar na parte inferior da cerâmica[240]

A presença minóica se fez não só como diplomática dessa vez, mas, agora com elementos colonizadores e de presença constante. Túcidides relata que Minos a fim de manter sua soberania e hegemonia no local expulsa das ilhas os grupos cários, certamente piratas e concorrentes diretos informais das rotas de acesso comercial agora sobre anuência de Creta[241] e promove algo diferente de suas arquiteturas palacianas cretenses locais construindo fortificações nas ilhas mais próximas do costado peloponesiano.

“...primeiro colonizador da maior parte delas, expulsando os cários...”.[242]

Com sua nova soberania, dominando praticamente todo o Egeu e concorrendo com paridade pelas rotas do Mediterrâneo suas façanhas perdurou no que Homero relatou de forma

[240] Cerâmica em forma de “frigideira” datação: 2800 a 2300 a.C. Acervo do National Archaeological Museum http://nam.culture.gr/portal/page/portal/deam/virtual_exhibitions/EAMP/EAMP4974 Inventário: Frying-pan Vessel nº 4974. Data de acesso: 08 de Agosto de 2012. Segunda foto, Acervo do National Archaeological Museum – Sala de Pré-História Ocupações humanas nas ilhas Cíclades, foto Davi Duarte Janeiro de 2012.

[241] TUCÍDIDES, ***História da Guerra do Peloponeso,*** Trad. Mário da Gama Kury Ed. UNB Coleções Ipri, Brasília: 1987. Pag. 50.

[242] Ibidem: Livro IV verso CXXXIV**.**

emblemática os navegadores cretenses como marinheiros respeitados de ânimos belicosos, o que demonstrava o poder de Odisseus aos que comandava assim como descreve Homero:

> Antes de irmos a Tróia, nove vezes
> Regi corsários: da escolhida presa,
> Aos matalotes sorteado o resto,
> Locupletou-se a casa, e entre os Cretenses
> Tive grande renome e autoridade. [243]

Com o crescimento das rotas e o domínio de excedentes provenientes de suas linhas de comércio, Creta experimentará um florescimento de sua cultura em âmbitos diversos constituindo de uma cultura multifacetada absorvendo de outras culturas como também transferindo numa relação que antes se apresentava como contratados comerciais se faziam então de um reino marítimo com poderes de soberania em seu território aqüífero no período da "*Talassocracia Minóica*".

Embora a conquista das Cíclades, com abundância de matérias-primas como obsidiana, mármore, bronze, prata, ouro, estanho, azeite e vinho, especiarias desejadas no âmbito mercantil externo da época e lugar de hábeis pilotos[244], possibilitou consideravelmente as amplitudes da navegação cretense com o domínio de rotas importantes e de suas embarcações capazes de atravessar o Egeu e o Mediterrâneo, Fernand Braudel desconsidera que a civilização minóica tenha se constituído como "império". Em sua opinião, afirma que Creta experimentou de um "centro de influências culturais". Em outras palavras, um repositório de intercâmbio de conhecimentos, algo próximo de um reino periférico egípcio devido aos achados de artefatos desta civilização em escavações nos palácios[245].

[243] Homero descreve em sua narrativa da epopéia de Odisseu de uma alusão à belicosidade dos cretenses ser de fama alcançada quando o herói anuncia de seu comando a estes marinheiros e o respeito adquirido cf. HOMERO, ***Odisséia.*** Livro XIV – CLXXXII Sec. V a.C.

[244](*Kubernetes - κυβερνήτης*) eram os pilotos das embarcações. Geralmente o mais velho entre a tripulação, conhecedor dos perigos, ventos, orientações astronômicas. Creta usufruiu dos pilotos cicládicos no domínio das rotas pelo Egeu.

[245] BRAUDEL F. – ***Memórias do Mediterrâneo- A ilha de Creta na conjuntura econômica***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001.

Figuras 33 e 34 – Representações de embarcações cicládicas oriundas de vestígios de cerâmicas encontradas em Syros (2300 -2000 a.C.). Nota-se a forma esguia do casco a biruta em forma de peixe na popa e ao esporão na proa o que pode indicar tratar-se de buques de guerra. Na segunda imagem sinete de Knossos. Vê-se já a modificação de casco com proa levantada, passadiços e os calabres de amarração das velas com mastro centrado. Embarcações voltadas para as rotas mais intensas de comércio com maior versatilidade.[246]

Segundo Peter Warren o Palácio de Knossos possuía grande vantagem em relação aos outros palácios da ilha em virtude de sua localização geográfica praticamente no centro da ilha onde a baía de Heraklio, sob sua administração. A região de Heraklion era a mais privilegiada pelos ventos que regiam a navegação entre Creta e as ilha Cíclades[247].

Na maioria das escavações pela Escola Britânica de Atenas pelo arqueólogo Duncan Mackenzie em sítios localizados nas ilhas Cíclades, observou-se que as relações entre os grupos habitantes destas ilhas com Creta denotam de uma influência minóica na região[248]. Tais descobertas, afirma Peter Warren, apresentam consideráveis explanações no que se refere aos centros de poder em Creta e suas formas de "colonização" podem estar embasados em vários níveis de contato[249].

---

[246] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973 pag.153.

[247] WARREN, Peter .***The Palace of Crete in the Thalassocracy of Minos, 3rd International Symposium at the Swedish Institute in Athens***. Stockholm: 1984. Página 39 a 43.

[248] PENDLEBURY, J.D.S. ***The Archaeology of Crete***. London: Methuen & Co. Ltd. 1979. pág: 28.

[249] WARREN, Peter .***The Palace of Crete in the Thalassocracy of Minos, 3rd International Symposium at the Swedish Institute in Athens***. Stockholm: 1984. Página 39 a 43.

3 DISCUSSÃO SOBRE A TALASSOCRACIA MINÓICA (AS TALASSOCRACIAS SOB A ÓTICA DA HISTORIOGRAFIA)

A relação dos povos cretenses com as atividades navais e, conseqüentemente o comércio foram, indubitavelmente, importantes na estruturação da presença cretense nas rotas marítimas, as quais podem ser constatadas em diversos sítios arqueológicos nas regiões que circundam a parte leste do Mediterrâneo no Levante e o Mar Egeu (Cíclades, Dodecaneso e Peloponeso).

Porém para que tenhamos uma visão mais ampla do que possa ter sido um período de hegemonia cretense sobre os mares Egeu e Mediterrâneo, precisamos questionar o que a historiografia conceitua como "*Talassocracia minóica*"[250]. Tal período é datado durante aproximadamente os séculos XV e XIV a.C. Sabemos, todavia que não podemos analisá-la exclusivamente por um viés militar ou apenas por um viés político-econômico. Como uma pequena ilha, desprovida de uma logística terrestre pôde florescer como uma grande civilização ao ponto de como afirma Fernand Braudel influenciou o próprio Egito?[251]

Dentre os aspectos que possam ter contribuído para a formação de uma *talassocracia* pela ilha de Creta, preconizamos os assuntos referentes à constituição de uma marinha militar cretense com a qual os minóicos puderam manter a hegemonia e manutenção das rotas tributando-as e protegendo-as da ação de grupos piratas. Atividades de patrulhamento e defesa podem ser constatadas através de evidências arqueológicas as quais apontam a diferença entre equipamentos de navegação onde os navios de guerra se diferem dos mercantes[252].

Percebemos um discurso político-religioso sobre a ilha. Tal discurso exercia influência sobre as localidades próximas como as ilhas Cíclades e regiões do costado continental ocidental (Peloponeso) onde a figura do rei-sacerdote (*wanax*) dominava. O discurso era de que em face de sua figura sagrada, a realeza-palaciana poderia ser reclamante de direitos divinos sobre as rotas marítimas. Tal discurso refletia em seus palácios sem muros na ilha de Creta assim como em

---

[250] Talassocracia (do grego, *θαλασσα* - mar; *χρατια* - Domínio, soberania) é o regime de governo que preconiza o domínio dos mares seja no âmbito estratégico militar e comercial como soberania principal de seu poder. Geralmente sua expansão é preconiza apenas o espaço marítimo como zona de influência direta e raramente uma ocupação significativa de território onde instalam pequenas colônias ou entrepostos nos costados.

[251] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001, págs.156.

[252] Sinclair Hood demonstra que as diferenças entre embarcações encontradas em representações de afrescos e sinetes nos possibilitam compreender suas respectivas funções. Geralmente, os navios mercantes são demonstrados com um mastro central e único. Esta, de acordo com o pesquisador seria voltada a navegação de alto-mar. Outras são representadas como esguias e de proa rebaixada em detrimento à popa elevada o que denotaria de um vaso de guerra minóico. Cf. HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Págs. 153 a 159.

suas possessões ou colônias nas ilhas Cíclades e também sobre o continente onde se encontram fortificações e amuradas de proteção destas cidades.

A localização geográfica privilegiava Creta no contexto comercial do Mar Egeu, pois lhe propiciava uma rota de acesso direto ao Egito, seu principal contato nas atividades mercantis. Esse elemento tratou-se de um fator importante que proporcionou enriquecimento aos palácios cretenses fortalecendo a realeza-palaciana que entre suas responsabilidades constavam a receptação e condicionamento dos insumos pelos entrepostos da ilha e os armazéns de tributos nos palácios. Eram as realezas-palacianas cretenses detentoras dos centros de poder que promoviam o escoamento de matérias-primas provenientes das regiões sob sua influência ou mesmo domínio direto político.

3.1 **Aspectos do Poder Militar da Marinha Minóica**

Para a organização de um sistema de rotas marítimas no qual Creta preponderava como um centro de poder, coletando tributos e mantendo a pirataria afastada, os cretenses compuseram sua frota não só de navios comerciais, mas, também de belonaves estritamente concebidas para a interceptação e ataque a outras embarcações. Através do mapa 3 podemos ter uma referência espacial das rotas marítimas e do alcance da área de influência de Creta no Egeu[253].

A historiografia ressalta o período em que a Creta minóica exerceu a soberania marítima sobre o Mar Egeu e parte do Mediterrâneo. Tal corte temporal se dá por volta dos séculos XIV a XII a.C. e apresenta duas vertentes sobre a talassocracia cretense. A primeira linha argumenta que as narrativas sobre o "*império dos mares*" denominação aplicada pelo pesquisador Fernand Braudel, são fictícias e fruto de uma construção ateniense[254].

As evidências materiais sobre este período são insuficientes para considerarmos que Creta ascendeu no Mar Egeu como líder político e militar sobre os grupos que habitavam as ilhas da região e os costados continentais do Peloponeso. Tal perspectiva nos permite apenas apontar que Creta exercera outrora em algum momento da Antiguidade sobre o Egeu um domínio de cunho cultural. Certamente o pensamento focou-se na dificuldade de contato direto entre as ilhas sem um contato efetivo militar terrestre a ponto de exercer domínio sobre o Continente na Costa

---

[253] Ver página 45.

[254] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001, págs.137-143.

do Peloponeso e uma presença forte nas ilhas Cíclades, isso considerando um viés extremamente militarizado e de aspectos expansionistas e imperialistas[255].

Segundo Fernand Braudel, as estruturas do sistema de governo e comércio de Creta não seriam suficientemente capazes de constituir um poder naval a ponto de se tornar um "*império dos mares*" ou mesmo uma *talassocracia* com o centro de poder em Knossos, palácio no qual reinou o lendário Minos[256].

De acordo com o Fernand Braudel, o enriquecimento dos palácios cretenses foi resultado de um sistema amplo de contatos comerciais com outros entrepostos das regiões levantinas em que vigorava a administração direta do Egito. Creta, pela observação deste pesquisador, e seu "*império cultural*", figuraria nos âmbitos dos contatos comerciais como um mero "influenciador cultural", tratando-se apenas de mais uma região periférica egípcia sob a égide do faraó não mais do que isso[257].

Em suas argumentações, F. Braudel posiciona Creta como uma rota passagem de mercadorias entre a Ásia e Europa para com a África, conseqüentemente o Egito, mas, que seu forte era o transporte de um lugar para o outro. Por esse viés, Creta seria apenas um grupo de entreposto por onde passavam as mercadorias que os reinos comercializavam entre seus palácios.

Sobre este viés, Creta não teria exercido um domínio marítimo nas rotas egéias de navegação, segundo Braudel, a ilha figurava como um emanador de cultura por todo Egeu. Braudel apresenta o palacete de Phylakopi como uma evidência da influência cultural cretense. Localizado na ilha de Melós, o palácio possui gravuras com aspirações marítimas como a figura abaixo dos peixes-voadores[258] onde é notável a técnica e detalhamento dos afrescos com aspirações minóicas.

---

[255] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001,. Pags. 140 a 161.

[256] Ibidem. Pág 141

[257] Embora Fernand Braudel posicione Creta no palco político como uma região periférica do Egito, capítulo após em seus relatos sugere que a ilha foi "emanadora" de cultura e forte influência para o Egito. Consideraria assim a troca de cultura entre estes grupos não como centro e periferia mas, sim como equivalentes.Cf. BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001, pág 141 a 160.

[258] BRAUDEL, Fernand. ***Memórias do Mediterrâneo***. Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001, pág. 141.

Figura 36 – Afresco dos "peixes-voadores" localizado no palacete de Phylakopi na ilha de Mélos é um dos exemplos da influência cultural legada por Creta nas regiões cicládicas que mantinham contatos comerciais com a realeza-palaciana dos palácios cretenses. Em vários pontos das Cíclades é notável a presença de artefatos ou de evidências desta presença[259].

Em conformidade com as especificidades apresentadas por Fernand Braudel tais argumentações se baseiam na tradição escrita na qual, somente muito posteriormente, registros foram compilados sobre referência a algum poder exercido por Creta. A definição de como viveram as civilizações do período Minóico-Micênico em Creta nos chegou através dos olhares póstumos, pois, não encontramos por parte destes grupos registros de suas histórias gravados. Os registros conhecidos estão nas escritas Lineares A e B que por sua vez eram mais voltados para a administração palaciana e suas reservas de materiais. Os textos que tratam de Creta e do reinado de Minos são posteriores pelo menos duzentos anos como o caso da Ilíada de Homero. Partindo desta premissa, Chester Starr nos aponta a hipótese de que a *talassocracia cretense* foi uma construção ateniense que surgiu a partir do século V a.C. Tal conceito seria aplicado em discursos que impeliam Atenas à necessidade de hegemonia marítima, que nesta forma, encontrava eco histórico nos feitos de Minos, figura através da qual Tucídides enaltece o poder da marinha minóica[260].

Tal colocação de uma "*talassocracia minóica*" como um mito concebido numa Atenas onde uma aristocracia emergente se apropria do imaginário de origem cretense encontra voz nas posições do pesquisador Bernard Knapp. Segundo ele a tradição orientou as linhas da

[259] Foto de Steve Bogdanoff em http://www.dpandi.com/showcase/bogdanoff/index.html. Página visitada em 20 de Janeiro de 2013.

[260] STARR, Chester.G. ***The Origins of Greek Civilization, 1100-650 b.C.*** London: Ed. Knopf 1961. Págs. 245 e 246.

Arqueologia egéia e do Leste do Mediterrâneo a inclinarem seus estudos de maneira análoga com as narrativas atenienses sobre a *talassocracia* de Creta imbricando as situações literárias entre as duas *talassocracias* (minóica e ateniense) a fim de constituir uma base lógica conceitual para a exercida por Creta entre os séculos XV e XIV a.C.[261]

B. Knapp adverte ante aos efeitos das escavações arqueológicas e as evidências encontradas em que os arqueólogos baseados nas tradições escritas posteriores atenienses inferiram conclusões equivocadas sobre artefatos encontrados (como cerâmicas micênicas na costa do Levante, por exemplo). Tal discrepância, segundo o autor, estava na prática arqueológica de múltiplas interpretações sobre um objeto no qual o arqueólogo conjecturava com ampla autonomia. Neste caso a Arqueologia, na observação de B. Knapp, em particular com a *talassocracia minóica* se baseava apenas no quesito material das escavações e não em um contexto mais amplo e que as evidências em vários sítios arqueológicos do entorno do Egeu e costado do Levante onde a presença minóico-micênica emerge nas fontes não podem corroborar para que se entenda que naquele período as navegações estiveram sob égide de Creta o que não explica o enriquecimento dos palácios cretenses em detrimento das demais cidades que também utilizavam da malha hidroviária do Egeu[262].

Outra situação observada é apresentada por Chester Starr em relação às condições de embarcações minóicas e suas concepções de cascos. Para o pesquisador elas não corroboravam para uma estrutura de marinha de guerra e que suas embarcações, quando armadas, não passavam de navios mercantes tripulados com alguns combatentes. Para o pesquisador as informações que nos chegaram sobre as naus minóicas representam modelos que não conseguiriam interceptar outros navios em virtude dos poucos remadores (cita seis a oito apenas)[263], porém, Chester Starr parte das análises de sinetes (Figura 38, abaixo) e pode não ter considerado que as dimensões da base destes sinetes seriam pequenas e em face disso resultariam numa imprecisão no desenho como afirma R.W. Hutchinson[264]. Outro fator também está de não haver nenhum exemplar de embarcação existente ou mesmo resquícios que nos

---

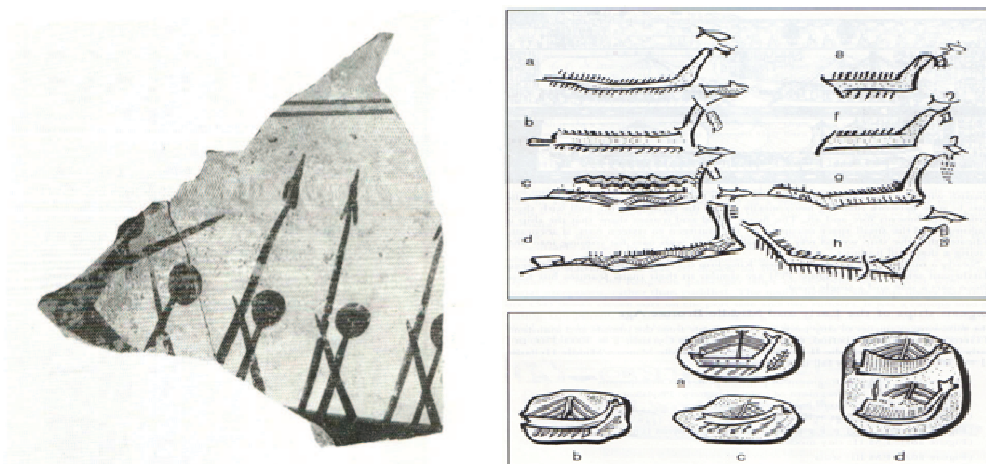
[261] KNAPP, A. Bernard. ***Thalassocracies in Bronze Age Eastern Mediterranean Trade: Making and Breaking a Myth.*** In World Archaeology Vol. 24 – Nº 3, Ancient Trade: New Perspectives. Oxfordshire: Taylor & Francis Ltd. 1993. Pág. 334 e 335.

[262] Ibidem Págs. 333 a 337.

[263] STARR, Chester G. ***The Myth of the Minoan Thalassocracy.*** Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1955. Págs. 282 a 291.

[264] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs. 122 a 124.

informem sobre como eram realmente os navios minóicos quiçá em afrescos, sinetes e vasos o que limita a observação do pesquisador.

Figura 37 - Fragmento de um *pithos* encontrado em Kolonna (Aegina) representando um vaso de guerra. Embora de um período posterior (Heládico Médio) a imagem nos sugere uma tripulação essencialmente militar embarcada[265]. Figura 38 – Representações de navios de guerra em frigideiras votivas em Pylos, cerâmicas de Syros e abaixo em sinetes cretenses. À proa percebe-se a posição de aríete e a popa levantada e o grande número de remos[266].

Segundo R. F. Willett localidades como Nirou Khani a Leste de Hiráklion, cidade-porto de Knossos, sugerem que as arquiteturas e formas de construção de uma sociedade em que os palácios estão voltados mais para um centro de culto do que para um centro de poder político propriamente dito[267]. Isso, na posição do pesquisador seria um dos fatores que dirime a posição de existência de uma *talassocracia minóica*, assim encerrando Creta como responsável por um local de devoção e o poder da sua realeza resumido ao sacerdócio palaciano.

É passível de observação que algumas interpretações as quais defendiam a presença de uma *talassocracia* exercida por Creta no período minóico-micênico foram apresentadas a mais de cinqüenta anos e ao que parece ainda permanecem ou persistem de certa forma inalteradas, porém, em alguns termos, tais teorias demonstrem desgastes argumentativos geralmente baseados em conceitos unilaterais de formação de poder por Creta, ou por um viés militar, ou por

---

[265] Ibidem Pág. 27.

[266] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap. IX.

[267] WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. New York: Barnes & Noble books, 1995. Pág. 113.

um viés político[268]. Isso pode ser um complicador no que se referem a mapear onde e como os minóicos realmente praticaram a navegação, tanto em um nível de intensidade intercontinental quanto sobre o domínio das rotas no Egeu e Leste do Mediterrâneo.

De acordo com Bernard Knapp a experiência histórica que perpassa o conceito de *talassocracia* nos apresenta um âmbito diferente de uma possibilidade de uma soberania por parte de Creta no mar Egeu com seus navios sejam estes de guerra como também de finalidades mercantis. Para B. Knapp as tentativas de manter um domínio no mar Mediterrâneo na região levantina e nas regiões do Mar Egeu se firmadas foram duramente conquistadas e fracas no que concebe da manutenção desta supremacia ou como cita "monopólio" das rotas por parte de um grupo, no caso aqui a Creta minóica[269].

Então qual poder teria dominado ou quem exerceu este domínio no período das navegações minóicas e posteriormente micênicas, a organização no mar onde rechaçou a prática de pirataria e aplicou a coleta de tributos às rotas e suas mercadorias?

Tratar-se-ia da possibilidade de se traçar os caminhos desta civilização e sua inclinação aos ofícios do mar que proporcionaram sua soberania nas rotas e seus contatos com o Egito com base nos vestígios materiais encontrados Arqueologia?

Entretanto, há outra linha a ser considerada nas evidências arqueológicas.

Peter Warren nos mostra que as possessões ou áreas de influência de Creta mesmo que fossem independentes, ou seja, não fossem colônias cretenses e sim cidades-porto que participavam das rotas de navegação tributadas pelos palácios cretenses, possuíam um elemento centralizador como agente direto responsável pelas rotas, neste caso Creta[270]. O pesquisador afirma que os palácios em Creta eram responsáveis pela coleta de tributos devido a uma estrutura hierárquica predisposta nas relações com os grupos cicládicos que enviavam através de seus navios as matérias-primas assim como também uma variada carga de alimentos que eram armazenados nos palácios, distribuídos ou enviados como presentes do *wanax* para seus equivalentes como o contato principal de Creta que seria o faraó do Egito[271].

---

[268] KNAPP, A. Bernard. ***Thalassocracies in Bronze Age Eastern Mediterranean Trade: Making and Breaking a Myth.*** In World Archaeology Vol. 24 – Nº 3, Ancient Trade: New Perspectives. Oxfordshire: Taylor & Francis Ltd. 1993. Pág. 333.

[269] Ibidem: Pág. 337.

[270] WARREN, Peter .***The Palace of Crete in the Thalassocracy of Minos, 3rd International Symposium at the Swedish Institute in Athens***. Stockholm: 1984. Página 42.

[271] SINGER, Graciela Gestoso. ***El Intercambio de Bienes entre Egipto y Asia Anterior (desde el reinado de Tuthmosis III hasta el de Akhenaton)***. Society of Biblical Literature – Centro de Estudios de Historia del Antiguo Oriente UCA, Buenos Aires: 2008. Cap. II.

P. Warren sugere que as estruturas palacianas na ilha e das áreas onde se localizavam os assentamentos humanos dos grupos súditos da realeza-palaciana são claramente constituintes de uma diferenciação social, embora considere que esta diferença - se houve-, era mais tênue em algumas cidades próximas dos palácios como Gournia[272]. As definições de instituição política perpassam o conceito de poder desta realeza elencado nas navegações, o principal acesso de mercadorias na ilha e palco de intenso contato com outros grupos como o Egito e costado levantino onde vigoravam os entrepostos sob influência administrativa do Egito da XVIII[a] dinastia. Certamente as "companhias de navegação" ficavam sob o controle da realeza ou mesmo a administração dos entrepostos dos palácios como o exemplo de Ayia Triada e seu palácio em Zakros, responsável pela rota Creta- Egito[273].

As divergências sobre a real abrangência perpassavam também nos registros de períodos mais recentes, muito embora entendamos de suas posições políticas e para quem e onde escreveram os autores da antiguidade helênica como o caso de Tucídides (Século V a.C.) que cita Minos como o homem mais poderoso de sua época dominando os mares com tamanho poder capaz de subjugar grupos piratas como os cários[274] denominados "*lelegos*" por Heródoto o qual afirmava que estes não pagavam tributo a Minos, embora, se convocados, respondiam ao chamado de Knossos[275]. Heródoto, todavia, enaltecia as façanhas de Polícrates, tirano de Samos (cidade onde o autor se encontrava) como o primeiro homem a galgar a condição de senhor soberano dos mares em detrimento de Minos o qual Heródoto coloca como uma figura mítica considerando de sua origem parte divina, parte humana[276].

Embora miríades de séculos já tenham se passado ainda hoje os vestígios de uma marinha cretense hegemônica nas rotas marítimas atrai o interesse humano. Trata-se de pesquisadores que se propõem em investigar os relatos de escritores antigos e do que nos é posto à luz das evidências pela Arqueologia a qual possui esta um papel importantíssimo no que se refere em buscar pistas de uma civilização que floresceu em uma ilha de poucos recursos e se transformou num centro de poder com suas bases ligadas ao comércio e tributação no mar. Vemos que tais tributações não seriam possíveis sem a aplicação de *patrulhas militares marítimas* com navios

---

[272] WARREN, Peter .***The Palace of Crete in the Thalassocracy of Minos, 3[rd] International Symposium at the Swedish Institute in Athens***. Stockholm: 1984. Páginas 41 a 44.

[273] Ibidem.

[274] TUCÍDIDES, ***História da Guerra do Peloponeso,*** Trad. Mário da Gama Kury Ed. UNB Coleções Ipri, Brasília: 1987.

[275] HERÓDOTO**, *Historia,*** Trad. J. Brito Broca, Ed. Ediouro. Rio de Janeiro: 2001. Livro II verso CLXXI

[276] Ibidem Livro III versos CXXII.

velozes capazes de interceptar e abordar outras embarcações que se desviassem das rotas tributadas ou mesmo contra os barcos sob comando pirata.

Os navios militares minóicos possuíam, a princípio, uma forma de casco esguio como sugerem os afrescos em Akrotiri e Salimbeti, onde vemos embarcações sem velas e com remadores[277]. Tal design de casco da embarcação denota que as embarcações militares deveriam ser dotadas de uma capacidade de velocidade imprescindível para interceptação e abordagem naval. S. Hiller nos apresenta alguns fragmentos onde vemos claramente que as representações das embarcações sugerem da existência de uma frota com funções claramente bélicas[278] com semelhanças aos representados em sinetes assim como também no Disco de Phaistos, e nas "*frigideiras votivas*" de Pylos[279].

Para o pesquisador Stefan Hiller caso o poder, fosse baseado apenas num teor bélico a fim de manter a talassocracia cretense no Egeu, o mesmo não se firmaria por si só. A amplitude de fatores exige uma série de perspectivas e deve ser considerada com alicerces de uma estrutura política de abrangência interpalacial. Caso não fosse hegemônica ao menos deveria ser capaz de possuir uma forte influência no mar e nas rotas pelas quais, Creta coletava tributos como vemos nas descrições de Heródoto ao citar sobre a região ciládica e suas relações com Minos, rei de Creta[280].

De acordo com S. Hiller não há indícios conclusivos da existência de uma supremacia minóica efetiva no Egeu, porém, se esta supremacia existiu não teve como base somente as estruturas bélicas e sim outras formas de domínio que abrangeram caracteres de cultura, religião, economia e política[281]. Isto não significa a ausência de uma presença vigilante por parte de Creta em relação às rotas de comércio constituindo uma marinha de guerra com efetivos de patrulha. S. Hiller admite a possibilidade de evidências de que tenha existido uma presença militar cretense no Egeu para o domínio das rotas marítimas, que de acordo com Lionel Casson foram exploradas

---

[277] http://www.salimbeti.com/micenei/ships.htm ***The greek Age of Bronze*** – Ships. Data de acesso cinco de Dezembro de 2012.

[278] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 26 e 27.

[279] Ver imagens no capítulo II.

[280] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proceedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Págs. 26 e 27.

[281] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proceedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 27.

durante um grande período de estabilidade administrativa graças a uma frota de belonaves sob o comando de Creta.

Tal frota tinha a incumbência de vigilância e afastava embarcações piratas e para isso seria necessário desprender de uma força militar que no momento só Creta poderia manter no Egeu[282] até pelo menos o século XIV a.C. onde percebemos um declínio das utilizações da navegação comercial e um crescimento avassalador de ataques de grupos piratas nas costas levantinas[283]. Tal época coincide com o desaparecimento da presença minóica nas regiões de contato marítimo onde antes predominava.

Figura 39 – Afresco (casa Oeste Sala V, Akrotiri) representando guerreiros minóicos desembarcando em uma cidade[284]. Abaixo no detalhe nota-se uma cena que sugere um combate naval onde homens são lançados ao mar.

Para S.Hiller o máximo que poderíamos entender sobre o poder de Creta não estaria numa política centralizada pela realeza-palaciana, as evidências corroboram para as relações de comércio e contato marítimos inseridos numa organização que proporcionava uma espécie de harmonia de sistema. Tal harmonia estaria sob a égide de Creta em face de seus contatos com outros pontos de comércio como o caso do Egito e também da existência de um poder bélico não propriamente ligado diretamente à causa do surgimento de uma talassocracia, mas, como um dos instrumentos de persuasão e responsável pela ordem que contribuíram para a supremacia cretense nos mares.

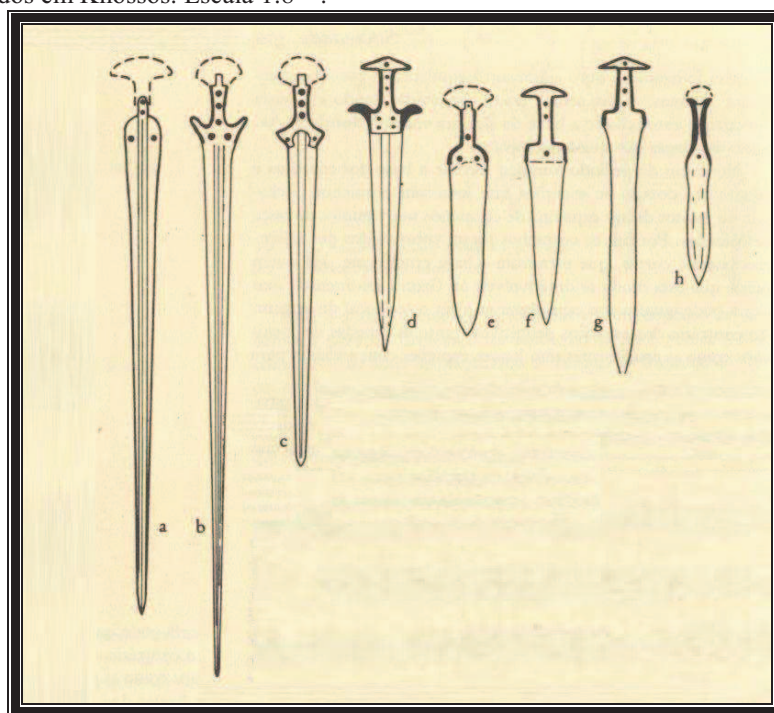
Contudo, não há um consenso entre os pesquisadores da *talassocracia minóica*, pois ainda é possível encontrar algumas bases que fomentam o discurso de um propósito de

[282] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967;.pág. 40

[283] Ibidem Págs. 40 a 43.

[284] DOUMAS, Christos. ***Thera, Pompeii of the ancient Aegean: Excavations at Akroteri, 1967-1979.*** London: Thames & Hudson, 1983.

superioridade militar por Creta no Egeu. De acordo com K. Braningan a lista de artefatos bélicos encontrados em escavações arqueológicas nas ilhas Cíclades nos apontam que o fabrico de armas de bronze era oriundo de fundições de Creta[285]. Isso nos evidencia uma presença militar minóica nestas localidades e de uma centralização de arsenal[286]. A principal arma encontrada é a adaga longa, do período do Bronze Antigo e Médio. Desta lista, K. Braningan relatou cerca de cento e sessenta e oito peças em Creta, localidades onde é maior a presença desta arma; quarenta e duas foram achadas em localidades cicládicas e vinte e uma no continente principalmente a nordeste nas localidades de Leukas, Vajze e Vodhine[287].

Figura 40 – Tipos de espadas cretenses do período Minóico Recente II e III. Os modelos a) e b) são exemplos da espada longa de bronze de alto poder de combate e tecnologia de fundição mais avançada. Os demais exemplos são das adagas e espadins minóicos encontrados em Knossos. Escala 1:8[288].

[285] BRANINGAN, K. ***An Archaeological Survey of the South Coast of Crete Between Ayiofarango and Chrisostomos*; in The Annual of the British School at Athens Vol. LXX;** Athens: British School at Athens, 1975. Pags. 17 a 36.

[286] As evidências arqueológicas nos apontam que o fabrico de armas principalmente de bronze, que requer maior tecnologia e conhecimento de fundição, estiveram mais centralizadas em Creta no período do século XIV a.C. manter a produção de armas mais aprimoradas centralizado nas mãos da realeza pode ser um dos fatores de um poder exercido por Creta no Egeu. Cf. HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Cap IX; Cf. também: MELLERSH, H. E. L. ***The Destruction of Knossos: The Rise and Fall of Minoan Crete.*** London: Hamish Hamilton, 1970. Págs. 63 a 70.

[287] BRANINGAN, K. ***An Archaeological Survey of the South Coast of Crete Between Ayiofarango and Chrisostomos*; in The Annual of the British School at Athens Vol. LXX;** Athens: British School at Athens, 1975. Pags. 17 a 36.

[288] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Figura 93.

Sinclair Hood também atenta ao fato das evoluções de armamento em características de fundição e tecnologias. Os aperfeiçoamentos em um espaço de tempo denotam não somente de uma indústria bélica própria cretense, como evidencia dos contatos com outras culturas bélicas como a Síria e suas adagas curtas[289]. A necessidade de melhoramentos em seu arsenal foi essencial para manter a ordem em seus entrepostos e o exercício do poder de Creta no mar Egeu[290].

Sinclair Hood nos apresenta um inventário com 8630 pontas de flechas registradas numa tabuinha oriunda da sala em Knossos denominada "armaria" [291]. Stefan Hiller considera em seus estudos que a existência de um poderio militar minóico, tratava-se de uma peça essencial para o domínio sobre o mar. De acordo com Hiller a lista de artefatos militares como espadas longas fundidas em bronze encontradas em regiões de Creta (168), Cíclades (42) e Peloponeso (21) podem corroborar para a hipótese de que Creta exercia também uma influência militar na região. Cumpre notar que a fundição das peças são oriundas de regiões da ilha de Creta[292].

De acordo com S. Hiller, as evidências da presença minóica no Egeu corroboram para uma hipótese de uma "estrutura militar naval cretense" que seria a ferramenta de manutenção das rotas num período anterior à presença micênica na ilha por volta de 1380 a.C. Outras evidências arqueológicas, segundo Sinclair Hood, colocam Creta como promissora de algumas inclusões de certos tipos de armamentos que contribuíram posteriormente para um florescimento bélico de suas tecnologias. Aqui nos referimos que além das espadas de lâminas longas e fio reto, a presença do arco e da flecha com pontas de obsidiana e fundidas em bronze apontam em seus estilos uma influência oriental, possivelmente das regiões sírias e hititas (Willusa - Tróia). Será através dos contatos marítimos que proporcionará à Creta absorver tecnologias em diversas localidades alcançadas por suas rotas de navegação. Isso resultará no fortalecimento de sua marinha[293].

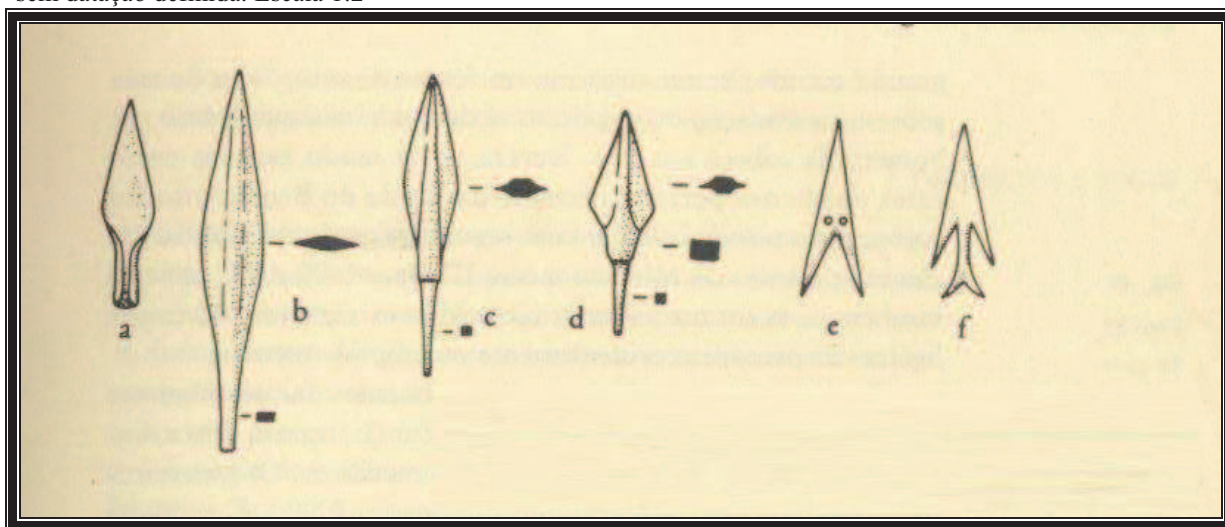
---

[289] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973 pág.144

[290] HOOD, Sinclair. ***A pátria dos heróis. O Egeu antes dos gregos***, Lisboa, Editorial Verbo, 1969.143 a 151.
[291] Ibidem. Pág. 146.

[292] Embora a base de cálculos ainda esteja em elaboração é de se notar que a presença destes artefatos juntos em localidades também fora de Creta denota da presença em alguma influência bélica. Cf. HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 27.

[293] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Págs. 146 e 147.

Figura 41 – Exemplares de pontas de flechas em bronze minóicas. As pontas foram identificadas nos seguintes períodos: a) Minóico Médio I; b),c) e d) Minóico Recente –modelo oriental-; e) e f) são de origem continental sem datação definida. Escala 1:2[294]

As estruturas de contatos marítimos e sua abrangência promovida por Creta apresentou características importantes para o florescimento do sentido da navegação do Mediterrâneo no que tomou um corpus organizado interligando os principais centros de poder da época com entrepostos de matérias-primas distantes e até intercontinentais. É visto que através da influência dos cretenses as rotas marítimas para o Egito e Levante foram coordenadas e tributadas pela ilha.

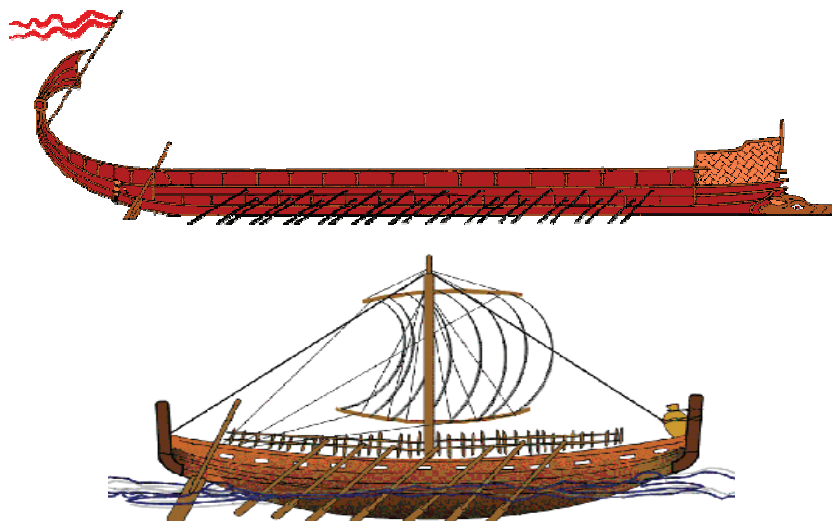
Neste caso especificamente, encontramos evidências de uma frota de vigilância marítima através de registros em Linear B[295] em tabletes oriundos de escavações arqueológicas na região de Pylos referentes a listagens de tripulações equipadas com lanças. John Chadwick e Michael Ventris trabalharam nas traduções de vários desses registros onde se podem identificar origens e nomes de 30 marinheiros "convocados" ou 50 "remadores" pela marinha cretense de uma expedição à Pleuron[296].

---

[294] Ibidem. Figura 95.

[295] CHADWICK, John; L. Godart et.al. ***Corpus of Mycenaean inscriptions from Knossos, vol. IV.*** New York: Cambridge University Press, 1998.

[296] VENTRIS, Michael; John Chadwick; ***Documents in the Mycenean Greek***, - ***three hundred selected tablets from Knossos, Pylos, and Mycenae with commentary and vocabulary*** Cambridge: Cambridge University Press, 1956. Tablete: PY AN12. Cf. Também: FOSTER, E.D., ***"Po-ni-ki-jo in the Knossos tablets reconsidered", en Minos 16*** (1977), pp. 52-66.

Figura 42 – Ilustrações de barcos cretenses baseados nos desenhos de sinetes e evidências arqueológicas. No primeiro vemos o exemplo de um barco de guerra minóico onde preconizava a forma esguia a fim de obter maiores velocidades em detrimento ao do segundo desenho no qual vemos a representação de um barco mercante com calado mais fundo que lhe proporcionava melhores desempenhos em travessias de alto-mar[297].

De acordo com S. Hiller o conceito de "*pax minoica"* é imprescindível junto da talassocracia para que se entenda as políticas primárias que possam ter exercido influência na constituição de Creta como elemento dominante dos mares[298]. A amplitude de alcance de domínio cretense vai além da força. Mas, há dificuldades de compreensão sobre como essa "paz" promovida por Creta se concretizou.

Segundo S. Hiller, *Pax Minoica* é a denominação criada por Sir Arthur Evans referente ao período de paz e prosperidade durante os Novos Palácios por volta de 1650 e 1390 a.C. Este período, segundo N. Marinatos coincidiria com a queda dos hicsos do poder no Egito e ascensão da XVIII Dinastia, dinastia esta de faraós que mantiveram contatos comerciais com os palácios cretenses. Para S. Hiller, este período pode ter existido em face de diversos fatores da esfera política de Creta com o exterior, embora A. McCreery aponte em seus estudos que durante o

[297] Imagem de DÍAZ, Francisco José, y Luis Alberto Gómez Muñoz. León: 1999 em ***Atlas Enciclopédico de Barcos de Guerra***. http://candamo.eu/Naval/principa.htm. Data de acesso: 08 de Dezembro de 2012.

[298] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoan thalassocracy: Military aspects of Minoan culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984.

período houve conflitos evidenciados pelas fortificações em possessões cretenses no Egeu e armas[299].

Neste período a hegemonia de Creta nas rotas do Egeu e Mediterrâneo vigoraram proporcionando um contato intenso de comércio entre suas áreas de influência aos grupos marítimos da Cíclades e do costado continental Ocidental (Peloponeso) com o Egito e as regiões do Delta do Nilo e suas possessões levantinas (Tiro, Biblo e Sídon). Com o poder de Creta estabelecido e sua supremacia, a região do Egeu experimentou de um florescimento não só de seu comércio, mas, também de suas culturas o que demonstrou através do contato constante entre estes grupos humanos.

Segundo Joseph Shaw a manutenção da ordem por parte de Creta teve por base suas estruturas de defesa em vários pontos do Egeu no qual possivelmente suas instalações portuárias ou mesmo áreas de desembarque em abicada[300] se localizavam. Tais evidências sugerem a intenção de dificultar uma possível abordagem hostil[301] como no caso de Amnisos, cidade-porto bem guarnecida como descreve Homero[302].

Embora não tenhamos a certeza nos acontecimentos decorrentes de uma unidade cretense política, deve-se considerar que internamente, os regimes adotados de política pela realeza palaciana foram capazes de se manter uma sociedade pacífica, pelo menos no período do Minóico Médio em diante[303]. As relações entre palácios na ilha num princípio do mesmo período denotam de que antes da destruição e ausência de continuidade de habitação em alguns dos palácios, estes exerciam o governo da ilha com harmonia, refletida na ausência de muros neles.

---

[299] MCCREERY, Allyson M. ***Evidence For Warfare on Crete During the Early and Middle Bronze Age.*** Philadelphia: Para Temple University Graduate Board. 2010. Cf. Também: HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoan thalassocracy: Military aspects of Minoan culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984

[300] "*abicada*" é o termo náutico para o encalhe em "bico de proa" de uma embarcação em portos que não possuem deques para "atracamento". Os desembarques e amarrações dos navios no Egeu e Mediterrâneo do período das navegações minóicas eram geralmente feitos nas praias. LEAL, Abinael Morais. ***Dicionário de Termos Náuticos, Marítimos e Portuários,*** Rio de Janeiro: Ed. Aduaneiras, 1992.

[301] SHAW, Joseph W. ***Bronze Age Aegean Harboursides*** in D.A. Hardy, C.G. Doumas, J.A. Sakellarakis and Petter Warren (eds.), Thera and The Aegean World III.I Archaeology. London: 1990. Págs. 420 a 436.

[302] HOMERO, ***Odisséia***, Livro XIX, verso CLXXXVIII.

[303] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 30.

De acordo com S. Hiller estas seriam evidências de um sistema estável de política e um dos fatores que contribuía para que os palácios exercessem uma talassocracia.[304]

De certa forma, o domínio do Egeu não poderia ter sido alcançado por apenas um conglomerado de grupos navegantes comerciais sob o comando de um governo palaciano. Todo o sistema de organização marítima proposto por Creta, aproveitando o processo de expansão territorial do Egito, centro de poder principal e protagonista visceral das trocas de dádivas entre as realezas, estruturou-se numa complexa e bem alicerçada relação de política de interesses e vantagens entre os palácios e os grupos navegantes das ilhas Cíclades e costado do Peloponeso, no qual vigorava a representação entre a realeza-palaciana egípcia através do *wanax* cretense[305].

Segundo Sinclair Hood, os assentamentos nas Cíclades sugerem de um período de expansão por parte da ilha de Creta com aspectos peculiares de mistura de diferentes tipos de grupos que habitavam as regiões. Tais grupos continuavam em posições de poder político ou áreas administrativas, embora houvesse uma influência política por parte de Knossos. Tal influência, segundo o pesquisador estava ligada aos contatos comerciais, mas, também em face de Creta possuir uma supremacia no mar, um dos elementos de persuasão política.[306]

Outro fator a ser considerado é que inicialmente, segundo Barry Molloy, a tendência da Ciência era de que a civilização cretense floresceu sobre aspectos pacíficos é distorcida[307]. Para B. Molloy as evidências de armamentos encontrados em escavações da Arqueologia nos sítios onde houve a presença minóica no Egeu ressaltam uma Creta consideravelmente belicosa também. B. Molloy nos apresenta que a formação do indivíduo masculino na sociedade minóica era baseada em preceitos voltados à formação guerreira que permearam a arte e as representações religiosas[308]. Nesse caso os estudos braudelianos de "*império cultural*" se encontram. Porém, ressaltam novas pesquisas de que as estruturas sociais dos minóicos preconizavam a violência em suas práticas de cotidiano como a exemplo do afresco em Thera dos "*meninos boxeurs*" em que a luta corporal está presente na formação do indivíduo jovem e dos ritos da "*tauromaquia*".

---

[304] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 28.
[305] Ibidem. Págs. 27 e 28.

[306] HOOD, Sinclair. ***A Minoan Empire in the Aegean in the 16th and 15th centuries B.C.?*** Proccedings of the third International Symposium At the Swedish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Págs. 33 a 37.

[307] BARRY, P. C. Molloy. ***Martial Minoans? War as Social Process, Pratice and Event in Bronze Age Crete.*** In the Annual of the British School at Athens, nº107 Págs. 87 a 142.

[308] Ibidem. Pág. 88.

Figura 43 – Os meninos boxeurs de Thera. As lutas marciais estavam presente na formação do indivíduo minóico o que contribuía para seu adestramento futuro em qualificações bélicas e afins[309].

Outras evidências arqueológicas colocam Creta como promissora de algumas inclusões de certos tipos de armamentos que contribuíram posteriormente para um florescimento bélico de tecnologias. Aqui nos referimos que além das espadas de lâmina reta e longas, a presença do arco e da flecha com pontas de bronze e obsidiana, certamente de origem oriental, através dos contatos de Creta com os entrepostos do costado hitita como Willusa (Tróia). Tais tecnologias serão absorvidas pelos grupos que dominaram depois a região como os micênicos e grupos menores marítimos.[310]

Segundo Henry van Effenterre um dos mais fortes indícios de que uma talassocracia surgiu no Egeu sob o comando de Creta está intimamente ligada aos assentamentos cicládicos que nos evidenciam da presença minóica, quer militarmente, quer culturalmente. O pesquisador lista da grande variedade de matérias-primas que as Cíclades produziam[311].

---

[309] KAROUZOU, S., ***National Museum***, Athens: Ekdotike Athenon, 1999.

[310] MELLERSH, H. E. L. ***The Destruction of Knossos: The Rise and Fall of Minoan Crete.*** London: Hamish Hamilton, 1970. Cap. IX.

[311] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Paris: Armand Colin. 1986. Pág. 84 e 85**.**

Mapa 6 – Mapa proposto por W. D. Niemeier das regiões do Egeu de influência direta (colônias) minóicas ou de contatos diplomáticos e políticos. Nas regiões assinaladas em preto a presença do poder de Creta evidencia-se em várias situações desde afrescos, armamentos ou artefatos de comércio. Nota-se da abrangência da área de influência onde Creta exercia o domínio do mar Egeu[312].

Henry van Effenterre ressalta que os preceitos de uma constituição de uma talassocracia por parte de Creta voltada para os grupos das Cíclades e regiões próximas estão ligados pelo desejo de uma expansão cujas prerrogativas desta estão imbricadas na necessidade de estruturas de âmbito de dominação política que por sua vez apresenta sistemas de diplomacias e outras soberanias, sejam estas religiosas ou bélicas também[313].

Segundo Lionel Casson[314], os registros das cartas de Tell El-Amarna[315] (escritas num período posterior ao domínio de mar minóico) apresentam em alguns de seus registros uma desestruturação do sistema de navegação no Mediterrâneo e no Egeu. No ínterim dessa

[312] Ibidem. Pág. 156.

[313] Ibidem pág.153.

[314] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967; pág. 40.

[315] As cartas de Tell-Amarna são um composto de tabuinhas de argila registradas em escrita cuneiforme no idioma acádico que era a língua oficial diplomática na época no Levante. Ao todo são 379 tabuinhas que relatam das ações deste entreposto egípcio na região durante as regências dos faraós da XVIII Dinastia Amen-hotep III (1390 a 1352) a Akhenaton (1352 a 1338 a.C.). É vasta relação de assuntos de estado desde material de compra, tributos, reinos "vassalos" como também das invasões por grupos provindos do mar com intenções de saques e posteriormente ocupações das cidades. Estes povos seriam denominados pelos egípcios de "Povos do Mar". As cartas de Tell El-Amarna nos demonstram que uma organização nas rotas marítimas e seu comércio no mar Egeu e Mediterrâneo se desestruturou possibilitando o aumento da pirataria. Cf. ***The Tell El-Amarna Tablets in the British Museum,*** Oxford University Press. Londres: 1892.

desarmonia o fomento à pirataria é notável nos pedidos de socorro em vários entrepostos que se achavam sob ataque de frotas invasoras[316]. Com essa quebra de sistema a ausência nas coletas de tributos de rotas prejudicou os vários entrepostos que intercambiavam com o Egito inúmeras cargas de diferentes localidades desde a Costa do Peloponeso até a Sicília gerando assim uma crise de abastecimento e contatos entre os grupos inclusive Creta e seus palácios já quedados neste período[317].

Em tempos anteriores às cartas de Tell El-Amarna, segundo Lionel Casson, Creta figurava como o censor destas rotas marítimas e as controlava[318]. Em algumas cartas há pedidos de emergência ao Egito das regiões dos portos levantinos importantes em decorrência de ataques piratas, agora freqüentes nos mares e nas rotas. A organização e domínio sobre as rotas marítimas por Creta já havia desaparecido. Nas cartas podemos ver solicitações de tropas para a cidade de Byblos[319]. Os teores de algumas cartas demonstram que a emergência nos pedidos de auxílio do Egito aumentou devido às capturas de barcos[320] pelos grupos navegantes piratas e em outras cidades como Beirute, Tiro e Sídon[321].

De acordo com o autor o período de ascensão da XVIII dinastia no Egito alavancará as linhas de comércio marítimo no Levante. Com isso os primeiros faraós desta dinastia mantiveram a estabilidade das rotas de navegação afastando a pirataria[322].

De acordo com Lionel Casson a marinha egípcia não tinha uma experiência e nem uma freqüência de se lançar em longas distâncias no "Mar Grande" (como os egípcios chamavam o Mar Mediterrâneo)[323]. Embora para Paul Hermann, os egípcios para estes ofícios geralmente recorriam às embarcações fenícias para uma travessia de alto-mar[324] podemos considerar de

---

[316] Ibidem; págs. 38 e 39.

[317] Ibidem; págs. 17 e 18.

[318] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos***. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967. Págs. 17 a 28.

[319] ***The Tell El-Amarna Tablets***. Toronto: Mercer, 1939, n°85.

[320] ***The Tell El-Amarna Tablets***. Toronto: Mercer, 1939: n° 113.

[321] Ibidem: n° 101 (cartas oriundas das cidades de Beirute, Tiro e Sídon).

[322] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos.*** Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967; pág 22.

[323] Ibidem: págs. 19 a 41.

[324] HERMANN, Paul. ***A Conquista dos Mundos***. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1962. Pág. 70.

dificuldades devido aos ventos de temporada de navegação que privilegiava desta forma a ilha de Creta com uma rota direta ao Egito com quem mantinham contatos comerciais[325].

Para Lionel Casson, com o fortalecimento e enriquecimento da realeza palaciana egípcia, conseqüentemente a intensidade das navegações contribuiria para o aumento e a necessidade de uma vigilância sobre os mares seria indispensável. Segundo também L. Casson, Creta afastava o risco de que a pirataria dominasse as rotas marítimas desestruturando o sistema tributário e mantendo a estabilidade comercial com o Egito[326].

As influências minóicas na região podem ter passado além de uma hegemonia baseada em armas. Neste caso, a presença religiosa e cultural são fatores preponderantes para um desenvolvimento de relações entre o centro de poder, aqui a realeza-palaciana de Creta para com os grupos sob sua égide, neste caso as regiões ciládicas e costado continental (Peloponeso).

Se por sua vez a ilha de Creta em seus palácios não possua fortificações e em seus entrepostos, as regiões vizinhas que estavam sob domínio ou influência política minóica apresentam vestígios de estruturas fortificadas de habitação e guarnição em defesa de seus entrepostos de possíveis invasores ou vagas de grupos piratas ou salteadores[327]. Vemos estas fortificações em localidades como Melos, ilha donde se extraía em grandes quantidades obsidiana, pedra ígnea muito utilizada no fabrico de armas (facas, pontas de flechas) e muito apreciada pelas realezas. Era também aplicada em ritos fúnebres[328]. Não seria demasiado exagerado que Creta mantivesse uma posição fortificada onde justamente se extraía uma matéria-prima bélica como a obsidiana. Phylakopi, um assentamento minóico em Melos e possivelmente entreposto tributário à Creta na região das Cyclades ou mesmo encarregada da extração de obsidiana local[329]; Ayia Irini, Keos como também Kollona em Aegina[330].

A lista de insumos fornecidos pelas Cíclades é enriquecida por ouro de Thasos e Siphnos que também possuía jazidas de prata junto com Kimôlos, Syros e Laurion que também extraía de suas minas o cobre e o arsênio, essenciais na fundição de bronze. Havia outras jazidas de cobre e

---

[325] LAMBROU-PHILLIPSON, Connie. ***"Seafaring in the Bronze Age Mediterranean: The Parameters Involved in Maritime Travel"***, en LAFFINEUR, R. Basch, *Thalassa: L'Egee Prehistorique et la Mer,* (Aegaeum, 7) Liège: 1991.
[326] CASSON, Linoel**.** ***Los Antiguos Marinos***. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967; pág. 41

[327] ÉTIENNE, Roland et AL, ***Archéologie Historique de la Grèce Antique***, Paris : 2000 ed. Elipses. Pág.38.

[328] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Paris: Armand Colin. 1986. Pág. 84**.**

[329] DOUMAS, C. ***"The Early Helladic III and the coming of the Greeks", Cretan Studies*** 5, 1996, Págs. 51 a 59.

[330] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce.*** Paris: Armand Colin. 1986. Págs. 81 a 84**.**

arsênio em Kythnos e Sériphos e também havia o bronze oriundo da Anatólia, possivelmente de contatos comerciais entre as realezas cretenses e troianas ou via Chipre[331].

Essas localidades apresentam, de acordo com M. Weiner uma presença política de Creta, particularmente de Knossos onde vigoraria a relação de domínio e tributação[332]. Formariam também um intenso comércio interno no Egeu que escoava para Creta onde os palácios fariam a triagem para enfim as mercadorias atingirem a Costa Africana passando por Cirenaica até chegar ao Delta do Nilo no Egito pela rota exclusiva cretense.

Tal impressão de poder se manifesta nas características arquitetônicas de seus palácios. A ausência de muros nas edificações da ilha de Creta em seus principais centros de poder sugere de um período onde estes palácios exerceram suas funções administrativas respectivas em que sua proteção contra ataques e invasões poderiam estar baseadas não só em sua marinha como também em sua amplitude de contatos políticos sob uma visão de um rei com poderes sagrados, o *wanax*[333].

De acordo com Jean-Nicolas Corvisier, tais evidências encontradas pela Arqueologia foram resultado de um intenso contato entre as realezas palacianas de Creta e Egito durante o período da XVIII dinastia egípcia ou Idade do Bronze Tardio no Egeu (cerca de 2000 a 1500 a.C.) período da civilização minóico-micênica[334].

Corvisier nos apresenta duas vertentes possíveis sobre a Talassocracia exercida por Minos. Atenta para a dificuldade de obter informações mais plausíveis deste personagem que apresenta diferentes narrativas sobre sua existência sendo uma ufanista e outra já um pouco demérita[335]. Todavia, as vertentes afirmam da origem divino-carnal de Minos, filho de um enlace de Zeus com a princesa sidônia Europa e sua obtenção do trono por graça de Poseidon que o presenteia com um touro que deveria ser sacrificada em homenagem a divindade em troca da vindicação do poder a Minos, o que não ocorreu.

---

[331] Ibidem Pág. 84**.**

[332] WEINER, M. ***The Isles of Crete? The Minoan thalassocracy revisited. In Thera and rhe Aegean World*** (eds *J* . A. Hardy, C. Doumas, J. A. Sakellarakis and P. M. Warren), Vol. 3.1. London: The Thera Foundation, 1990. pág. 128.

[333] MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine****.* Illinois: University of Illinois Press, 2010. Pág.48.

[334] CORVISIER, Jean-Nicolas – ***Les Grecs et la Mer*** Paris: Les Belles Lettres, 2008. Págs 11 e 12.

[335] Ibidem. Pag. 23

Em algumas narrativas Poseidon, enfurecido pelo descumprimento do pacto por Minos de sacrificar o touro em sua homenagem, promove um ardil para que Pasífae, esposa de Minos se apaixone perdidamente pelo touro, no que esta pede ao arquiteto Dédalos que lhe construa uma vaca de madeira a fim de que se possa copular com a alimária. O resultado é o nascimento de uma aberração, a *hibris* Minotauro.

Em outras narrativas Minos é apresentado como um rei justo e próspero que com seu poder mantém a paz sobre o mar e a estabilidade entre suas colônias, posteriormente será um dos três juízes do mundo dos mortos. Minos também aparece como um rei perverso que usufrui da fera Minotauro como representação de seu poder opressor. Poder esse que será quebrado quando Teseu de Atenas lograr êxito ao matar o Minotauro[336]. Todavia, em todas as formas de contos Minos é visto como um rei que detém grandes poderes e temido pelos demais.

A organização e o domínio das rotas marítimas por Creta, afirma Lionel Casson, foram fundamentais para constituição de sua soberania nos mares e propícios ao surgimento de uma realeza palaciana em Creta com suas cidades-palácios enriquecidas pelo grande fluxo de navegação tributária que passaria por suas costas em direção ao Egito[337]. De acordo com as escavações de Arthur Evans os palácios estariam não só como centro de governos, mas, também centros de arrecadação de tributos religiosos e responsáveis pela manutenção dos cultos das cavernas que segundo Heinrich Schliemann, seria dedicado a "*Zeus Labramdeus*" [338].

Para Corvisier, Minos é uma peça-chave importante onde se reflete fatores talassocráticos. Sua presença é marcada pelos descendentes e parentes de Minos os quais serão delegados a entrepostos importantes para a distribuição de matéria-prima com também da vigilância à tributação vigente às rotas. Tais delegações demonstram também outra situação possível, a centralização de poder em Knossos durante um período de enriquecimento dos centros de poder na ilha em virtude do aumento das utilizações das rotas para o consumo de bens pelo Egito da XVIII Dinastia, período no qual se percebe uma diminuição da presença de outros palácios na ilha em comparação com Knossos[339].

---

[336] GRIMAL, Pierre; ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana;*** Rio de janeiro: Ed. Bertrand 2011.

[337] CASSON, Linoel. ***Los Antiguos Marinos***. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967. Cap. 2.

[338] MACGUILLIVRAY, Joseph Alexander. ***Minotauro****, Sir Arthur Evans e a Arqueologia de um Mito,* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002. Pág. 174.

[339] CORVISIER, Jean-Nicolas – ***Les Grecs et la Mer*** Paris: Les Belles Lettres, 2008. Págs 21a 24.

Stefan Hiller nos demonstra o que pode ser uma melhor compreensão da aplicabilidade do conceito de talassocracia no período minóico. Certamente, não se pode afirmar que houve uma talassocracia minóica num sentido de domínio militar e político, mas, se esta aconteceu podemos também entendê-la através de diferentes formas de superioridade nas quais Creta abrangeria não só uma supremacia militar naval, mas, também uma forte influência política devido aos contatos entre as realezas palacianas egípcias e cretenses, o que de certa forma creditava Creta como censora dos mares nas rotas de comércio no Egeu[340].

É através de suas estruturas de navegação e sua vantagem geográfica na embocadura do mar Egeu sendo área de passagem para o escoamento de matérias-primas oriundas dos entrepostos do continente europeu e asiático, que Creta será beneficiada. A ilha era uma passagem obrigatória para as rotas de alto-mar que para transpô-las os navios abarrotados de mercadorias, deveriam aportar em Creta e conseqüentemente se apresentar aos coletores de tributos encarregados pela realeza palaciana em entrepostos espalhados em diversos locais da ilha[341] e certamente se algum navio, na tentativa de burlar este fisco seria interceptado pela marinha cretense.

Tal estrutura de "barreira tributária" de sua posição geográfica pode ter contribuído como importante instrumento de poder e domínio neste caso em referência à influência cultural e tenha contribuído assim para propagar suas práticas de culto onde vigoravam a figura sagrada do *wanax* cretense com origens divinas e mortais a outros grupos marítimos como as Cíclades[342]. O culto ao *wanax* aliado ao séquito comumente visto de sacerdotisas nas cerimônias representadas em sinetes e sarcófagos como o encontrado em Hagia Triada denotam de que Knossos além de um centro de poder político angariava uma carga de sacralidade aliada aos ritos presentes nas cavernas e outros templos menores como nos informa alguns tabletes de lineares B das separações de insumos para o "labirinto" e para os locais de culto e sacerdotisas (senhora do labirinto) [343].

---

[340] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984. Pág. 27.

[341] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 60

[342] HILLER, Stefan. ***Pax minoica versus Minoano thalassocracy: Military aspects of Minoano culture in The Minoan Thalassocracy Myth and Reality***. Proccedings of the third International Symposium At the Swdish Institute in Athens, 31 May – 5 June 1982. Stockholm: 1984.

[343] CHADWICK, John; ***A Decifração do Linear B***; Lisboa: Ed. Cotovia, 1996; Apêndice, Documentos: PY Eb 297 nº140 e CN Gg702 n°205, págs. 168 e 169.

Neste caso o poder de influência religiosa pode ter sido outro fator que contribuiu para a amplitude do alcance da hegemonia minóica para com seus entrepostos e grupos marítimos contratuais de Creta.

O *wanax*, segundo Sinclair Hood, não seria muito diferente de seu contemporâneo egípcio quando nos referimos às suas principais atribuições. Uma das funções possivelmente estava no domínio do comércio exterior onde o palácio era o centro de arrecadação e distribuição dos tributos e mercadorias comercializadas com os habitantes da ilha no que o autor sugere em pequenos mercados próximos do palácio como em Hágia-Tríade.[344] Dentre os fundadores da realeza palaciana em Creta, Minos se destacaria como o *wanax* que controlava a fera híbrida conhecida por Minotauro[345].

De acordo com Nanno Marinatos o *wanax* detinha um poder vindicado por um discurso de uma origem divina. Dominava as práticas de esferas política e comercial como também das esferas religiosas[346]. Um dos símbolos da manifestação do poder do *wanax* era o machado de dois lados conhecido por "*Labrÿs*". Para N. Marinatos sua representação estava ligada ao palácio de Knossos[347] identificado por Arthur Evans como o próprio "labirinto" [348] (de "*daburinthoio"* em linear B: "sala dos machados duplos" em possível alusão a sala do trono de Knossos)[349]. Segundo Arthur Evans a denominação de labirinto estaria ligada também às questões etimológicas próximas a dialetos cários onde sugere que a palavra *"labraundós"* também se referia à sala dos machados duplos, ou seja, a sala do trono em alusão ao palácio santuário em Knossos[350] .

---

[344] HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 141.

[345] LÓPEZ, García José. ***La religión griega,*** Madrid: Ed. Istmo. 1975. Pág. 294.

[346]MARINATOS, Nanno. ***Minoan Kingship and the Solar Goddess – A near eastern Koine***. Illinois: University of Illinois Press, 2010. Cap. IV.

[347] Ibidem Cap. IX.

[348] Ibidem Págs. 124 a 130.

[349] CHADWICK, John; ***A Decifração do Linear B***; Lisboa: Ed. Cotovia, 1996; Apêndice, Documento: CN Gg702 n°205, pág. 169.

[350] EVANS, Arthur. ***Scripta Minoa: The Written Documents of Minoan Crete, With Special Reference to the Archives of Knossos***. Oxford: The Clarendon Press. 1909. Pág. 195.

Foto 5 - Sala do Trono em Knossos[351]. De acordo com Evans o trono de pedra era destinado ao *wanax*. Seria esta sala denominada "a sala dos duplos machados" ou Labirinto[352].

Segundo Henri van Effenterre o *wanax* mantinha junto com a realeza palaciana o poder das práticas sacerdotais e rituais religiosos para com os habitantes da ilha. Todavia, para Effenterre, essas atribuições não estariam apenas nas mãos do *wanax*, mas, também de uma figura feminina sempre presente a qual interpreta como sacerdotisa do culto local e possivelmente a rainha com as mesmas atribuições sagradas e rituais do *wanax*[353].

[351] Foto acervo do autor.
[352] EVANS, Arthur. ***Scripta Minoa: The Written Documents of Minoan Crete, With Special Reference to the Archives of Knossos***. Oxford: The Clarendon Press. 1909.

[353]EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce***. Paris: Armand Colin. 1986. Págs.135 a 140.

Foto 6 – Exemplares de Pithos de armazenamento encontrados nas escavações de Knossos. Geralmente eram de grande capacidade onde se colocavam os tributos recebidos pelo palácio[354].

Para Sinclair Hood os aspectos da arquitetura como a posição das baias de abastecimento nos palácios próximas às salas adjacentes do trono sugerem que o *wanax* detinha um poder direto na distribuição dos insumos tributados[355]; essa capacidade nas mãos do *wanax* estava ligada às suas atribuições de sagrado como também num âmbito ideológico da manutenção desse poder do palácio e sua ausência de muros que separaria os habitantes da ilha, porém não definiria uma proximidade entre os habitantes detentores do poder[356]. R. F. Willetts estima que a capacidade de armazenamento de alguns insumos como a exemplo dos *pithoi* para azeite de oliva alcançava marcas de mais de 240.000 galões[357] no período do segundo palácio em Knossos o que sugere

---

[354] Foto acervo do autor.

[355]HOOD, Sinclair. ***Os Minóicos,*** Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Págs. 80 a 86.

[356]BOBBIO, Norberto. ***Teoria Geral da Política – A Filosofia Política e as Lições dos Clássicos.*** São Paulo: Campus. 2000. Págs. 164 a 166.

[357] O pesquisador não define qual medida de galão ele utilizou (americana 1gl = 3.758 l ou inglesa 1gl= 4.545 l), mas, se por ambas, vemos tamanha capacidade apresentada dos armazéns cretenses. Certamente este sistema somente floresceu mediante uma grande estrutura de domínio político com a coleta de tributos ao palácio, também um centro religioso. Tal abastecimento é também proveniente das rotas marítimas e de um intenso movimento do comércio naval sob o comando dos palácios. Cf. WILLETTS, R.F. ***The Civilization of Ancient Crete - Palace and Palace Economy***. New York: Barnes & Noble books, 1995. Pág. 68.

um possível recrudescimento das cobranças tributárias após uma possível catástrofe que destruiu o palácio anterior[358].

Foto 7- Baias de recolhimento de tributos do Palácio de Knossos. Para S. Hood sua posição ao lado da sala do trono e sua capacidade considerável de armazenamento eram fatores que evidenciam a presença de um poder político mais abrangente do que apenas um culto religioso[359].

As rotas pelo Mediterrâneo para alcançar as costas africanas na Líbia e Delta do Nilo se faziam em um período de navegação onde os ventos eram favoráveis em direção ao Sul da Ilha de Creta atravessando o Mar da Líbia em cerca de quatro dias. Mesmo em temporadas de navegação, os naufrágios eram uma grande ameaça. As dificuldades nas travessias do Mar da Líbia e das cabotagens nas rotas de retorno ao Egeu eram premissa da experiência dos ”*kübernetes”*[360], comandantes das embarcações[361]. Todavia, numa embarcação os *nautés*[362]

---

[358] Ibidem págs. 67 a 69.

[359] Foto acervo do autor.

[360] Comandante ou chefe de proa da embarcação, este geralmente era marinheiro mais antigo e conhecedor dos percalços do mar.

[361] A narrativa homérica de Odisséia onde o herói Odisseu (ou Ulisses) vaga por anos pelos mares até chegar a sua cidade Ítaca nos demonstra das severas situações ao ofício de marear nas regiões do Egeu e Leste do Mediterrâneo. O desvio de sua embarcação leva Odisseu até o costado líbio e egípcio no que sugere da utilização de uma rota próxima a mesma com a qual Creta se contatava com o Egito (aqui o autor refere-se ao “Rio Egito”, possivelmente em alusão ao Nilo). Outra narrativa de uma viagem a Roma no livro dos Atos dos Apóstolos, também nos apresenta as dificuldades de navegação na Antiguidade. Embora sua viagem tenha sido por volta do ano 60 d.C. Cf. HOMERO**, *Odisséia*,** Trad. de Manuel Odorico Mendes, São Paulo: E-Books Brasil, 2009. Livro IV canto CDXLV Cf. também a nota de rodapé nº 189 referente à citação do ***Livro dos Atos dos Apóstolos***,

geralmente possuíam também habilidades necessárias para o serviço do mar. Além da função de remadores, os *nautés* também possuíam capacidades que podiam variar no grupo como a responsabilidade de ritmar o movimento dos remos ou como Linceu, um dos heróis argonautas que era exímio nas orientações celestiais com sua apurada visão[363].

Após a travessia por alto-mar o restante da viagem era feita em cabotagem, método que consiste da navegação margeando a costa sem perdê-la de vista de porto a porto[364]. A navegação de cabotagem, embora mais perigosa devido às imperfeições das costas margeadas, seria mais lucrativa tendo em vista a possibilidade de se comercializar com os portos no meio da viagem e visando também poupar os esforços da tripulação aos remos que nos navios mercantes eram em menor número, segundo Connie Lambrou-Phillipson[365].

Para o pesquisador Connie Lambrou-Phillipson a rota partindo do Egito para Creta seria impossível ou mesmo por deveras arriscada para as embarcações (sejam cretenses, fenícias ou mesmo egípcias). O vento favorável usual do período de navegação no Egeu para o Mediterrâneo seria seguindo do Egito (vento Sul-Sudeste) para Creta só ocorreria no inverno, época impraticável para uma travessia em alto-mar em face das condições marítimas naturais de mar bravio. De acordo com o pesquisador essa rota só seria possível em sentido "anti-horário" no verão cumprindo a rota Creta-Egito por alto-mar devido aos ventos propícios impelirem no sentido Norte-Sul colocando assim Creta como um ponto importante de acesso das rotas de mercadorias do Egeu para o Egito[366].

Segundo R. W. Hutchinson[367], tais rotas abrangiam toda extensão do Egeu desde Illium, entreposto responsável pelas mercadorias provenientes do Helesponto, ilhas Cíclades, Peloponeso às Costas da Cilícia (costado da Anatólia) e Levantina (entrepostos fenícios de

---

capítulo XXVII. Versão consultada: The Greek New Testament – 4th. Revised Edition, Ed. Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart: 1994. Pág. 511.

[362] O mesmo que marinheiro.

[363] GRIMAL, Pierre; ***Dicionário da Mitologia Grega e Romana;*** Rio de janeiro: Ed. Bertrand 2011.

[364] LEAL, Abinael Morais. ***Dicionário de Termos Náuticos, Marítimos e Portuários,*** Rio de Janeiro: Ed. Aduaneiras, 1992.

[365] LAMBROU-PHILLIPSON, Connie. ***"Seafaring in the Bronze Age Mediterranean: The Parameters Involved in Maritime Travel",*** en LAFFINEUR, R. Basch, *Thalassa: L'Egee Prehistorique et la Mer,* (Aegaeum, 7) Liège: 1991. Pág. 18.

[366] LAMBROU-PHILLIPSON, Connie. ***"Seafaring in the Bronze Age Mediterranean: The Parameters Involved in Maritime Travel",*** en LAFFINEUR, R. Basch, ***Thalassa: L'Egee Prehistorique et la Mer,*** (Aegaeum, 7) Liège: 1991. Págs 11 a 19.

[367] HUTCHINSON, R.W. ***La Creta Prehistorica,*** México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Págs 149 a 156.

Sídon, Biblos, Tiro) abrangendo o Delta e o costado da Líbia[368] durante o período da XVIII dinastia no Egito ou Idade do Bronze Tardio no Egeu (cerca de 2000 a 1500 a.C.).

[368] WATROUS, L. Vance. Kommos III: ***The Late Bronze Age Pottery***, Princeton: 1992 Ed. Princeton, Pág. 178.

4 CONCLUSÃO

De acordo com a historiografia referente ao período talassocrático de Creta durante as realezas-palacianas minóico-micênicas entre os séculos XV e XIV a.C. as estruturas de domínio das rotas por parte dos palácios cretenses a fim de manter o equilíbrio da navegação afastando a pirataria teve sua formação através de fatores que abrangeram o caráter político em virtude dos contatos comerciais com o Egito onde as figuras do faraó e do *wanax* seriam os censores deste intercâmbio de insumos entre Creta e o Egito. Esta proporção de comércio atingiu sua amplitude com as campanhas de expansão das regiões levantinas por parte do Egito da XVIII dinastia o que possibilitou um escoamento eficaz através dos portos locais como Sídon e Tiro. Em face deste crescimento de procura de matérias-primas existentes em abundância nas regiões do costado continental ocidental (Peloponeso) e nas ilhas Cíclades, o domínio de Creta vigorou através dos contatos com estes grupos em diversas formas de negociações que variavam de colônias cretenses ou cidades de intercâmbio tributárias de Creta para o uso das rotas de acesso ao Egito pelo Mar da Líbia.

Para isso, Creta utilizou de uma marinha militar com a capacidade de manter a ordem nas rotas marítimas afastando os riscos de assaltos piratas às embarcações que usufruíam do sistema proposto por Creta de navegação.

A talassocracia cretense e suas estruturas foram baseadas num sistema não só de uma marinha de guerra forte sob o domínio de Creta e seus palácios. Entendemos que a amplitude de fatores é visível tendo em vistas das evidências da Arqueologia aliada às narrativas míticas. Vimos através das imagens de cerâmicas embora posteriores ao período citado da civilização minóica que o imaginário de poder em que Creta vigora como palco central no mar Egeu permeou as aristocracias atenienses num momento de sua história onde preconizava a necessidade de uma expansão pelo mar da influência desta polis grega.

O contato da realeza palaciana de Creta com Egito foi proporcionado pelas rotas marítimas ratificadas pelas intensas práticas de comércio que definiram as *relações interpalaciais* cuja diplomacia tinha como manifestação as *trocas de equivalências* entre o *Wanax* cretense e o Faraó egípcio. O palácio de Creta por ser considerado sagrado outorgava-lhe o domínio dos cultos na região do Mar Egeu através das representações do touro como a personificação da divindade Zeus ao qual era reverencia do nos festejos da tauromaquia e do rapto de Europa.

O retorno pela XVIIIª dinastia egípcia das linhas de comércio marítimo que por sua vez interligavam Creta ao Egito através de sua rota direta pelo Mar da Líbia em face da necessidade de insumos cada vez mais exigidos pelos palácios egípcios proporcionou um enriquecimento das realezas-palacianas cretenses quais eram detentoras das rotas, constituindo uma organização marítima onde o *wanax* cretense era o elemento central moderador deste sistema onde sua sacralidade vindicada através das narrativas míticas em torno de sua pessoa, reforçava seu discurso de poder.

Tal estrutura de poder da realeza palaciana cretense manteve-se devido à *talassocracia* desenvolvida por Creta (entre os séculos XVIII a XV a.C.) teve abrangência considerável no Egeu principalmente na região cicládica abrangendo o Mediterrâneo através do estabelecimento de rotas marítimas onde praticava a tributação aos navios[369]. Seus palácios surgem como entrepostos comerciais com aspirações sagradas e receptores das oferendas devotadas aos cultos locais. A função dos palácios define-se como centro político e também como local de devoção religiosa fato que se reflete na sua arquitetura monumental com total ausência de fortificações ou muralhas.

Através do discurso onde o rei-sacerdote tinha ligações de sangue com a divindade proporcionava à realeza-palaciana a manutenção do poder para com os habitantes da ilha no que a projeção desta mentalidade se refletia em suas arquiteturas, principalmente nas estruturas de seus palácios que não possuíam fortificações ou muros que impedissem o acesso às regiões permitidas ao individuo comum. Neste caso entendemos que os palácios também exerciam a função de templos nos quais as sacerdotisas ou sacerdotes praticavam as coletas tributárias para o palácio como também para os outros locais de cultos existentes na ilha como o exemplo das cavernas sagradas e montes.

Assim, o domínio do *wanax* se ampliava também aos outros grupos marítimos onde seu poder influenciava as ações de comércio e seu poder naval afastava a pirataria como o caso dos cários, grupos piratas cicládicos rechaçados por Minos, mas, que possuíam tratados de auxílio no caso de um chamado de Creta aos serviços destes relacionado por Heródoto como grupos bastante belicosos.

Creta possuía um domínio dos mares por estar em uma posição geográfica privilegiada e constituir de uma realeza palaciana voltada para o comércio marítimo com o Egito com o qual era possuidor de uma rota direta pelo Mar da Líbia. Seu poder estava ligado pela soberania de

[369] EFFENTERRE, Henri van. ***Les Égéens – Aux Origines de La Grèce***. Paris: Armand Colin. 1986. Págs.81 a 84.

sua marinha militar e na figura do *Wanax* como um rei sagrado. Seus contatos com o Egito eram tanto comerciais como culturais.

Entendemos também que as navegações cretenses tiveram grande avanço no que concebe das distâncias alcançadas através de suas tecnologias de embarcação dispostas aos envios em mar aberto aliada à utilização da astronomia para as orientações nas travessias principalmente nas rotas referentes ao Mar da Líbia na travessia Creta-Egito onde não havia elementos de referência terrestre como em casos de navegações de cabotagem.

O período de navegação estava para Creta tão importante quanto o período das colheitas entre os equinócios, pois, o fortalecimento dos palácios teve grande participação de seus contatos marítimos preferencialmente com o Egito, principal potência política da época.

A partir dessa premissa das orientações astronômicas estarem ligadas aos ritos palacianos de tauromaquia nas celebrações da colheita e da chegada do período de navegações, entendemos que os palácios eram detentores deste sistema no qual cobravam seu tributo para a utilização de suas rotas.

Assim, podemos concluir em nossa pesquisa que a compreensão e os meandros de uma estrutura proposta de um sistema talassocrático administrado pelos palácios cretenses no período minóico entre os séculos V e VI a.C. aproximadamente, necessita ao pesquisador embrenhar-se não só em um viés de estudo, o que arriscaria cair na mesmice conceitual contumaz de uma observação monolítica de tudo. Deve-se entender que uma constituição de forma de governo não se estabelece como base num sistema somente de dominação quer por preceitos políticos, quer por bélicos. Preconiza-se, portanto, uma grande amplitude de áreas que proporcionaram tal domínio por Creta no citado período.

Destarte é importante considerar que a Talassocracia Minóica somente seria possível baseada em vários fatores que contribuíram para Creta exercer um poder marítimo. Talvez o fator mais visceral estivesse ligado à sua posição geográfica explicitamente privilegiada às portas entre um Mediterrâneo de águas bravias e profundas e um Egeu repleto de ilhas com uma navegação extremamente exigente e com técnicas peculiares ao seu relevo.

Tal posição geográfica proporcionou uma inclinação aos preceitos de mar pelos palácios onde preconizou o comércio marítimo com outros grupos. Com a aquisição da experiência de navegação dos grupos cicládicos e a adição de novas tecnologias de embarcação e técnicas de marear, Creta possuiria aparato suficientemente capaz de manter embarcações em linhas de navegação no Egeu e, todavia, abrangeria a região Leste do Mediterrâneo com a vantagem de

possuir uma rota exclusiva entre a parte Sul da ilha e o costado líbio atravessando diretamente o mar aberto. Assim, para que as embarcações pudessem atingir o costado líbio para enfim seguirem viagem até o Delta do Nilo e cabotando até o Levante às cidades-porto de Sídon e Biblos e Chipre até que por fim chegassem de volta ao Egeu precisavam passar pelo crivo cretense tributário dos palácios.

Com a aquisição de novas tecnologias por Creta, proporcionou um fortalecimento em sua marinha militar no que possibilitaria a interceptação de navios comerciais e dirimir a prática da pirataria nas rotas, como a expulsão dos cários, um grupo pirata citado por Tucídides.

Com o crescimento das navegações após a ascensão ao trono egípcio da XVIIIª Dinastia, Creta usufruiu de sua vantagem de localização entre rotas o que alavancou o enriquecimento de suas realezas-palacianas no que fomentou também o domínio das práticas ritualísticas dos habitantes da ilha, onde a figura do *wanax* cretense apropriou-se de aspectos sagrados. Sua relação de origem com os deuses aliado às narrativas míticas com estreita relação com o mar são presentes no enlace da princesa Europa e Zeus em forma de touro. Tais estruturas de poder palaciano proporcionaram às realezas cretenses o domínio das cerimônias sazonais como a tauromaquia, no que celebrava o período equinocial propício pra o início das navegações ocasionando da manutenção do poder sobre as rotas e a continuidade dos sistemas de comércio com seu contato egípcio.

Por fim, a talassocracia minóica permeou o imaginário de outras sociedades posteriores como exemplo de poder político no mar, ganhando um corpus ora mítico como nas explanações de Heródoto, ora real fato, nas explanações de Tucídides no que tal discurso permeou a sociedade ateniense do séc. V a.C. em um processo de inclinação aos preceitos de mar como necessidade estratégica, adquirindo e apropriando-se das narrativas míticas referentes ao mito do Rapto de Europa no que vemos explicitado nas representações em cerâmicas oriundas da aristocracia ateniense. Tal profusão desta narrativa mítica perpassou os tempos e permaneceu no imaginário europeu além de uma Atenas no anseio de galgar o mar. A princesa sidônia cujos pés nunca pisaram em solo continental europeu nos demonstra a importância de Creta ao ponto de se tornar um paradigma de estratégia geopolítica em seu tempo que ainda influencia como expõe Z. Bauman, "o trazer o contato com o externo" numa troca de vivências que Creta experimentou através do mar com outros grupos; e como hoje o Mundo experimenta em diferentes formas de oceanos nos quais o touro continua atravessando veloz as águas. Basta olhar para o céu.

REFERÊNCIAS

ANACREONTE, *Anacreontea*: poemas à maneira de Anacreonte. Coimbra: Edições Fluir Perene, 2009.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BALCER, Jack M ; STOCKHAUSEN, John M. *Myceneanm Society and its Collapse* – custom.cengage.com/static_content/OLC/.../etep_ch03.pdf.

BARTHES, Roland. *Mitologías.* México: Siglo Ventiuno editores, 1999.

BARBER, R.L.N. "Thera and the Aegean World". In: PAPERS PRESENTED AT THE SECOND INTERNATIONAL SCIENTIFIC CONGRESS, Greece,1978. p. 367-379.

BAUMAN, Zygmund. *Europa.* Rio de Janeiro: Ed. J. Zahar, 2004.

BIETAK, Manfred. *Minoan Paintings in Avaris, Egypt "the wall paitings of thera.* In: PROCEEDINGS OF THE FIRST INTERNATIONAL SYPOSIUM, Hellas, 1997. P. 33 -42.

BRAUDEL, Fernand. *Memórias do mediterrâneo.* Rio de Janeiro: Ed. Multinova, 2001

BUCHHOLZ, H.G. *Some observations concerning Thera's contacts overseas during the Bronze Age. "Thera and the Aegean World II". In:* Papers Presented at the Second International Scientific Congress, Santorini, Greece,1978. Pag. 227-240.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas:* O que falar quer dizer. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CANDIDO, Maria Regina, ET AL. *Mitologia no mundo Antigo* (estudos em CD do NEA), ISSN 1984-3615.

CARTLEDGE, Paul (org.). *Coleção ilustrada. Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

CASSON, Linoel. *Los Antiguos Marinos*. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1967

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano.* Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CHADWICK, John; L. Godart et.al. *Corpus of Mycenaean incriptions from Knossos*, New ypork, *v.4,* New York: Cambridge University Press, 1998.

CHADWICK, John – Documents in Mycenean Greek - *three hundred selected tablets from Knossos, Pylos, and Mycenae with commentary and vocabulary*. Cambridge: 1958.

CHADWICK, John. *El Mundo Micénico*. Madrid: Ed. Alianza, 1987.

CADOGAN, G. *Thera's Eruption into our Understanding of the Minoans. "Thera and the Aegean World 3, In: PAPERS PRESENT AT INTERNATIONAL ASCIENTIFIC CONGRESS, 3,* Greece,1989. Pag. 93-97.

Corpus Vasorum Antiquorum: ZURICH, OFFENTLICHE SAMMLUNGEN, 33, PL.(66) 24.21-22;

Corpus Vasorum Antiquorum: PROVIDENCE, MUSEUM OF THE RHODE ISLAND SCHOOL OF DESIGN 1, 21, PL.(65) 12.1A-C;

Corpus Vasorum Antiquorum: SYRACUSE, MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE 1, III.H.6, PL.(813) 8.5;

Corpus Vasorum Antiquorum: RODI, MUSEO ARCHEOLOGICO DELLO SPEDALE DEI CAVALIERI 1, III.H.E.6, III.H.E.7, PL.(445) 13.2Clara Rhodos: III, 118, FIG.112;

Corpus Vasorum Antiquorum: URBANA-CHAMPAIGN, UNIVERSITY OF ILLINOIS 1, 11-12, PL. (1180) 10.1-2;

Corpus Vasorum Antiquorum: OXFORD, ASHMOLEAN MUSEUM 2, 114, PL. (425) 61.4;

Corpus Vasorum Antiquorum: CLEVELAND, MUSEUM OF ART 1, 12, PL. (697) 17.3-4;

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae: IV, PL.35, EUROPA I 42 (A);

DABNEY, Mary K.; James C. Wright. *Mortuary customs, palatial society and state formation in the Aegean Area*: a comparative study. Estocolmo: Swedish Institute at Athens,1990.

DAVARAS, Costis. *Phaistos.* Brief illustrated archeological guide. Athens: Hannibal Publishing House, 2011.

DAVIS, J.L. *Minoans and minoanization at Ayia Irini, Keos.* Thera and the aegean world 2. In: PAPERS PRESENT AT THE SECOND INTERNATIONAL AT THE SECOND INTERNATIONAL SCIENTIF CONGRESS, Greece, p. 257-260, 1978.

DEGER-JALKOTZY, Sigrid . *Ancient Greece*: from the Mycenaean palaces to the age of Homer. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

BONAPARTE, Napoleón. *Description de l'Egypte*, ou Recueil des observations et des recherches (Publiée par les odres de Napoléon Bonaparte, 1809). Köln: Benedikt Taschen Verlag GmBH, 1997.

DIAS, Geraldo Coelho. *Os povos do mar e a idade obscura no médio oriente Antigo.* Porto: Cadmo 1, 1991.

DIMOPOULOU, Nota; Yorgos Rethemiotakis. *The ring of minos and gold minoan rings:* the Epiphany cycle. Athens: Ministry of Culture and Archaeological Receipts Fund, 2004.

DRIESSEN, Jan. The court Compounds of Minoan Crete: Royal Palaces or Ceremonial Centres? *Athena Review*, v.3, n.3. *Minoan Crete*. Disponível em: <http://www.athenapub.com/11court.htm> Acesso em: 09 fev de 2012.

DUHOUX, Y. M*inoens Des en Egypte? "Keftiou" et "les îles au milieu du grand vert"* Université Catholique de Louvain , 2003. Disponível em : <http://www.jstor.org/pss/40024519> Acesso em: 02 jan de 2012. (Publications de L'Institut Orietaliste de Louvain 52.)

EFFENTERRE, Henri van. Les Égéens – Aux Origines de La Grèce. Paris: Armand Colin. 1986. In: EVANS, Arthur. *Scripta Minoa:* the written documents of minoan crete, with special Reference to the Archives of Knossos. Oxford: The Clarendon Press. 1909.

FAURE, P. *La vie quotidienne en Crète au temps de Minos (1500 av.J.-C.)* The Journal of Hellenic Studies, v. 94 (1974), p. 226-227. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/630481> Acesso: 28 Jan de 2012.

FINLEY, Moses. *Grecia primitiva*: la Edad de Bronce y la Era Arcaica. Bueno Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires, 2005.

FINKELBERG, Margalit. *Greeks and pre-Greeks:* aegean prehistory and greek heroic tradition. New York: Cambridge University Press, 2005.

FOSTER, E.D., *"Po-ni-ki-jo in the Knossos tablets reconsidered", en Minos 16,* p. 52-66, 1977.

FRIEDRICH, Walter L. *"Santorini Eruption Radiocarbon Dated to 1627-1600 B.C."* Science (American Association for the Advancement of Science). 2006. Disponível em: <http://www.sciencemag.org/content/312/5773/548.abstract.> Acesso: 10 de ago 2011.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia,* São Paulo: Ed. Contexto, 2003.

FURUMARK, Arne. *The thera catastrophe:consequences for european civilization. "Thera and the Aegean World II. In: PAPERS PRESENTED AT THE SECOND INTERNATIONAL SCIENTIFIC CONGRESS,* Greece, p. 667-674, 1978.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais.* São Paulo: Ed. Cultrix, 1981.

GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas.* Rio de Janeiro: Ed. Companhia das Letras. 1987.

HERÓDOTO, *Historia.* Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2001.

HILLER S. *Minoan Qe-Ra-Si-Ja. The Religious Impact of the Thera Volcano on Minoan Crete - "Thera and the Aegean World I.* In: PAPERS PRESENTED AT THE SECOND INTERNATIONAL SCIENTIFIC CONGRESS,1, Santorini, Greece,1978. Pag. 675-679.

HILLER, S. *The miniature frieze in the west house:* evidence for Minoan Poetry? "Thera and the Aegean World III" .Volume One: Archaeology Proceedings of the Third Internetional Congress, Santorini, Greece, 3-9 September 1989. Pag. 229-236.

HILLER, Stefan. *Pax Minoica versus Minoan Thalassocracy. Military Aspects of Minoan Culture.* For: The Minoan Thalassocracy: Mith and Reality, 3rd International Symposium at the Swedish Institute in Athens. Stockholm: 1984.

HOMERO, *A ilíada*, Trad. de Manuel Odorico Mendes, São Paulo: Martin Claret, 2003.

HOMERO, *Odisséia*,Trad. de Manuel Odorico Mendes, São Paulo: E-Books Brasil, 2009.

HOOD, Sinclair. *A pátria dos heróis. O Egeu antes dos gregos*, Lisboa, Editorial Verbo, 1969.

HOOD, Sinclair. *Os Minóicos,* Lisboa: Editorial Verbo, 1973

HOOKER, J. T.Et al. *Lendo o Passado*. São Paulo: Ed. Melhoramentos / Ed. USP, 1996.

HORNER, Susan. *Greeks Vases - Historical and Descriptive*. Londres: Swan Sonneschein & Co. 1897.

HUTCHINSON, R.W. *La Creta Prehistorica.* México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

IFRAH, Georges. *História universal dos algarismos.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1997.

IMMERWAHR, Sara. *Thera and Knossos:* relation of the paintings to their architectural space. "The Wall Paitings of Thera: Proceedings of the First International Symposium" Vol.I, Thera, Hellas: 1997. Págs. 467-490.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque, *História a arte de inventar o passado:* ensaios de teoria da História. São Paulo: EDUSC, 2007.

KNAPP, A. Bernard. *Thalassocracies in Bronze Age Eastern Mediterranean Trade:* Making and Breaking a Myth. In: World Archaeology Vol. 24 – Nº 3, Ancient Trade: New Perspectives. Oxfordshire: Taylor & Francis Ltd. Pág. 334 e 335. 1993.

KILIAN-DIRLMEIER, Imma. Thera and Warfare "The Wall Paitings of Thera: Proceedings of the First International Symposium" Vol.II, Hellas: 1997 pag 825-830.

LÓPEZ, García José. *La religión griega,* Madrid: Ed. Istmo. 1975.

LOW, Polly. *Interstate Relations in Classical Greece*, New York: Cambridge University Press, 2007.

MACGUILLIVRAY, Joseph Alexander. *Minotauro, Sir Arthur Evans e a Arqueologia de um Mito,* Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

MARINATOS, Nanno. *Nature as ideology:* landscapes on the thera ships. The Wall Paitings of Thera: proceedings of the First International Symposium" Vol.II, Hellas: p.907-913. 1997.

MARINATOS, Nanno. *Minoan Kingship and the Solar Goddess:* a near eastern Koine. Illinois: University of Illinois Press, 2010.

MARINATOS, Nanno. *Taureador Scenes – In Tell El-Daba (Avaris) and Knossos.* Viena: Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2007.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva.* Lisboa: Ed. 70, 2011.

MCCREERY, Allyson M. *Evidence for warfare on crete during the early and middle bronze Age*. Philadelphia: Para Temple University Graduate Board, 2010.

MELLERSH, H. E. L. *The destruction of Knossos:* the rise and fall of minoan Crete. London: Hamish Hamilton, 1970.

MÍRIA, Liza Alves Forancelli Pacheco. *As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia.* Curitiba: Editora UFPR, 2008.

NEGBI, Moshe. *Saffron:* crocus Sativus L in Medicinal and Aromatic Plants v.8. Amsterdam: Taylor ; Francis, 2006.

NIEMEIER, Wolf-Dietrich and Barbara. *Aegean Frescoes in Syria-Palestine: Alalakh and Tel Kabri. "*The Wall Paitings of Thera: Proceedings of the First International Symposium" Vol.II, Hellas: 1997 pag 763-802.

PHILLIPSON, Lambrou. *"Seafaring in the Bronze Age Mediterranean:* the parameters involved in Maritime Travel. In: LAFFINEUR, R ; BASCH, L. *Thalassa:* L'Egee Prehistorique et la Mer, (*Aegaeum*, 7) Liège: 1991. Págs. 11-19.

POLANYII, Karl. *A grande transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli, *Análise do discurso:* princípios e procedimentos Campinas: Ed. Fontes, 2003.

RETHEMIOTAKIS, Yorgos. *The ring of minos and gold Minoan Rings*. Athens: Ministry of Culture, 2004.

ROSA, Claudia Beltrão da. ET AL. *Em busca do Antigo.* Rio de Janeiro: Ed. NAU 2011.

SETERS, John van. *Em busca da história, historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica.* São Paulo: Ed. USP, 2008.

SILVA, Rogério Forastieri da Silva, *História da historiografia, capítulos para uma história das histórias da historiografia.* São Paulo: EDUSC, 2001.

SKOULAS, Yannis. *Crete*: centuries carved in Stone. Crete: Heraklion, 2008.

SPALINGER, Anthony J. *War in Ancient Egypt*. Malden: Ed. Blackwell Publishing, 2005

TAYLOR, Lord William. *Os micénios.* Lisboa: Ed. Verbo, 1970.

BRITISH MUSEUM. *The Tell El-Amarna Tablets*. London: Oxford University Press, 1892.

THURNWALD, Richard. *Economics in primitive communities*. Oxford: Oxford University Press; 1932.

THURNWALD, Richard. *Die Gemeinde der Bánaro:* Ehe, Verwandschaft und Gesellschaftsbau eines Stammes im Innern von Neu-Guinea: Aus den Ergebnissen einer Forschungsreise 1913-15. Ein Beitrag zur Entstehungsgeschichte von Familie und Staat. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke; 1921.

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso.* Brasília: Ed. UNB Coleções Ipri,1987.

TZORAKIS, George. Knossos. *A new guide to the palace of knossos*. Athens: Hesperos Editions, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero.* São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

WATROUS, L. Vance. Kommos III: the late bronze Age Pottery. Princeton: 1992.

WIERNER, M.H. *The isles of crete*? the minoan thalassocracy revisited thera and the aegean world 3, Volume One: Archaeology Proceedings of the Third Internetional Congress, Santorini, Greece, 3-9 September 1989. Pag. 128-161. 1989.

WILLETTS, R.F. *The civilization of ancient crete - Palace and Palace Economy*. New York: Barnes ; Noble books, 1995.

ANEXO - Documentações Textuais e Imagéticas

1. Processo de descrição de conteúdo

Autor/Obra	**ANACREONTE,** ***Anacreontea-Poemas à maneira de Anacreonte,*** **Trad. Carlos A.M. de Jesus, Edições Fluir Perene. Coimbra: 2009.**
Período/Região	**Séculos VI a.C. Transição do arcaico para o clássico**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Privado**
Manifestação da língua	**Grego arcaico do VI ao V século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Texto em linguagem poética**
Qualificação do texto	**Poesia lírica**
Comunicação do texto	**Poesia recitada em banquetes privados.**
Processo de interação	**Banquetes privados voltados para aristocracia.**
Conceitos operacionais do texto	**Casamentos entre a realeza (exogamia real), narrativa mítica, rotas marítimas do Mediterrâneo. Realeza-palaciana cretense.**

3. Categorias Temáticas

Tema	**Citação/ Referência**	**Projeção**
Divindade	***Este touro aqui, meu jovem, parece-me que é um Zeus...*** ANACREONTE, ***Anacreontea*** **Livro I Verso 54**	**Refere-se ao touro branco e reluzente em que Zeus se transforma para seduzir Europa, princesa de Sídon. Divindade como símbolo de poder (touro). Touro representando a divindade Zeus;**
Mulher Sidônia/ figura feminina	***...já que leva, sobre as costas, a mulher sidônia.*** ANACREONTE, ***Anacreontea*** **Livro I Verso 55**	**Europa, filha de Agenor, rei de Sídon uma cidade-porto fenícia importante localizada no Costa do Levante.**
Atividades marítimas	***Cruza a imensidão do mar e corta as ondas com os cascos.*** ANACREONTE, ***Anacreontea*** **Livro I Verso 56**	**O ato de cruzar o mar é referente às rotas marítimas e aos contatos sócio-culturais entre grupos distintos de regiões costeiras.**
Rebanho/f rota naval	***É que nenhum outro touro, assim afastado do rebanho,*** ANACREONTE, ***Anacreontea*** **Livro I Verso 57**	**Talassocracia cretense. Remete a relação de poder da realeza palaciana numa ação de domínio único de poder naval.**
Navegação /domínio do mar	***...navegaria pelo oceano, nenhum outro que não esse.*** ANACREONTE, ***Anacreontea*** **Livro I Verso 58**	**Singularidade de poder marítimo exercido nas rotas do Egeu e Mediterrâneo pelos cretenses e sua marinha.**

1. Processo de descrição de conteúdo

Autor/Obra	**HERÓDOTO, *Historia,* Trad. J. Brito Broca, Ed. Ediouro. Rio de Janeiro: 2001.**
Período/Região	**Séculos V a.C. Região do Dodecaneso (ilha de Samos)**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Discurso Privado, direcionado a aristocracia guerreira do período arcaico. Através narrativas épicas.**
Manifestação da língua	**Grego (Dialeto Jônico) do V século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Texto em grego jônico.**
Qualificação do texto	**Linguagem erudita, descritiva. Contatos políticos.**
Comunicação do texto	**Voltada para uma aristocracia oriunda das sociedades palacianas do período arcaico.**
Processo de interseção	**Eruditos e aristocracia.**
Conceitos operacionais do texto	**Talassocracia cretense, contados comerciais marítimos. *Nautés. Casamentos exogâmicos.***

4. Categorias Temáticas

Tema	Citação/ Referência	*Projeção*
Contatos entre cidades portuárias	***"... Acrescentam os persas que pouco depois, alguns gregos, cujos nomes não gravaram vieram a Tiro, na Fenícia..."*** HERÓDOTO, ***História* Livro I verso II**	**Heródoto relata da versão dos persas sobre o rapto de Europa de Sídon. Desta forma ele se refere aos cretenses, diferentemente das versões míticas que relacionam Zeus como o raptor divino.**
Raptos de mulheres (exogamia)	***...Raptaram Europa, filha do rei.*** HERÓDOTO, ***História* Livro I verso II**	**Referência aos casamentos entre grupos diferentes presente nas casas reais (exogamia) entre as casa reais (cretense e fenícia)**
Cretenses	***"Eram sem dúvida os cretenses."*** HERÓDOTO, ***História* Livro I verso II**	**Heródoto corrobora sua informação baseado nas narrativas míticas sobre o rapto de Europa sendo que agora ele se refere não a um deus (Zeus) que ali estava, mas, grupos cretenses embarcados.**
Disputas de poder na realeza-palaciana	***"... Sárpedon e Minos, filhos de Europa, disputaram entre si a soberania.*** HERÓDOTO, ***História* Livro II verso CLXXIII**	**Minos, a fim de que possuísse a poder total da ilha combate e expulsa as outras casas da realeza de outros palácios centralizando o poder.**
Supremacia de Cnossos	***"...Minos levou a melhor..."*** HERÓDOTO, ***História* Livro II verso CLXXIII**	**Minos obtém a vitória entre os seus irmãos possuindo poder total na ilha e a supremacia marítima cretense.**
Exílio de dissidentes	***"... Sárpedon foi expulso com todos seus partidários..."*** HERÓDOTO, ***História* Livro II verso CLXXIII**	**Os dissidentes são banidos e se intalam em outras localidades fora da ilha. Sárpedon derrotado migra com sua corte para a Lídia onde funda outra cidade fora de Creta.**
Talassocracia no Egeu	***"Acredita-se que Polícrates foi o primeiro dos helenos dos quais temos qualquer conhecimento que direcionou sua mente a fim de obter o domínio do mar, com exceção de Minos de Cnossos e qualquer outro que possa ter tido o domínio do mar antes de seu tempo. Daquilo que chamamos de raça mortal, Polícrates foi o pioneiro e tinha grande expectativa de se tornar governador das Jônias e das ilhas."*** HERÓDOTO, História **Livro III versos 122**	**Heródoto enaltece a figura de Polícrates de Samos como o homem mais proeminente a montar uma frota poderosa capaz de obter o domínio de mar após Minos de Cnossos.**
Alianças entre grupos	***Os cários, que passaram das ilhas para o continente, foram outrora súditos de Minos.*** HERÓDOTO, ***História* Livro II verso CLXXI**	**Grupos navegantes aliados de Creta no Egeu e na Costa do Peloponeso**
Tributação (isenção)	***Eram então conhecidos por lelegos. Habitavam as ilhas e não pagavam nenhum tributo...*** HERÓDOTO, ***História* Livro II verso**	**Cobrança de tributos pela utilização de rotas e afins por Creta.**

	CLXXI	
Arregimento de tropas e navios.	***mas, todas as vezes que Minos precisava deles estavam prontos em seus navios.*** HERÓDOTO, ***História*** **Livro II verso CLXXI**	**Tropas arregimentadas de seus aliados de mar por Creta.**

1. Processo de descrição de conteúdo

Autor/Obra	**HOMERO, *Ilíada*, Trad. de Manuel Odorico Mendes, São Paulo: E-Books Brasil, 2009.**
Período/Região	**Séculos VII e VI a.C.**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Discurso Privado, direcionado a aristocracia guerreira do período arcaico. Através narrativas épicas.**
Manifestação da língua	**Grego Jônico e Eólico do VII século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Linguagem poética com termos náuticos e militares.**
Qualificação do texto	**Discurso poético. Registros militares**
Comunicação do texto	**Voltada para uma aristocracia oriunda das sociedades palacianas do período arcaico.**
Processo de interação	**Narrativas poéticas de cunho militar.**
Conceitos operacionais do texto	**Marinha militar, equipamentos de guerra.**

3. Categorias Temáticas

Tema	***Citação/ Referência***	***Projeção***
Marinha de guerra	***"Fuscos oitenta cascos (quarenta navios de alto-mar- minha tradução)"*** HOMERO, ***Ilíada*** **Livro II página 95**	***Os gregos organizam uma frota arregimentando de todas as suas cidades contra os troianos.***
Renome dos marinheiros cretenses e outras cidades. Inclusão de Creta na lista de aliados micênicos.	***"...das famosas Licto, Mileto, Rício, Festo e Cnosso, da murada Gortina, alva Licasto..."*** HOMERO, ***Ilíada*** **Livro II página 95**	**Dentre as cidades de renome por tradição de marinha aparece a citação constante de Creta.**
Equipamento militar cretense.	***"Ulisses o terçado, Coldre e arco, e de pele um capacete Que, de rígidos loros dentro o forro, De javali tem fora os brancos dentes, Em reforço com arte à roda apostos, E feltro espesso o fundo lhe guarnece."*** HOMERO, ***Ilíada*** **Livro X página 211**	**Descrição de um elmo feito com dentes de javali típico modelo de Creta.**

1.Processo de descrição de conteúdo

Autor/Obra	**HOMERO, *Odisséia*, Trad. de Manuel Odorico Mendes, São Paulo: E-Books Brasil, 2009.**
Período/Região	**Séculos VII e VI a.C.**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Discurso Privado, direcionado a aristocracia guerreira do período arcaico. Através narrativas épicas.**
Manifestação da língua	**Grego Jônico e Eólico do VII século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Texto em prosa.**
Qualificação do texto	**Discurso épico**
Comunicação do texto	**O texto refere-se às narrativas míticas das viagens de Odisseus, rei de Ítaca após as campanhas em Tróia**
Processo de interação	**Voltada para uma sociedade de guerreiros num surgimento da uma aristocracia oriunda da sociedades palacianas do período arcaico.**
Conceitos operacionais do texto	**Navegação, rotas marítimas, cidades portuárias do Egeu.**

3. Categorias Temáticas

Tema	***Citação /Referência***	***Projeção***
Comando de embarcação/ *kubernetes* *Pirataria*	***"Antes de irmos a Tróia, nove vezes regi corsários..."*** HOMERO, ***Odisséia*** **Livro XIV Verso 182**	**Refere-se às práticas de pirataria no Egeu.**
Acúmulo de riquezas e o respeito ao *kubernetes*.	***"...locupletou-se a casa, e entre os cretenses tive grande renome e autoridade."*** HOMERO, ***Odisséia*** **Livro XIV Verso 186**	**Odisseus demonstra em suas palavras seu comando entre marinheiros renomados cretenses, conhecidos e experientes. Comando de embarcação baseado na distribuição de butim.**
Cidades importantes/ marinha/grupos étnicos	***"De escuras vagas circúnflua jaz recunda e linda Creta, Com cidades noventa e infindos homens De língua mista: Aqueus, Cídones, Cressos Indígenas de prol, divos Pelasgos, Dórios cristados."*** HOMERO, ***Odisséia*** **Livro XIX Versos 132 a 137**	**Dentre as cidades mais importantes relatadas pelo autor na guerra Creta está presente na lista. Cidades de renome conhecidas pelas suas frotas**

1. Processo de descrição de conteúdo

Obra	***Cartas de Amarna - The Tell El-Amarna Tablets***. Toronto: Mercer, 1939.
Período/Região	**1390 a 1338 a.C. XVIII dinastia / Egito faraônico.**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Privado**
Manifestação da língua	**Acadiano do XIV século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Texto em linguagem descritiva**
Qualificação do texto	**Registros de Estado**
Comunicação do texto	**Encarregados de administração palaciana/Faraó.**
Processo de interação	**Informes reais.**
Conceitos operacionais do texto	**Relatos de ataques piratas e entrepostos levantinos.**

3. Categorias Temáticas

Tema	Citação/ Referência	Projeção
Solicitação de tropas	**"*Envie-me soldados e provisões!*"** ***The Tell El-Amarna Tablets.*** **Toronto: Mercer, 1939, n°85.**	**A carta solicita ao faraó com urgência envio de tropas em socorro da cidade de Byblos, região do levante eu sofre ataques de grupos piratas navegantes.**
Solicitação de tropas	**"*Ponha um de seus homens em cada uma das cidades e impeça-os [os inimigos] de usarem os barcos contra mim!*".** ***The Tell El-Amarna Tablets.*** **Toronto: Mercer, 1939, n°101.**	**Refere-se à colocação de guarnições egípcias (um homem, pode se referir a um chefe e seu pelotão) em apoio nas cidades de Beirute, Tiro e Sídon.**
Relatos de ataques	**"*o [inimigo] se apoderou de um de meus navios e segue rumo a capturar mais navios*" *The Tell El-Amarna Tablets.*** **Toronto: Mercer, 1939, n°113.**	**Refere-se à captura de embarcações de um mercador chamado Rid-Addi pelos grupos atacantes piratas nas costas levantinas.**

1. Processo de descrição de conteúdo

Autor/Obra	TUCÍDIDES, ***História da Guerra do Peloponeso,*** Trad. Mário da Gama Kury Ed. UNB Coleções Ipri, Brasília: 1987.
Período/Região	**Séculos V a.C. Ática, polis ateniense.**
Gênero do Discurso Público/Privado	**Discurso Privado, direcionado a aristocracia guerreira do período arcaico. Através de descrições épicas.**
Manifestação da língua	**Grego ático do IV século a.C.**

2. Análise do texto

Propriedades da linguagem do texto	**Texto em grego ático do Séc. IV a.C.**
Qualificação do texto	**Linguagem erudita. Registros militares e políticos.**
Comunicação do texto	**Voltada para uma aristocracia oriunda das sociedades palacianas do período arcaico.**
Processo de interação	**Eruditos e aristocracia**
Conceitos operacionais do texto	**Marinha militar, domínio marítimo**

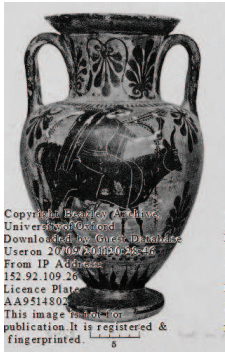
3. Categorias Temáticas

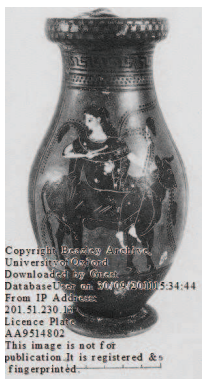
Tema	*Citação/ Referência*	*Projeção*
Marinha de guerra	***"Minos foi o mais antigo de todos os personagens tradicionalmente conhecidos a ter uma frota e a conquistar grande parte do, hoje chamado, Mar Helênico, tornando-se o senhor das ilhas Cíclades...".*** TUCÍDIDES, ***História da Guerra do Peloponeso,*** IV verso 130.	***Refere-se a Minos como o primeiro a dominar as rotas do Egeu e conquistando as ilhas locais.***
Colonização, pirataria	***"...primeiro colonizador da maior parte delas, expulsando os cários...". TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso,*** IV verso 134.	***Sobre a colonização das Cíclades, ataques a grupos piratas do Egeu.***
Governos coloniais, tributação das rotas marítimas	***"...estabelecendo nelas os seus próprios filhos como governantes...". TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, IV verso 135.***	***Minos estabelece entrepostos com nomeados de sua parentela a fim de regular as rotas no Egeu.***
Tributação das rotas marítimas, afastamento das práticas de pirataria.	***"...Ele também tentou, numa seqüência natural, livrar os mares tanto quanto possível da pirataria, para receber com maior segurança os tributos que lhe eram devidos...". TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, IV verso 137.***	***Minos ao estabelecer entrepostos mantém a pirataria afastada e procede com as cobranças de tributos às rotas no Egeu.***

Prancha Nº 01

Figura nº 01	Referente	**Localização**: Museu Nacional de Taquínia **Inventário**. nº RC7456 / Beazley nº 201935 **Procedência**: região de Etrúria **Função Social**: serviços de escanção **Data**: 525 a 475
	Signo Plástico	**Forma:** Cratera **Estilo/cor**: cerâmica ática de figuras vermelhas, **Tamanho:** 15 cm **Volume**: 270 ml
	Ancoragem	Ausência de inscrição
	Signo Figurativo	Vaso de cerâmica grega com estilo de *figura vermelha* com imagem em um lado. A figura feminina parece conduzir o touro para um ritual de sacrifício.

Bibliografia: Hoorn, G. van, *Choes and Anthesteria* (Leiden, 1951): FIG.203, NO.1010;
Corpus Vasorum Antiquorum: ZURICH, *OFFENTLICHE SAMMLUNGEN*, 33, PL.(66) 24.21-22

Análise

	Repertórios
I.Anatômico:	
Mulher	Mulher jovem de tez branca estatura alta em posição que sugere flutuar sobre as águas em segundo plano da cena (atrás do touro) vestindo chiton plissado branco. Representação de Europa, princesa fenícia de Sídon, cidade-porto da costa levantina. A figura encontra-se com os braços estendidos olhando em direção à direita junto com o animal.
Touro	Figura bovina (touro) de aparência vigorosa (espalda bem selada, indica rebanho de bom corte) branca atravessando sobre as águas. Seus cascos tocam levemente a água. Seus chifres aparentam ser tamanho médio ausente de pontas. Sua direção está voltada para direita olhando em direção ao horizonte.
II.Utensílios	
Cratera	A cerâmica ática do Século V a.C. oriunda das regiões da Etrúria, do tipo *figuras vermelhas,* denominada cratera tem utilização em banquetes e afins para condicionamento de vinho.
III. Unidades Sintagmáticas	
Signos	**Intenção da Comunicação**
Mulher Princesa Europa	Nesta cena, ao contrário das demais imagens, Europa, filha de Agenor de Sidônia está representada ao lado do touro branco e reluzente, personificação de Zeus. Europa representa a casa fenícia e as relações com Creta através dos casamentos entre as nobrezas. Nesta representação, Europa olha para trás como se visse sua terra natal enquanto raptada pela alimária. Há uma possível interpretação de equivalência de poderes na figura embora o touro sagrado esteja à sua frente, porém Europa o conduz e já não olha mais para trás e sim na mesma direção que a alimária (mão ao chifre).
Indumentária	A figura jovem (Europa) veste um *Chiton* plissado de cor branca, vestimenta feminina usual da aristocracia grega. Sua cabeça está ornada com uma tiara *stephanoi*.
Touro Zeus Contatos da realeza com outras casas	Touro (Zeus) em direção à direita do vaso, Sua representação não se apresenta de acordo com as narrativas míticas onde Europa aparece montada ao mesmo. Zeus personificado em touro seduz a princesa Europa de Sídon e rapta-a até uma praia de Creta onde o enlace resultará no nascimento de três crianças: Minos, Radamantis e Sárpedon, adotadas por Astérion o rei local e que posteriormente se tornarão senhores da dinastia minóica na ilha sendo o primeiro senhor de Knossos e posteriormente de toda ilha. O touro branco representa a marinha cretense e seu poderio de navegação e vindicação divina de origem da nobiliarquia cretense real e justificando seu poder.
Superfície	A cena do vaso apresenta detalhes do mar aos pés dos personagens numa alusão ao salto do touro com a princesa fenícia atravessando as águas.
UFM	Mulher – touro - mar

Prancha Nº 02

Figuranº02		
	Referente	Localização: Syracuse, Museo Arch. Regionale Paolo Orsi **Inventário** Inv. nº, 8763/ Beazley nº 14251 **Procedência**: região de Athenas (fabricação); Sicília **Função Social**: recipiente de líquidos (água, vinho) **Data**: 525 a 475 a.C.
	Signo Plástico	**Forma**: Anfora de pescoço; **Estilo/cor**: cerâmica figuras negras, **Tamanho:**15 cm **Volume**: 270ml
	Ancoragem	Ausência de inscrição
	Signo Figurativo	Figura feminina (Europa) montada à espalda de figura bovina (Zeus) Ornamentos sugerem videiras.

- Corpus Vasorum Antiquorum: SYRACUSE, MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE 1, III.H.6, PL.(813) 8.5

Análise

Repertórios	
I.Anatômico:	Mulher jovem branca vestida de Chiton preto com os braços estendidos montada à espalda de figura bovina negra.
Mulher	Europa, jovem princesa fenícia de Sídon filha de Agenor, cidade-porto da costa levantina.
Touro	Zeus personificado em touro
II.Utensilios	
Anfora de pescoço	Tem como função social o transporte ou mesmo a utilização para os serviços domésticos como recipiente de água ou vinho.
III. UnidadesSintagmáticas	
Signos	**Intenção da Comunicação**
Mulher **Princesa Europa**	Europa, filha de Agenor de Sidônia se vislumbra com o touro branco (nesta cerâmica encontra-se na cor preta) e reluzente, personificação de Zeus o qual a leva à uma praia além-mar em Creta. Sua posição no vaso denota de condução do animal no qual percebemos a mão da mesma sobre o chifre do animal (símbolo de poder). Encontra-se montada à espalda em posição de sião, forma de montaria comum às mulheres nobres. Europa representa a casa fenícia e as relações com Creta através dos casamentos entre as nobrezas.
Indumentária	Europa veste um Chiton plissado de cor negra, vestimenta feminina usual da aristocracia grega.
Touro **Zeus**	Touro (Zeus) em direção à direita do vaso, Sua representação apresenta de acordo com as narrativas míticas onde Europa aparece montada ao mesmo. Zeus personificado em touro seduz a princesa Europa de Sídon e rapta-a até uma praia de Creta onde o enlace resultará no nascimento de três crianças: Minos, Radamantis e Sárpedon, adotadas por Astérion o rei local e que posteriormente se tornarão senhores da dinastia minóica na ilha sendo o primeiro senhor de Knossos.
Superfície	A cena do vaso encontra-se ornada com folhas que sugerem videiras, o que pode distinguir a peça no banquete de que esta fosse reservada exclusivamente como recipiente de vinho à mesa comensal e não à água.
UFM	Mulher - touro

Prancha Nº 03

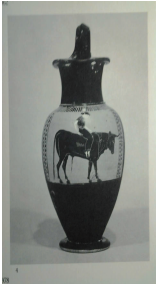



Figura nº 03	Referente	**Localização**: Rhodes, Archaeological Museum Inventário**. nº 14293/ Beazley nº 10662** **Procedência**: RHODES, IALYSOS **Fabricação:** Atenas **Função Social**: servir vinho **Data**: 525 a 475
	Signo Plástico	**Forma:** olpe **Estilo/cor**: Pintura de figuras negras, **Tamanho:** 15 cm **Volume**: 270 ml
	Ancoragem	Ausência de inscrição
	Signo Figurativo	Personagem feminina (representação de Europa) com vestidos e tiara. Figura bovina (representação de Zeus). Friso representativo (ondas de mar)
Bibliografia: Corpus Vasorum Antiquorum: RODI, MUSEO ARCHEOLOGICO DELLO SPEDALE DEI CAVALIERI 1, III.H.E.6, III.H.E.7, PL.(445) 13.2Clara Rhodos: III, 118, FIG.112		

Análise

Repertórios	
I.Anatômico:	Mulher jovem branca de cabelos negros segurando numa das mãos um cacho de uvas. Veste *Chiton* preto olhando à esquerda montada em sião à espalda de figura bovina preta (touro).
Mulher	Europa, princesa fenícia de Sídon, cidade-porto da costa levantina.
Touro	Touro negro com chifres olhando em direção à direita (rosto com leve aparência humanizada)
II.Utensílios	
olpe	Tem como função social o transporte ou mesmo a utilização para os serviços domésticos. A cerâmica possui ornamentos que denotam de videiras o que pode sugerir de seu ofício aos comensais do banquete. A cerâmica Ateniense do Século V a.C. oriunda das regiões de RHODES, IALYSOS do tipo *figuras vermelhas,* denominada *olpe* tem utilização em banquetes e afins para condicionamento de vinho.

III. UnidadesSintagmáticas	
Signos	**Intenção da Comunicação**
Mulher **Princesa Europa**	Nesta cena Europa, filha de Agenor de Sidônia ao se vislumbrar com o touro branco e reluzente, personificação de Zeus, monta-o e é raptada. Este a leva até uma praia em Creta. Encontra-se montada à espalda em posição de sião, forma de montaria comum às mulheres nobres. Europa representa a casa fenícia e as relações com Creta através dos casamentos entre as nobrezas. Nesta representação, Europa olha para trás como se visse sua terra natal enquanto raptada pela alimária.
Indumentária	Europa veste um Chiton plissado de cor preta, vestimenta feminina usual da aristocracia grega.
Touro **Zeus**	Touro (Zeus) em direção à direita do vaso, Sua representação apresenta de acordo com as narrativas míticas onde Europa aparece montada ao mesmo. O touro branco (Na narrativa a cor difere da cerâmica) representa a marinha cretense e seu poderio de navegação e vindicação divina de origem da nobiliarquia cretense real e justificando seu poder.
Superfície	A cena do vaso apresenta detalhes como videiras ao fundo e interagindo com os personagens entre os quais a figura feminina que apanha um cacho com a mão direita. Aos pés da alimária vê-se a representação de mar onde este saltou.
UFM	Mulher – touro – ramos de videira

Prancha Nº 04

<table>
<tr><td rowspan="4">Figuranº04</td><td>Referente</td><td>Localização: Cleveland (OH), Museum of Art: 29.978
Inventário Inv. nº, 29.978/ Beazley nº 303205
Procedência: região de Atenas (fabricação)
Função Social: recipiente para líquidos para libação do vinho aos deuses (lavabo)
Data: -550 to -500</td></tr>
<tr><td>Signo Plástico</td><td>Forma: OINOCHOE ou prochoos;
Estilo/cor: pinturas de figuras negras,
Tamanho:15 cm
Volume: 270ml</td></tr>
<tr><td>Ancoragem</td><td>Ausência de inscrição</td></tr>
<tr><td>Signo Figurativo</td><td>Figura A - feminina (Europa) montada à espalda de figura bovina (Zeus).</td></tr>
</table>

- Ostraka: 7 (1998) 169, FIG.11 (BD)
  Beazley, J.D., Attic Black-Figure Vase-Painters (Oxford, 1956): 422.4
  Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae: IV, PL.34, EUROPA I 29
  Corpus Vasorum Antiquorum: CLEVELAND, MUSEUM OF ART 1, 12, PL.(697) 17.3-4
  Carpenter, T.H., with Mannack, T., and Mendonca, M., Beazley Addenda, 2nd edition (Oxford, 1989): 109

Análise

Repertórios	
I.Anatômico:	Mulher vestida de Chiton preto montada à espalda de figura bovina negra.
Mulher	Europa, princesa fenícia de Sídon, cidade-porto da costa levantina.
Touro	Zeus personificado em touro
II.Utensilios	
OINOCHOE ou *prochoos*	Cerâmica ateniense do Século V a.C. oriunda das regiões de Atenas do tipo: *figuras negras.* Tem como função social o transporte ou mesmo a utilização para os serviços domésticos como recipiente de água ou vinho.
III. UnidadesSintagmáticas	
Signos	**Intenção da Comunicação**
Mulher **Princesa Europa**	Europa, filha de Agenor de Sidônia se vislumbra com o touro branco (nesta cerâmica encontra-se na cor preta) e reluzente, personificação de Zeus o qual a leva à uma praia além-mar em Creta. Encontra-se montada à espalda em posição de sião, forma de montaria comum às mulheres.
Indumentária	Europa veste um Chiton plissado de cor negra, vestimenta feminina usual da aristocracia grega.
Touro **Zeus**	Touro negro (Zeus) em direção à direita do vaso, Sua representação ,conforme as narrativas míticas, Europa aparece montada ao mesmo. Zeus personificado em touro seduz a princesa Europa de Sídon e raptar-a até uma praia de Creta. Na narrativa mítica o touro é branco e reluzente.
Superfície	A cena do vaso encontra-se ornada com folhas que sugerem videiras, o que pode distinguir a peça no banquete de que esta fosse reservada exclusivamente como recipiente de vinho à mesa comensal e não à água.
UFM	Mulher - touro

Prancha Nº 05

Figura nº05	Referente	Localização: Agrigento, Museo Archeologico Regionale: 1319 Agrigento, Soprintendenza: XXXX0.2588 **Inventário Inv. nº, 202588/ Beazley nº 1319** **Procedência**: região de Athenas (fabricação) SICILY, MONTE SARACENO (?) **Função Social**: recipiente de líquidos (água, vinho) **Data**: -500 to -450
	Signo Plástico	**Forma**: Pelike; **Estilo/cor**: pintura de figuras vermelhas, **Tamanho:**15 cm **Volume**: 270ml
	Ancoragem	Ausência de inscrição
	Signo Figurativo	Figura A - feminina (Europa) montada à espalda de figura bovina (Zeus).

- Lacroix, L., Etudes d'archeologie numismatique (Paris, 1974): PL.91.1 (A)
  Beazley, J.D., Attic Red-Figure Vase-Painters, 2nd edition (Oxford, 1963): 286.13
  Carpenter, T.H., with Mannack, T., and Mendonca, M., Beazley Addenda, 2nd edition (Oxford, 1989): 209
  Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae: IV, PL.35, EUROPA I 42 (A)

Análise

Repertórios	
I.Anatômico:	Mulher jovem vestida de Chiton brando e tiara à cabeça montada em sião à espalda de figura bovina branca a qual ela conduz com a mão direita ao chifre, porém olhando para trás.
Mulher	Europa, princesa fenícia de Sídon, cidade-porto da costa levantina.
Touro	Zeus personificado em touro
II.Utensílios	
Pelike	Tem como função social o transporte ou mesmo a utilização para os serviços domésticos como recipiente de água ou vinho.
III. UnidadesSintagmáticas	
Signos	**Intenção da Comunicação**
Mulher **Princesa Europa**	Nesta cena Europa, filha de Agenor de Sidônia ao se vislumbrar com o touro branco e reluzente, personificação de Zeus, monta-o e é raptada. Este a leva até uma praia em Creta. Sua posição no vaso denota de condução do animal no qual percebemos a mão da mesma sobre o chifre do animal (símbolo de poder e condução). Encontra-se montada à espalda em posição de sião, forma de montaria comum às mulheres nobres. Europa representa a casa fenícia e as relações com Creta através dos casamentos entre as nobrezas. Nesta representação, Europa olha para trás como se visse sua terra natal enquanto raptada pela alimária.
Indumentária	Europa veste um Chiton plissado de cor branca, vestimenta feminina usual da aristocracia grega.
Touro **Zeus**	Touro branco (Zeus) em direção à direita do vaso, Sua representação apresenta de acordo com as narrativas míticas onde Europa aparece montada ao mesmo. Zeus personificado em touro seduz a princesa Europa de Sídon e raptando-a até uma praia de Creta. O touro branco representaria a marinha cretense e seu poderio de navegação e vindicação divina de origem da nobiliarquia cretense real e justificando seu poder.
Superfície	A cena do vaso não possui maiores detalhes além dos personagens citados, quiçá um friso apenas de acabamento de cerâmica.
UFM	Mulher – touro - mar